

# JAMES PATTERSON

N.º 1 em todo o mundo  
Mais de 295 milhões de livros vendidos

## *Primeiro Amor*



e EMILY RAYMOND



TOPSELLER

# Índice

Capa

Conversão e Formatação

Início

Editora

Dedicatória

Prólogo Um

Prólogo Dois

Parte Um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Parte Dois

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35  
Capítulo 36  
Capítulo 37  
Capítulo 38  
Capítulo 39  
Capítulo 40  
Capítulo 41  
Capítulo 42  
Capítulo 43  
Capítulo 44  
Capítulo 45  
Capítulo 46  
Capítulo 47  
Capítulo 48  
Capítulo 49  
Capítulo 50  
Capítulo 51  
Capítulo 52  
Capítulo 53  
Epílogo

Notas

Autor best-seller #1 do *The New York Times*

# JAMES PATTERSON

## *Primeiro Amor*



*Um retrato comovente de um verdadeiro  
amor, que vai tocar o coração de quem tem  
um primeiro amor todo seu*



e EMILY RAYMOND



CONVERTIDO E FORMATADO POR JÚLIO CESAR

<https://www.facebook.com/julioCWmaciel>

julioCWmaciel@gmail.com

PARA MELHOR VISUALIZAÇÃO COM AS IMAGENS

USAR FUNDO DE TELA

**BRANCA**

# Primeiro Amor

**JAMES PATTERSON**

*e Emily Raymond*

Tradução

Elaine Cristina Albino de Oliveira



Esta edição foi publicada sob acordo com Little, Brown and Company, New York, New York, USA.

Título original: First love

Copyright © 2014 by James Patterson

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Patterson, James

Primeiro amor / James Patterson, Emily Raymond ; tradução Elaine Cristina Albino de Oliveira. --  
Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: First love.

ISBN 978-85-8163-407-4

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana

I. Raymond, Emily. II. Título.

13-13841 | CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura

norte-americana 813.5

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP



Para Jane

No outono de 2010, entreguei o esboço de *Primeiro Amor* ao meu editor, mas a história, de fato, começara muitos anos antes. Eu estava apaixonado por uma mulher chamada Jane Blanchard. Certa manhã, nós estávamos caminhando em Nova York.

Aparentemente do nada, Jane teve uma convulsão violenta. Ela lutou contra o câncer durante os dois anos seguintes e, então, morreu ainda jovem. Jovem demais. Janie, sinto saudades do seu sorriso. Espero que ele permaneça vivo neste livro, nesta história de amor que me faz recordar nosso tempo juntos (ainda que eu não me lembre de ter roubado carro nenhum).

J. P.



## Prólogo Um

Ok, posso não estar causando boa impressão ao admitir isso, mas me deixe dizer logo de cara que eu era muito careta, tão certinha que matar as duas últimas aulas do dia (física avançada e inglês avançado) me deixou tão ridícula e loucamente apavorada que chegou a passar pela minha cabeça que aquele plano maluco não valeria a pena.

Quando penso nisso hoje, mal posso acreditar que estive tão perto de desistir da mais bela, mais engraçada, mais dolorosa e mais extraordinária experiência que terei por toda a vida.

Que idiota eu era.

Eu estava no Ernie's e sentia um enorme frio na barriga. As pontas das minhas botas country batiam incessantemente no balcão, até que Ernie – que tem cerca um milhão de anos de idade e é, basicamente, um resmungão – me pediu para parar. Mas Ernie está a um show do Nickelback de distância da surdez completa, então tirei as botas e continuei batendo com o pé no balcão.

Eu estava contente por ele não ter perguntado por que eu estava sentada em sua lanchonete antiquada, tomando um café gigantesco (do qual eu precisava tanto quanto precisava de um buraco para enfiar a cabeça), em vez de estar a dois quarteirões dali, no Colégio Klamath Falls, ouvindo o Sr. Fox tagarelar sobre o espaço-tempo contínuo. O que eu teria dito?

*Bem, Ernie — quero dizer, Sr. Holman —, estou esperando um garoto com quem eu nunca poderia namorar e prestes a pedir que ele faça algo tão espantoso que irá salvar nossas vidas ou nos destruir completamente.*

Ernie não se importava muito com dramas adolescentes, e é provavelmente por isso que ninguém que eu conhecia frequentava seu estabelecimento – isso e o fato de seus doces serem empoeirados e as barras de Snickers, tão duras que podiam ser usadas como pés de cabra.

Mas eu não me importo. O garoto que eu mencionei também não. Ernie's é o nosso lugar.

Esse mesmo garoto me enviara um recado naquele dia. De algum modo ele conseguiu acesso a meu armário, mesmo não frequentando mais minha escola, e mesmo que tivéssemos um sistema de segurança do nível dos SEALs da Marinha – para nos proteger sabe-se lá de quê (rebeliões contra o tédio de cidades pequenas, talvez).

Axi,

*Então você tem novidades que vão abalar o mundo, é? Estou chocada por você pensar que pode me*

*surpreender – ou surpreso por você pensar que pode me chocar. Ou algo assim. Você é a nerd das palavras. Bem, de qualquer modo, mal posso esperar para saber das novidades.*

*Me encontre no Ernie's. À 1:15. Sim, isso significa matar aula. Sem desculpas.*

*Seu “Patife” preferido*

Esse é Robinson. Eu o chamei de patife uma vez, de brincadeira, e ele nunca mais me deixou esquecer. Ele tem 17 anos. Meu melhor amigo. Meu parceiro no crime.

Ouvi a porta da frente se abrir e poderia afirmar que ele chegara apenas pelo modo como o rosto de Ernie começou a reluzir, como se alguém acabasse de lhe entregar um presente. Robinson tinha esse efeito sobre as pessoas: quando entrava em algum lugar, era como se, repentinamente, as luzes se tornassem mais brilhantes.

Ele se aproximou e colocou a mão sobre meu ombro.

— Axi, sua boba — ele disse (afetuosamente, claro). — Nunca beba o café do Ernie sem um donut. — Ele se aproximou ainda mais e sussurrou: — Aquilo vai abrir um buraco gigante em seu estômago.

Então ele se sentou no banquinho ao lado do meu, de pernas abertas, pernas magricelas em sua Levi's desbotada. Estava usando uma camisa de flanela, mesmo sendo fim de maio e fazendo 25°C lá fora.

— Ei, Ernie — ele chamou. — Você ouviu que os Timbers mandaram o técnico embora? Será que pode nos trazer um donut de chocolate?

Ernie se aproximou, balançando a cabeça grisalha.

— Futebol! — ele resmungou. — O que o Oregon precisa é de um time profissional de beisebol.

Esse sim é um esporte de verdade. — Colocou o donut em um velho prato lascado. — Por conta da casa.

Robinson se virou para mim, sorrindo e apontado o polegar para Ernie.

— Eu amo esse cara.

Era óbvio que o sentimento era recíproco.

— E aí? — Robinson disse, me dando total atenção. — Qual é a ideia maluca? Finalmente vai aprender a dirigir? Decidiu tomar uma cerveja inteira? Vai deixar de fazer a lição de casa tão assiduamente?

Ele está sempre pegando no meu pé pelo fato de eu ser comportada. Robinson acha — e meu pai concorda — que é super-rebelde só porque abandonou a escola, um lugar que ele considera

“insuficientemente cativante” e “habitado por cretinos” (cretinos foi uma palavra que eu ensinei a ele, claro). Pessoalmente, acho que faz sentido.

— Provavelmente vou reprovar em tudo, exceto inglês — eu disse, e não estava exagerando. A média de minhas notas estava prestes a desabar e, com um pouco de sorte, eu não estaria por perto para fazer os exames. Uma semana atrás isso não me deixaria dormir à noite. Mas consegui deixar de me preocupar porque, se meu plano funcionasse, a vida que eu conhecia estava prestes a mudar.

— Conhecendo você, isso soa altamente improvável — Robinson replicou. — E daí se você estiver um pouco distraída e, Deus nos livre, tirar um B+ em alguma coisa? Você está muito ocupada escrevendo o *Grande Romance Americano*. A i!

Dei um tapa no braço dele.

— Por favor! Entre estudar e tomar conta do meu querido e velho pai, não tenho tido tempo nenhum para escrever. — Meu pai entrara em uma fase ruim alguns anos antes e estava tentado encontrar a saída no fundo de uma garrafa desde então. Desnecessário dizer que sua estratégia não estava funcionando muito bem. — Podemos nos concentrar no que estamos discutindo agora? —

perguntei.

— Que é...?

— Vou fugir de casa — anunciei.

O queixo de Robinson caiu. A propósito, ao contrário desta que vos fala, ele nunca precisou usar aparelho e seus dentes são perfeitos.

— E, para sua informação, você vai comigo — acrescentei.



## Prólogo Dois

— Você ouviu isso, Ernie? — Robinson gritou. Eu diria que ele parecia embasbacado, mas ele também nunca me deixaria esquecer dessa palavra.

Claro que Ernie não escutara nada, nem mesmo a pergunta de Robinson. Então, Robinson empurrou o prato com o donut e me encarou como se nunca houvesse me visto antes. Não consigo surpreendê-lo com frequência, por isso estava curtindo o momento.

— Você chegou a ler aquele livro que te dei, *On the Road*? — perguntei.

Agora Robinson ficou sem graça.

— Eu comecei...

Revirei os olhos. Sempre presenteio Robinson com livros e ele sempre me presenteia com música, mas, considerando que ele se distrai facilmente e meu iPod morreu, isso é o máximo que fazemos.

— Bem, Sal, que é ninguém menos que Jack Kerouac, o autor, e seus amigos viajam pelo país inteiro. Eles conhecem pessoas doidas e dançam em botecos de quinta categoria, escalam montanhas e apostam em corridas de cavalo. Nós vamos fazer isso, Robinson. Vamos deixar este buraco para trás e embarcar em uma viagem inesquecível. Do Oregon para Nova York, com algumas paradas pelo caminho, é claro.

Robinson estava piscando. *Quem é você?* — suas piscadas perguntavam.

Eu me sentei mais ereta em meu banquinho.

— Primeiro nós vamos visitar as sequoias, porque elas são tipo místicas. Depois vamos conhecer São Francisco e Los Angeles. Vamos seguir para o leste, para as Grandes Dunas de Areia, no Colorado. Daí vamos visitar Detroit, que é a capital dos automóveis, Robinson, bem aquilo de que você gosta. E, então, só porque você é viciado em velocidade, vamos dar uma volta no Millenium Force, em Cedar Point. Chega tipo a 190 por hora! Vamos para Coney Island. Vamos ver o Templo de Dendur, no MET. Vamos fazer qualquer coisa e tudo que quisermos!

Eu sabia que estava parecendo uma louca, então abri o mapa amassado para lhe mostrar como eu decidira tudo.

— Esta é nossa rota — expliquei. — Esta linha lilás somos nós.

— Nós — ele repetiu. Ele claramente estava demorando para compreender minha proposta.

— Nós. Você tem que vir — ordenei. — Não posso fazer isso sem você.

Era verdade, muito mais do que eu poderia admitir para ele, ou para mim mesma.

Robinson de repente começou a gargalhar, e continuou rindo por tanto tempo que eu temia que aquele fosse seu modo de dizer: *De jeito nenhum. Você é uma pessoa completamente pirada que se parece com a Axi, mas com certeza é apenas alguma louca varrida.*

— Se você não vier, quem vai me lembrar de comer um donut com meu café? — continuei, ainda despreparada para ouvir uma palavra dele, fosse ela cética ou sarcástica. — Você sabe que eu tenho um péssimo senso de direção. E se eu me perder em Los Angeles, os cientologistas me encontrarem e, de repente, eu começar a acreditar em Xenu e em alienígenas? E se eu ficar bêbada em Las Vegas e me casar com um estranho? Quem vai me cutucar quando eu começar a citar Shakespeare? Quem vai me proteger de tudo isso? Você não pode deixar uma garota de 16 anos atravessar o país sozinha.

Isso seria, tipo, moralmente irresponsável.

Robinson levantou uma mão, ainda rindo.

— Eu posso ser um patife, mas não sou moralmente irresponsável.

Finalmente o cara disse alguma coisa!

— Isso significa que você vem comigo? — perguntei, segurando o fôlego.

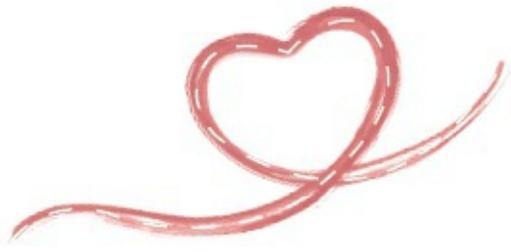
Robinson contemplou o teto. Ele estava me torturando e sabia disso. Pegou o prato e deu uma mordida pensativa em seu donut.

— Bem — ele começou.

— Bem o quê? — Eu estava chutando o balcão outra vez. Forte.

Ele correu uma mão pelos cabelos, que eram escuros e sempre um pouco despenteados, mesmo quando ele acabava de cortar. Então, voltou-se para mim e me olhou nos olhos.

— Bem — ele disse, muito calmamente. — Claro que vou.



# Parte Um



## Capítulo 1

Eram quatro e meia da manhã quando acordei e tirei a mochila de debaixo da cama.

Passei as últimas noites obsessivamente acrescentando ou retirando coisas, me certificando de que tinha exatamente o que precisaria e nada mais: algumas trocas de roupa, o sabonete do Dr. Bronner [\[1\]](#) (serve como “creme de barbear, xampu, creme dental, creme de massagem e sabonete para banho”, de acordo com o rótulo), e um canivete suíço que peguei da gaveta da escrivaninha do meu pai. Uma câmera e, claro, meu diário, que levo comigo para todo lugar.

Ah! E mais de mil e quinhentos dólares em dinheiro, porque eu sou a melhor babá do bairro há cinco anos e cobro de acordo.

Talvez uma parte de mim sempre soubesse que eu iria partir. Quer dizer, por que eu não gastara meu dinheiro em um iPad ou em um vestido Vera Wang para a formatura, como as outras garotas de minha classe? Eu tinha aquele mapa dos Estados Unidos na parede do quarto há anos e costumava olhar para ele por horas, imaginando como seriam o Colorado, Utah, Michigan e Tennessee.

Não acredito que demorei tanto tempo para criar coragem. Afinal, eu vi minha mãe partir. Seis meses depois que minha irmã mais nova, Carole Ann, morreu, minha mãe enxugou seus olhos vermelhos e nos deixou. Voltou para o leste, onde foi criada, e, até onde sei, nunca olhou para trás.

Talvez a compulsão por fugir seja genética. Minha mãe fugiu para escapar de sua dor. Meu pai usa o álcool para escapar. Agora é minha vez... e isso parece estranhamente certo. Depois de tanto tempo, quase consigo perdoar minha mãe por ter ido embora.

Vesti minha roupa de viagem e calcei os tênis — dando adeus às minhas botas favoritas — e coloquei a mochila nas costas, segurando apertado em suas alças. Eu sentiria saudades daquele apartamento, daquela cidade, daquela vida do mesmo modo como um ex-presidiário sente falta de sua cela na prisão, o que se resume a: Nem. Um. Pouco.

Meu pai estava dormindo no sofá horroroso da sala. O sofá tinha flores cor-de-rosa, e a cor agora parecia mais um marrom alaranjado, como se até mesmo as plantas de tecido pudessem morrer por negligência em nosso apartamento. Passei por ele e saí.

Meu pai emitiu um pequeno ronco, mas nem por isso se moveu. Nos últimos anos ele se acostumou a ver as pessoas partindo. Faria alguma diferença se outro membro da família Moore desaparecesse da vida dele?

No corredor, do lado de fora, eu parei. Pensei nele acordando e se arrastando até a cozinha para fazer

café. Ele veria como a deixei limpa e ficaria grato de verdade, e talvez decidisse voltar para casa mais cedo do trabalho e fazer um jantar de família (ou um jantar para o que resta da família).

Então ele esperaria por mim à mesa, do mesmo modo que esperei por ele tantas noites, até a comida esfriar.

Finalmente ele perceberia: eu havia partido.

Uma dor pesada se espalhou pelo meu peito. Me virei e voltei para dentro.

Meu pai estava deitado de costas, sua boca levemente aberta conforme respirava, os sapatos ainda nos pés. Estiquei a mão e toquei seu ombro levemente.

Ele não era um pai ruim, afinal de contas. Pagava o aluguel e a conta do mercado, mesmo sendo eu quem fazia compras. Quando conversávamos, o que não era frequente, ele perguntava sobre a escola e meus amigos. Eu sempre dizia que tudo estava ótimo, porque o amava o bastante para mentir. Ele fazia o melhor que podia, mesmo que seu melhor não fosse muito bom.

Escrevi cerca de oitocentos rascunhos de um bilhete de despedida. A Súplica: *Por favor, tente entender, pai. Preciso fazer isso.* O Elogio: *Foram o seu amor e o seu cuidado comigo, pai, que me deram coragem para fazer essa viagem.* O Literário: *Assim como o grande roteirista irlandês George Bernard Shaw escreveu, “Viver não é encontrar a si mesmo. Viver é criar a si mesmo”.* E

*eu quero criar a mim mesma, pai.* O Irritado: *Não se preocupe comigo. Sei cuidar de mim mesma.*

*Afinal, faça isso desde que mamãe nos deixou.* No final, nenhum deles parecia certo e joguei tudo fora.

Me aproximei dele. Senti o cheiro da cerveja, do suor e de sua loção de barbear.

— Ah, pai — sussurrei.

Talvez uma pequena parte de mim esperasse que ele acordasse e me impedisse de ir. Uma pequena parte de mim, fraca, que queria ser uma garotinha outra vez, com uma família que não estivesse doente ou despedaçada. Mas isso certamente não iria acontecer, iria?

Então, beijei-o no rosto. E dessa vez fui embora pra valer.



## Capítulo 2

Robinson estava esperando por mim em uma mesa ao fundo de uma lanchonete 24 horas na Avenida Klamath, a dois quarteirões do ponto de ônibus. A seu lado, uma mochila que parecia ter sido comprada de um andarilho em troca de um frango e alguns centavos. A expressão em seu rosto me fez lembrar de um cão de guarda descansando com um olho aberto. Ele me olhou através do vapor que subia de sua xícara de café.

— Eu pedi torta — ele disse.

Como se estivesse esperando pela deixa, a garçonete entregou um prato lambuzado com torta de mirtilo e dois garfos.

— Vocês dois acordaram cedo — ela comentou. Ainda estava escuro. Nem os pássaros tinham acordado.

— Nós somos vampiros, na verdade — Robinson respondeu. — Estamos fazendo uma boquinha antes de ir para a cama. — Ele forçou os olhos para ler o crachá da garçonete e então mandou aquele seu sorriso grande e maravilhoso para ela: — Não nos denuncie, Tiffany. Não preciso de uma estaca no coração. Só tenho quinhentos anos de idade. Jovem e charmoso demais para morrer.

Ela riu e falou comigo:

— Seu namorado é uma figura.

— Não, ele não é meu namorado — respondi rapidamente.

A resposta de Robinson foi quase tão rápida.

— Bem que ela queria, mas eu recusei.

Debaixo da mesa, lhe dei um chute e ele gritou.

— Ele está mentindo — expliquei à garçonete. — Foi o contrário.

— Vocês dois são uma comédia — Tiffany disse. Ela não era muito mais velha que nós, mas balançou a cabeça como se fôssemos duas crianças tolas. — Vocês deveriam colocar esse espetáculo no teatro.

Robinson deu uma mordida gigante na torta.

— Pode acreditar, nós vamos — ele prometeu.

Ele empurrou o prato na minha direção, e fiz que não com a cabeça. Eu não conseguia comer.

Estava controlando meus nervos, mas agora estava apreensiva. Quando foi que eu fizera algo tão monumental e insano como aquilo? Nunca nem cheguei em casa depois do horário estipulado.

— Anda logo com essa torta — pedi. — O ônibus para Eureka parte em 45 minutos.

Robinson parou de mastigar e me encarou.

— Como é?

— O *ônibuuuuus* — eu disse, prolongando a última sílaba. — Sabe aquele que vamos pegar? Para vazar daqui?

Robinson caiu na gargalhada e eu pensei em chutar sua canela outra vez, porque não precisa ser gênio para reconhecer a diferença entre rir *com* alguém e rir *de* alguém.

— O que é tão engraçado?

Ele se debruçou em minha direção e colocou suas mãos sobre as minhas.

— Axi, Axi, Axi — ele cantarolou, balançando a cabeça. — Esta é a viagem das nossas vidas.

Nós *não* vamos começá-la em um ônibus da Greyhound.

— Quê? Quem está planejando esta viagem, afinal? — perguntei. — E o que há de tão ruim com o ônibus?

Robinson suspirou.

— *Tudo* é ruim com o ônibus. Vou te dar alguns exemplos, assim você para de me olhar com esse olhar azul. Esta é *nossa* viagem, Axi, e não quero compartilhá-la com um cara que acabou de sair da cadeia ou com uma senhora que quer me mostrar as fotos de seus netos. — Apontou um garfo cheio de torta para mim. — Além disso, um ônibus é basicamente uma grande placa de Petri, cultivando superbactérias, e demora muito para chegar a qualquer lugar. Esses foram dois motivos extras.

Joguei as mãos para o alto.

— Da última vez que chequei, não tínhamos um jatinho particular, Robinson.

— Quem falou em avião? Nós vamos pegar um carro, sua boba — ele disse. Recostou-se na cadeira e cruzou os braços atrás da cabeça, calmo e impassível. — E eu realmente quero dizer *pegar* um carro.



## Capítulo 3

— O *que* você está fazendo? — resmunguei, enquanto Robinson me levava por uma das ruas paralelas. Suas pernas são duas vezes mais longas que as minhas, e eu precisei correr para acompanhá-lo.

Quando chegamos a um cruzamento, agarrei seu braço e o forcei a se virar para mim. Olhos nos olhos. Patife contra Srta. Careta.

— Está falando sério? — perguntei. — Me diga que não está falando sério.

Ele sorriu.

— Você cuidou da rota. Deixe que eu cuido do transporte.

— Robinson!

Ele se soltou e colocou o braço sobre meu ombro, como se fosse um irmão mais velho.

— Fique calma, MC. Vou lhe dar uma aula sobre como escolher um veículo.

— Uma aula sobre *o quê*? E não me chame disso. — MC significa Menina Careta, e fico irritada quando ele me chama assim.

Robinson apontou para um carro bem à frente.

— Aquele carro, veja, é um Jaguar. Bela máquina. Mas é um XJ6, e esse modelo tem problemas com o filtro de combustível. Você não pode roubar um carro que vaza gasolina, Axi, porque pode pegar fogo e você não vai querer morrer em um incêndio. Além disso, você certamente iria para a cadeia por roubo de carros de luxo.

Caminhamos um pouco mais, e Robinson apontou para uma minivan verde.

— A Dodge Grand Caravan é espaçosa e confiável, mas nós somos aventureiros, não mães de jogadores de futebol.

Decidi fingir que era tudo um faz de conta.

— Tudo bem. E aquela? — perguntei.

Ele olhou na direção em que apontei e ficou pensativo.

— Toyota Matrix. Sim, definitivamente uma boa opção. Mas estou procurando algo com um pouco mais de estilo.

Àquela altura, o sol estava começando a surgir no horizonte e os pássaros tinham acordado, conversando uns com os outros. Enquanto eu e Robinson continuávamos a caminhar pelas ruas arborizadas, eu sentia o bairro despertar. E se alguém saísse de casa para pegar o jornal e nos visse, dois sujeitos vadiando, inspecionando os carros da rua de modo muito suspeito?

— Chega disso, Robinson. Vamos sair daqui. — Eu esperava que ainda desse tempo de pegarmos o ônibus. Tínhamos dez minutos.

— Eu só quero o carro perfeito — ele respondeu.

Naquele momento, vimos algo com o canto dos olhos. Era marrom e rápido e vinha em nossa direção. Quase sem fôlego, estendi a mão para Robinson.

Ele riu e me puxou para perto dele.

— Caramba, Axi, se controle. É só um cachorro.

Meu coração estava palpitando.

— Eu sei que é... Agora eu sei.

Dava para ver que não era um cão de guarda. Era pequeno, com pelo longo e emaranhado. Sem coleira ou identificação. Dei um passo em sua direção, com a mão estendida, e ele recuou. Ele se virou, foi em direção a Robinson (claro) e lambeu sua mão. Daí, aquela coisinha deitou nos pés dele.

Robinson se ajoelhou para acariciar o animal.

— Robinson. — Eu estava ficando impaciente. — Ônibus da Greyhound ou carro roubado, temos que ir.

Ele parecia não me ouvir. Suas mãos longas e graciosas puxavam as orelhas do animal, que rolava no chão. Enquanto Robinson coçava sua barriga, a perna do cãozinho tremia e sua língua cor-de-rosa balançava para fora, em um momento de êxtase canino.

— Você é muito fofo — Robinson disse, gentilmente. — De onde você é?

O cachorro não podia responder, mas nós sabíamos. Ele estava magro e seu pelo, cheio de lama.

Dava para ver a pele em alguns lugares. Aquele cachorro não pertencia a ninguém.

— Quem dera você pudesse vir conosco — Robinson sussurrou. — Mas temos um longo caminho para percorrer e acho que você não iria gostar.

O cachorro olhou para ele como se quisesse dizer que gostaria de qualquer coisa no mundo, contanto que envolvesse ganhar mais carinho de Robinson. Mas, quando você está fugindo de sua vida e não pode carregar nada que não seja estritamente necessário, um cachorro abandonado cai na categoria

Não Necessário.

— Dê um pouco de amor para ele, Axi — Robinson insistiu.

Eu me abaixei e mergulhei os dedos na pelagem imunda do cachorro, como vi Robinson fazer.

Quando corri minha mão por seu peito, pude sentir o coraçãozinho acelerar pela empolgação de encontrar um lar, alguém para cuidar dele.

*Pobrezinho*, pensei. De certo modo, eu sabia exatamente o que ele estava sentindo. Não tinha ninguém e estava preso ali.

Mas nós não estávamos. Não mais.

— Estamos indo embora, amiguinho. Sinto muito — expliquei. — Nós temos que ir.

Foi esquisito, e, por algum motivo, aquele adeus foi quase tão doloroso quanto o que sussurrei para meu pai.



## Capítulo 4

Deixamos o cachorro com um petisco de carne desidratada e seguimos para o final do quarteirão, onde Robinson parou abruptamente.

— Lá está — ele murmurou, com espanto na voz. Agarrou minha mão e nos apressamos para atravessar o cruzamento.

— Lá está *o quê?* — perguntei, mas é claro que ele não respondeu.

Se as coisas continuassem assim, nós iríamos precisar ter uma conversinha — porque eu não queria viajar com um companheiro que só ouvia metade das coisas que eu falava. Se eu quisesse ser ignorada, bastava ficar em Klamath Falls com os idiotas da minha classe e meu pai alcoólatra.

— Lá está a resposta — Robinson enfim disse, suspirando tão profundamente que você pensaria que ele se apaixonou à primeira vista. Ele se voltou para mim e fez uma reverência exagerada, esticando os braços como o porteiro de um restaurante superchique (do tipo que não temos em Klamath Falls).

— Alexandra, minha senhora, sua carruagem a espera — Robinson anunciou, com um sorriso travesso. Revirei os olhos, como sempre faço quando ele usa um falso sotaque britânico para dizer meu nome.

E então eu revirei os olhos outra vez: minha carruagem era, na verdade, uma *moto*. Uma Harley-Davidson grande e preta, com pneus de faixa branca, muito metal cromado e duas bolsas laterais de couro decoradas com anéis prateados. Tinha franjas penduradas no guidão e dois assentos almofadados. A coisa brilhava como se tivesse acabado de sair da loja.

Robinson estava a meu lado, cochichando em algum idioma estrangeiro.

— Twin Cam 96, motor V2. Controle eletrônico do acelerador e seis velocidades. — Ele falou mais um monte de coisas que eu não entendi.

Era uma motocicleta incrível. Até eu podia ver isso — e olhe que eu mal sabia a diferença entre uma motinho velha e uma Ducati.

— Impressionante — comentei, checando a hora. — Mas nós *realmente* deveríamos continuar.

Foi aí que percebi que Robinson estava se debruçando sobre a moto com uma chave de fenda na mão.

— Você está *louco?*

Mas Robinson me ignorou. De novo.

Ele estava fazendo *ligação direta* naquela coisa. *Pelo amor*.

Corri para o outro lado da rua e me agachei entre dois carros. A adrenalina corria solta em minhas veias, e então fechei os olhos.

Isso não podia estar acontecendo, eu disse a mim mesma. Não havia como ele conseguir ligar aquela coisa. Não seria assim que nossa viagem iria começar.

Eu tinha tudo planejado e não havia nadinha parecido com aquilo.

E aí o ronco do motor rompeu o silêncio daquela manhã tranquila. Abri os olhos, e um segundo depois os pés de Robinson estavam visíveis, um de cada lado da Harley.

*Nós estamos infringindo a lei!* — eu deveria ter gritado. Mas minha mente parecia incapaz de processar a mudança de planos. Eu não conseguia dizer nada. Só pensei: *Ele está fugindo com botas de cowboy! Isso não é nada prático!* E depois: *Por que eu não trouxe as minhas botas country?*

— Levante-se, Axi! — Robinson gritou. — E suba.

Eu estava presa ao chão, sentindo o peito apertado de tanta ansiedade. Estava à beira de um ataque cardíaco bem ali, na Cedar Street, entre uma caminhonete e um Volvo com um adesivo no para-choque dizendo MEU OUTRO CARRO É UMA VASSOURA. Que grande fuga a minha!

Então, Robinson me pegou, me colocou na moto e tudo o que eu percebi depois era que estava sentada atrás dele em uma máquina que pulsava.

— Me abraçe — ele gritou.

Estava tão assustada que o abracei.

— Agora segure firme!

Ele acelerou e partimos, o barulho do motor alto em meus ouvidos. Meu pai provavelmente acordaria em nosso sofá se perguntando se tinha ouvido o trovão de uma tempestade de início de verão.

Passamos em alta velocidade pela Safeway, pelo campo de futebol do colégio, pela taverna Reel

'Em Inn, onde toda sexta-feira meu pai não largava sua Budweiser, e pelo restaurante “mexicano” (onde o burrito era servido com queijo parmesão).

Ah, Klamath Falls. Era o tipo de lugar que parecia melhor quando visto pelo retrovisor.

Vendo a cidade passar por mim, sentindo o vento no rosto, eu não me importaria se acordássemos toda aquela cidade miserável.

*Coma poeira!* — eu queria gritar.

Robinson soltou um grito de alegria.

Estávamos partindo. Estávamos livres.



## Capítulo 5

Não era nada parecida com a motinha em que andei uma vez. Era diferente de tudo o que eu sentira antes. Nem estávamos na estrada ainda, e eu sentia que estava voando.

Então ouvi, mais alta que o som do motor, a voz de Robinson cantando:

— *I don't want a tickle, Cause I'd rather ride on my motorsickle!* [2] — Era uma velha canção de Arlo Guthrie. Eu conhecia a letra porque meu pai costumava cantar para mim quando eu era pequena.

— *And I don't want to diiiiie, Just want to ride on my motorcy... cle* [3] — me juntei a ele, incapaz de manter o tom mesmo que fosse para salvar minha vida.

Robinson, muito prazerosamente, pilotava a moto diante das lojas nos arredores da cidade. Estava assobiando agora (porque, se você quiser acabar com suas cordas vocais, tente cantar mais alto que o motor de uma Harley). Ele agia como se não fosse nada demais guiar uma motocicleta roubada por aí, em alta velocidade.

Meu Deus, o que estávamos fazendo? Deveríamos estar em um ônibus e, em vez disso, voávamos em uma moto roubada que custava mais do que o meu pai ganhava em dois anos. Fugir era uma coisa; roubar complicava tudo. De repente, eu não conseguia parar de imaginar a decepção no rosto de meu pai quando ele pagasse a fiança, ou a manchete do jornal de Klamath Falls — MENINA CARETA FICA MALVADA —, ao lado de uma foto de presidiária nada lisonjeira, que desbotaria meus olhos azuis e minha pele pálida.

Tentei não imaginar um policial em cada esquina enquanto dirigíamos para o sul do Country Club de Klamath Falls, aonde minha mãe costumava ir para tomar gin espumante e jogar pôquer na Noite das Mulheres. Meio que entrei em pânico quando passamos por outro motociclista na saída da cidade. Quando ele passou por nós, abaixou o braço, dois dedos apontando para a estrada, e Robinson imitou o gesto.

— Não tire as mãos da direção! — gritei. — Nunca!

— Mas é a saudação dos harleyros! — Robinson berrou.

— *E daí?*

— E daí que é falta de educação não responder!

Claro, os bons modos são inúteis quando você está no fundo de uma vala... Só que eu não disse isso a

ele, porque, devo admitir, Robinson estava dirigindo como se tivesse feito isso um milhão de vezes antes. Será que ele fez? Não é preciso ter uma carteira de motorista diferente para dirigir uma moto? E aquele lance da ligação direta? Eu teria demorado muito mais tempo para conseguir ligar a moto *com a chave*. Ah, sim, nós precisávamos conversar, Robinson e eu.

Depois que passamos pelo Home Depot e pela Loja do Eddie — Noventa Dias Para Pagar Sem Juros! —, Robinson gritou alguma coisa, mas o som do motor abafou sua voz. Acho que ele disse algo como *Você está pronta?* . Eu não sabia do que ele estava falando, mas, fosse o que fosse, eu provavelmente não estava pronta. Foi então que notei que o limite de velocidade havia aumentado para noventa quilômetros por hora, e Robinson pisou fundo.

Pode parecer óbvio, mas o lance de estar em uma moto é que não há nada entre você e o mundo.

(Ou entre você e o asfalto duro.) O vento sopra em seu rosto. O sol brilha diretamente em seus olhos como um holofote. Não há para-brisa. Não há cinto de segurança. Estávamos a cem por hora agora, e a agulhazinha branca do velocímetro continuava a subir. Segurei mais forte ao redor da cintura de Robinson.

— O que você está fazendo? — gritei.

Cento e trinta por hora, e o rugir do vento afogou meu grito.

Cento e cinquenta, e meus olhos lacrimejavam, mesmo protegidos pelos óculos de sol. Grudei em Robinson, temendo por minha vida.

Cento e sessenta quilômetros por hora, e eu bem que poderia estar em um foguete atravessando a estratosfera.

A adrenalina corria pelas minhas veias como fogo líquido. Estávamos a toda. Perigosos. A moto tremeu e ganhou ainda mais velocidade, o vento se tornando uma mão gigante e impetuosa querendo me derrubar.

Minha vida passou diante de meus olhos — minha vida pequena e triste.

Bons ventos a levem!

O medo era energizante. Era aterrorizante e espantoso, e, se eu pensara que estava tendo um ataque cardíaco antes, eu definitivamente estava tendo um naquele momento.

Eu estava amando completamente, estonteantemente, empolgadamente, cada segundo.

Naqueles breves instantes, abandonei minha reputação de menina certinha de cidade pequena, como se fosse um suéter velho e feio, e a queimei nas chamas da insígnia da Harley. Éramos fugitivos. Criminosos. Eu e Robinson. Robinson e eu.

E, se nós morrêssemos nas chamas de um acidente... Bem, nós morreríamos felizes, certo?



## Capítulo 6

Seja pela sorte, pelo destino ou pela habilidade de Robinson no guidão, não morremos.

Continuamos por horas ao longo de estradas vicinais, compridas e sinuosas, até que senti como se meu corpo tivesse sido moldado nas costas de Robinson. Como se eu tivesse me tornado um tipo de crustáceo em forma de menina que ele teria que arrancar com aquela chave de fenda.

Na hora do almoço, finalmente fizemos uma pausa em Mount Shasta, na Califórnia. A cidade fica na encosta de uma montanha altíssima, cujo topo coberto de neve era, supostamente, algum tipo de centro de poder cósmico.

Sim, você me ouviu direito.

Se você acreditar nas lendas locais, aquele é o lar de uma raça ancestral de super-humanos, chamados lemurianos, que vivem em túneis subterrâneos, mas que visitam a superfície de vez em quando, com dois metros de altura e vestidos com quimonos brancos. Em outras palavras, Mount Shasta é totalmente diferente de Klamath Falls, que é a capital mundial da monotonia e o lar de caras chamados Critter e Duke.

Além disso, óvnis supostamente pousavam em Mount Shasta. E essa é apenas a ponta desse iceberg bizarro.

Até a atendente sorridente do posto de gasolina tinha uma ametista enorme pendurada no pescoço e usava uma camiseta com o diagrama dos chakras.

Robinson retribuiu o sorriso alegre da atendente, mas o sorriso dele não era resultado de orações aos raios cósmicos de Mount Shasta. Seu sorriso era por causa da Harley. Ele fez uma pose, uma mão no tanque de gasolina, um polegar enganchado no cinto, me oferecendo um riso zombeteiro, digno de Hollywood.

— Estou parecendo James Dean? *Juventude Transviada?*

Olhei fixamente para ele. Eu jamais admitiria, mas Robinson poderia mesmo ser uma estrela do cinema. Claro, estava um pouco magricelo, mas e aquele rosto? Poderia estar em um pôster na parede do quarto de uma adolescente.

— James Dean morreu em um acidente de carro, sabe, porque estava acima do limite de velocidade — eu disse. Minhas pernas tremiam tanto que eu mal podia ficar de pé. O estrondo do motor se enraizou em meus ossos.

— Eu passei do limite só uma vez — Robinson se defendeu. — Eu precisava saber o que esta gracinha podia fazer.

— Uma vez foi o suficiente — respondi, tentando um tom de repreensão. Claro que eu adorei.

*Aimeudeus*, parecia que estávamos voando. Mas eu tive certeza de que, assim como voar de asa-delta ou pular de paraquedas, dirigir a cento e oitenta por hora em uma Harley roubada era algo que a gente precisa fazer apenas uma vez na vida.

Robinson entrou no posto para pagar a gasolina e voltou com Vitaminwaters e uns petiscos de carne desidratada, que, se você quer saber minha opinião, é como comer uma mangueira de jardim com sabor de pepperoni. Só que Robinson adora uma comida ruim desde que o conheço.

Demos uma volta pelo centro da cidade. Havia um daqueles homens-sanduíche com uma placa que dizia VOCÊ ESTÁ SALVO? Mas, em vez de uma imagem de Jesus ou de anjos, havia o desenho de um alienígena verde fazendo o sinal da paz. Robinson parou para conversar com ele. Claro.

Entrei em uma loja de comida natural que cheirava a patchouli e levedura nutricional e comprei alguns legumes para o jantar. Quando saí, Robinson estava lendo um folheto que o homem tinha lhe dado.

— Podemos ir a uma jornada espiritual — disse ele. — Encontrar nossos ancestrais das estrelas.

— De jeito nenhum, Patife — respondi, tomando o folheto dele e jogando-o em uma lixeira para recicláveis. — Por mais fascinante que isso possa parecer, passei meses planejando esta viagem e, da última vez que olhei, meditar com nossos supostos ancestrais das estrelas não estava em nossa lista de coisas para fazer.

— Bem, roubar uma motocicleta também não estava e veja só como foi bom.

Ele parecia bem orgulhoso de si mesmo por pensar nessa resposta.

— Tudo bem, vai — admiti. — Foi incrível até agora. Só que não podemos fazer ligação direta em motocicletas pelo país afora. Primeiro porque seremos pegos. Depois porque eu acho que o meu traseiro não vai suportar.

Robinson caiu na risada.

— Você realmente parece meio incomodada. Você está?

— Não — menti. — Mas, da próxima vez, eu escolho nosso transporte.

— Mas, Axi...

— Não quero que esta viagem acabe se tornando um erro, tá legal? — interrompi. — Não estou interessada em passar um tempo na cadeia.

Robinson esticou o braço e pegou uma esfera de vidro trabalhado de um balcão na calçada em frente a uma loja de presentes chamada Soul Connections. Chacoalhou a esfera bem na frente do meu rosto.

— Por tudo que é cósmico, estranho e impressionante, eu expulso todas as dúvidas de sua mente.

— Ele espiou o preço. — Apenas 5,99. Uma pechincha!

Ele correu para dentro da loja e logo reapareceu com a esfera guardada em um saco de veludo roxo. Ele a colocou em minhas mãos.

— Isto é mágico. Vai impedir que você fique irritada comigo.

— Não conte com isso — eu disse, secamente. Mas não pude deixar de sorrir para ele. —

Obrigada. É muito bonita.

— Axi — Robinson começou, com a voz mais suave. — Se esta viagem for um erro, será o melhor erro de nossas vidas.

Só pelo modo como ele me olhou naquele instante, eu sabia que estava certo.



## Capítulo 7

Quando chegamos à área de camping do Parque Estadual de Sequoias, em Humboldt, estávamos na estrada há sete horas. Robinson continuou optando por estradas vicinais, e eu não reclamei. Meu medo de ser parada por policiais à procura de uma Harley preta com placa do Oregon ainda não havia desaparecido completamente, porém eu pensava menos nisso à medida que nos distanciávamos de casa.

O sol estava baixo quando entramos no parque e desapareceu completamente enquanto nos embrenhamos entre as árvores. Robinson assoviou baixinho quando a sombra das copas nos cobriu.

Sequoias anciãs. Como posso começar a descrever? Elas se elevavam sobre nós sombriamente e pareciam vivas. Não vivas como as árvores comuns, mas vivas como se tivessem alma, criaturas ancestrais, observando, com um leve interesse, dois adolescentes caminhando sob seus galhos. O ar estava fresco e um pouco úmido, e o silêncio era intenso. Senti como se estivéssemos em uma igreja.

— Entendo totalmente aquele lance dos druidas agora — Robinson sussurrou.

— Acho que os druidas veneravam o carvalho — corriji. — Não havia sequoias na antiga Irlanda.

— Engraçadinha — Robinson replicou, me cutucando.

Coloquei as mãos na superfície fresca e áspera de um tronco.

— Tranquilidade majestosa — falei, baixinho, saboreando as palavras. Um tanto pretensiosas demais: eu não as escreveria em meu diário. Mas havia escritores *de verdade* que viram sequoias como essas e eu poderia copiar suas palavras, não poderia? — “Elas não são como outras árvores que conhecemos; são embaixadoras de outra era” — completei.

— Quê? — Robinson perguntou.

— John Steinbeck escreveu isso em *Travels with Charley*.

Ele suspirou.

— Outro livro que você me deu...

— E que você não leu.

Robinson sempre fingia se sentir culpado por ignorar as pilhas de livros que eu passava para ele ler,

mas, com o tempo, parou de se incomodar.

— Pensei que deveria ler *A Leste do Éden* primeiro.

— Me avise quando começar — respondi. — Vou esperar sentada.

— Bem, você pode me avisar quando ouvir aquele CD do Will Oldham que te dei.

— Estava no meu iPod, que, como você sabe, está quebrado. Mas seus olhos estão funcionando muito bem.

Encontramos a área designada para nós em uma clareira com um banco de piquenique, uma depressão para acender fogueiras e uma torneira de água fresca e limpa. Despreendi a barraca da mochila. Ela era um milagre da engenharia em tom verde-exército: grande o bastante para abrigar duas pessoas em seus sacos de dormir, pesava menos de meio quilo e, dobrada, cabia em uma bolsa do tamanho de um pacote de pão de forma. Robinson ficou impressionado.

— Preste atenção quando eu montar — recomendei. — Porque amanhã a missão vai ser sua.

— Pensei que era tarefa da mulher cuidar da casa e do homem, caçar — ele alfinetou, sorrindo maliciosamente.

Ri com certo desdém.

— Você está planejando matar um alce com sua chave de fenda? Boa sorte.

— Estava pensando mais em um esquilo. — Mesmo um esquilo seria impossível. Robinson era incapaz de machucar um ser vivo. Sério, ele precisava criar coragem para matar um mosquito.

Desempacotei os legumes que havia comprado, um pedaço de queijo gouda e um pacote de pão sírio, que eu amo, mas não conseguia comprar em Klamath Falls porque era muito *exótico*.

— Bem, bem, bem — Robinson cantarolou enquanto me observava espetar cogumelos e pimentões em gravetos. — Acho que você se daria bem no *Survivor*.

Revirei os olhos.

— Eu paguei por essas coisas, Robinson. Não me enfiei floresta adentro procurando pimentões selvagens e queijo. Você vai procurar gravetos para a fogueira ou não?

— Você não conseguiu comprar madeira para o fogo? — ele perguntou, mas lentamente e com boa vontade foi procurar entre os arbustos alguma coisa que pudéssemos queimar.

Logo tínhamos uma boa fogueira queimando e assamos nossos kebabs diretamente nas chamas.

Coloquei fatias de queijo entre dois pães sírios, embrulhei em papel-alumínio e deixei perto do fogo até o queijo derreter. Quando tudo ficou pronto, nos sentamos perto de um tronco caído coberto de musgo verde, um encosto muito confortável. Não tínhamos pratos e os legumes estavam um pouco queimados, mas foi a melhor refeição da minha vida. Tinha sabor de liberdade.

Robinson elogiou minhas habilidades culinárias, mas menos de uma hora depois estava revirando minha mochila, procurando junk food. Alegou uma overdose de vitaminas.

— O que mais você tem aqui? — ele exigiu saber. — Sei que está escondendo Fritos ou Oreos, ou alguma outra coisa horrível e deliciosa. — Vi quando ele tirou da mochila o mapa, duas capas de chuva, meu Dr. Bronner's, minha escova de dentes e meu diário.

— Se abrir, está morto — alertei.

Robinson finalmente me mostrou, triunfante, um chocolate.

— Metade pra você, metade pra mim. — disse ele.

— Um *quarto* para você, um *quarto* para mim — corrigi. — Estou racionando.

Robinson riu.

— Ok, você planeja todos os detalhes. Você é toda organizada. Mas você acha mesmo que vai faltar chocolate na Costa Oeste? — Ele me estendeu a mão, oferecendo um pedacinho. Quando nossos dedos se tocaram, eu tremi como se tivesse levado um choque. Isso surpreendeu a nós dois.

— Você ficou nervosa de repente — ele disse. — Estamos seguros aqui, Axi. Não vão nos encontrar. — Ele caminhou até a Harley e tocou afetuosamente o assento. — Nem vão encontrar a Harley.

Enquanto ele acariciava seu brinquedo novo, tentei me acalmar, inspirando aquele “ar mais doce, mais raro, mais saudável”, como o bom e velho Walt Whitman diria. A noite estava se aproximando, trazendo a escuridão e um silêncio ainda mais profundo. Parecia que, no mundo inteiro, apenas Robinson e eu existíamos.

Eu sempre contava praticamente tudo o que pensava para Robinson, mas não podia lhe dizer o seguinte: eu não estava nervosa por medo de ser encontrada. Eu fiquei nervosa, assim, de repente, por causa de outra coisa.

Não sabia como iríamos dormir.



## Capítulo 8

Dentro da barraca, desenrolei nossos sacos de dormir. Não havia um centímetro de sobra.

Ficariamos *pertinhoassim*, Robinson e eu.

Ele ainda estava lá fora, jogando folhas no fogo e observando-as se enrolarem e pretejarem.

— Será que precisamos amarrar as mochilas nos galhos das árvores? Tipo, para evitar que algum urso as leve? — ele gritou.

— Não há ursos por aqui — garanti, esticando meu saco de dormir. Era rosa-choque.

Terrivelmente feio, mas estava em promoção. — Só tem alces. Corujas pintadas. Esse tipo de coisa.

Robinson colocou a cabeça dentro da barraca.

— Tem certeza? Ou está dizendo isso só para se sentir melhor? — perguntou, me olhando diretamente nos olhos. Ele me conhecia bem demais.

— Tenho tipo sessenta por cento de certeza — admiti. — Ou menos.

Robinson não ficou surpreso.

— Então vou pendurar as mochilas.

Ele saiu de novo, e ouvi seus passos sobre as folhas. Demorou bastante, não sei se porque era novo em acampamentos ou se estava beliscando um pouco mais daquele chocolate... Bem, esse segredo podia ser só dele.

Quando colocou a cabeça dentro da barraca outra vez, Robinson estava sorrindo. Havia um pouco de chocolate derretido no canto de sua boca.

— Aconchegante aqui, hein?

Ele tirou as botas e entrou, e então “aconchegante” deixou de ser o termo adequado. Me senti estranhamente tímida. Como se, de repente, meu corpo fosse maior e mais desajeitado — e mais *feminino* — do que nunca. Me perguntei se cheirava a óleo de motor e a suor. Notei que Robinson cheirava a fogueira, a sabonete, a *menino*.

Robinson poderia escolher qualquer garota do colégio. Mesmo depois que abandonou a escola (o que

para qualquer outra pessoa seria suicídio social), todas as líderes de torcida e as garotas do grêmio ainda queriam ir com ele à formatura. Às vezes eu as imagino penduradas nos braços dele como aquelas peças coloridas do barril de macacos [4].

— Não tenho interesse nelas — ele falou quando criei coragem para perguntar em quem, ou em quê, estava interessado. Ele caiu na risada e colocou o braço sobre meu ombro, como faz de vez em quando.

— Estou interessado em você, MC — ele disse, zombeteiramente. Como se isso resolvesse a questão.

Mas o que ele quis dizer, de verdade? Até onde posso ver, ele não estava interessado em mim *daquele* jeito. Nós ficamos de mãos dadas algumas vezes, como quando fomos ao cinema assistira a *O Segredo da Cabana* ou *Atividade Paranormal*. E uma vez, quando tomei três quartos de uma cerveja, eu o beijei, de modo desajeitado, ao dizer boa-noite.

Mas foi só isso.

Agora estávamos deitados lado a lado, olhando fixamente para o teto da barraca, a trinta centímetros de nossas cabeças. Eu ouvia o vento farfalhando a copa das árvores e o som da respiração de Robinson. Pela primeira vez refleti sobre o que significava viajarmos juntos em termos práticos. Como eu deveria trocar de roupa? E se eu quisesse dormir de calcinha? O que Robinson iria pensar quando me visse pela manhã, cabelo desgrenhado, rosto vermelho e hálito que poderia matar um animal de pequeno porte?

Não que esse fosse o problema. Não, o problema — ou, pelo menos, o que realmente importava — era que nós dormiríamos ao lado um do outro. Sozinhos. Nem mesmo um ursinho de pelúcia entre nós.

Robinson se mexeu, tentando ficar mais confortável. Sem dúvida estava pensando na mesma coisa que eu. Tossi.

— Antes de você dizer qualquer coisa — ele disse —, o negócio é o seguinte.

Era quase possível ouvir meu coração fazendo uma dancinha.

— Roubar é... bem, não é uma coisa boa, Axi, mas também não é necessariamente ruim. Quer dizer, nós estamos cuidando bem da moto. E o dono vai tê-la de volta.

A dancinha do meu coração perdeu o ritmo. Pensei que íamos conversar sobre *nós*. Fala sério, eu já superei o roubo. *Arrependimento é perda de tempo*, minha mãe dizia. Ela usou bastante esse chavão antes de dar no pé. Talvez a fizesse se sentir melhor por nos abandonar.

— Se, por algum motivo, ele não a receber de volta — Robinson continuou —, o seguro vai cobrir a perda e ele ganha uma novinha em folha.

Ele fazia tudo parecer tão simples... E talvez fosse. De qualquer modo, era mais simples do que conversar sobre *nós*.

Robinson rolou e deitou de lado, frente a frente comigo. Seu nariz, percebi, estava queimado de sol.

Seu queixo estava coberto por uma barba curta e levemente escura. Vi seu pomo de adão se mover quando ele engolia. Nossos olhos se encontraram, mas rapidamente mudaram de direção.

Ele esticou o braço e tirou a franja que caía sobre minha testa. Prendi o fôlego.

De repente compreendi que fugir de casa era o máximo da emoção que eu poderia suportar naquele dia. Se Robinson tocasse qualquer outra parte de meu corpo, eu iria explodir em um milhão de pedacinhos.

Ele não me tocou outra vez. Ele sorriu com suavidade:

— Bons sonhos, Axi Moore.

Então rolou para o outro lado.

Senti um dorzinha dentro de mim, mas não tenho certeza do motivo.



## Capítulo 9

Fiquei olhando a escuridão por muito tempo, sentindo o contraste entre o chão frio e duro e o calor sutil de Robinson a meu lado. Os pensamentos corriam sem parar em minha mente: *E se Robinson e eu fôssemos pegos? E se amarelássemos e voltássemos para casa? E se continuássemos e toda noite dormíssemos lado a lado, castos como crianças? E se nos beijássemos? E se sussurrássemos a palavra amor, ou se ela permanecesse eternamente não dita?*

Provavelmente seria importante só para mim. Eu não sabia se seria importante para Robinson.

Hesitante, coloquei a cabeça sobre seu ombro, mas ele não moveu nem um músculo.

Quando finalmente adormeci, sonhei que estávamos no topo de um penhasco, olhando para baixo.

O Robinson do meu sonho segurava minha mão.

— Não se preocupe — ele dizia. — Só tem a aparência de penhasco. Na verdade é uma montanha.

E nosso caminho é para cima, não para baixo.

Ele era otimista até nos sonhos.

Quando Robinson cambaleou para fora da barraca, na manhã seguinte, desarrumado e adorável, eu já havia recolhido nossas coisas e traçado a rota para Bolinas, uma cidadezinha localizada entre os montes da Califórnia e o Oceano Pacífico. Eu queria visitar aquela cidade principalmente por causa do mistério em torno dela. As pessoas que vivem lá costumam arrancar as placas das estradas que sinalizam o caminho para a cidade. Mas isso não iria me impedir de descobrir o que havia de tão espetacular naquele lugar.

— Talvez — Robinson alfinetou ao subir na moto —, enterrado bem no fundo, a menina careta tenha um coração rebelde.

— Eu já não provei isso ao inventar esta viagem maluca? — Subi na moto e ordenei: — *Agora dirija.*

Naturalmente perdemos a entrada na primeira vez, mas, quando finalmente chegamos a Bolinas, ficamos um pouco decepcionados.

— *Isso é o que eles querem esconder?* — Robinson perguntou.

O centro da cidade consistia em duas ruas que se cruzavam. Havia um restaurante chamado Coast Café

— que, para sua informação, não tinha vista para o mar — e um bar antiquado. Tive que concordar: Bolinas não parecia nada inspiradora.

Mas a praia era linda. Tiramos os sapatos e nos sentamos na areia, admirando a água azulada e sentindo o sol em nossos ombros. Crianças meio arredias, bronzeadas, corriam a nosso redor, jogando pedras nas gaiivotas. Robinson começou a mergulhar os pés na areia. Mais de uma vez o peguei me encarando, uma expressão indecifrável em seu rosto.

— No que você está pensando? — finalmente perguntei. Esperava que ele não percebesse o leve tom de apreensão em minha voz.

— Em corn dogs — Robinson respondeu, sem pestanejar.

Às vezes eu tinha vontade de trucidar Robinson.

Ele poderia estar pensando em mim, em *nós*, e sua mente preferiu pensar em salsichas empanadas em massa de milho.

Entramos em um bar chamado Smiley's Schooner Saloon, e Robinson caminhou até o balcão como se estivesse no Ernie's.

— Boa tarde, senhor. Duas Rainiers, por favor, e dois corn dogs.

Juro. Se Robinson pudesse escolher, sua última refeição seria corn dogs, fritas e um Twinkie bem passado.

— Identidade? — o garçom pediu.

Robinson tirou a carteira do bolso. Os olhos do garçom se moviam alternadamente entre a identidade falsa e o rosto de Robinson.

— Tudo bem... *Ned Dixon*. — Daí ele olhou para mim.

Encolhi os ombros, num gesto de indiferença.

— Não estou dirigindo, então deixei minha identidade...

O garçom cruzou os braços gordos.

— Ouçam, *crianças*, que tal vocês se dirigirem ao outro lado da rua e se deliciarem com um sorvete?

— Na verdade eu sou intolerante a lactose... — Robinson começou, mas eu o interrompi.

— Ah, entendo! — minha voz soou surpreendentemente feroz. — Podemos lutar no Afeganistão, mas não podemos tomar uma cerveja e admirar o pôr do sol. — Minhas mãos se apoiavam com força na quina do balcão, e eu me inclinei para a frente, emitindo ondas de hostilidade. Não fazia ideia de onde essa atitude estava vindo, mas me senti bem por ficar furiosa com alguém. Alguém que não era importante, alguém que não veria outra vez.

Eu teria gritado mais, mas Robinson me arrastou para fora. Daí ele se curvou, engasgando de tanto rir.

— Lutar no Afeganistão? Nós?

— Não pensei no que estava falando — eu disse, ainda sem saber exatamente o que aconteceu.

Comecei a rir também.

Robinson enxugou os olhos.

— Você nem gosta de cerveja.

— Era uma questão de princípio. Muitas pessoas morrem no Afeganistão antes de terem permissão para comprar meia dúzia de latinhas.

— Muitas pessoas morrem todo dia, Axi. Elas não perdem o controle com garçons de cidades secretas por causa da injustiça das leis que regulam bebidas alcoólicas. Mal posso esperar para ver o que você vai inventar da próxima vez. — Ele ainda estava rindo do meu temperamento explosivo enquanto caminhava a minha frente.

Seu tom petulante me fez parar abruptamente no meio da calçada. Ele estava certo. As pessoas morriam, *sim*, todo dia. Algumas pessoas, como Carole Ann, morriam antes de aprender a amarrar os sapatos. Outras morriam antes de terminar o ensino médio.

Droga, um de nós poderia morrer naquela viagem maluca.

Havia coisas muito mais importantes para fazer do que comprar cerveja. Me apressei para alcançar Robinson, que estava virando a esquina da rua onde estacionamos a moto, em um terreno baldio atrás do bar. Mas agora havia um homem de jaqueta e calça de couro parado ao lado da Harley, observando a moto com atenção demais para meu gosto.

— Bela moto — o cara disse. — Tenho um primo no Oregon que tem uma exatamente igual a essa.

Meus pulmões se contraíram como foles que alguém acabara de fechar, expirando todo o ar. Dei um passo para trás. Deveríamos correr?

Mas Robinson não recuou.

— Seu primo tem bom gosto — respondeu. Ele olhou para a moto atrás do cara. — Você tem uma Fat Boy? Eu adoro esse modelo, mas minha namorada prefere uma moto maior. — Sua voz soava lenta e arrastada, como se ele e Calça de Couro fossem dois caras que concordavam em tudo sobre as Harleys.

Calça de Couro ainda estava avaliando Robinson: Robinson era mais alto, porém cerca de cinquenta quilos mais magro. Eu? Eu ainda estava pensando em sair correndo — e pensando que Robinson dissera que eu era sua garota. Aquilo foi... interessante. Ele realmente quis dizer o que disse ou era só parte de teatro?

— A happy hour está quase acabando, sabe como é — Robinson comentou.

Calça de Couro lhe deu uma última olhada, balançou a cabeça e entrou no bar.

Eu já estava procurando papel e caneta.

*Muito obrigada por nos deixar viajar em sua moto, escrevi. Nós cuidamos bem dela. Até a batizamos de Charley.*

Robinson leu o bilhete sobre meus ombros.

— Batizamos?

— Agorinha mesmo — eu disse. — Charley, a Harley.

*Desculpe não termos pedido permissão para pegá-la emprestada, mas saiba que sua moto foi usada apenas para o bem. Atenciosamente, MC & Patife* Prendi o bilhete no guidão.

— Vamos. Está hora de encontrar outro veículo — falei, como se tivesse roubado carros a vida toda. O problema era que no centro de Bolinas havia uns cinco carros apenas. — Aquele. — Apontei para um Pontiac prateado.

Robinson concordou.

— Um tédio, mas sensato.

Senti meus braços e pernas começarem a formigar. Robinson deu uma olhada ao redor e entrou no carro. Entrei pela porta do passageiro, mentalmente agradecendo aos donos por deixarem as portas destrancadas.

De sua mochila, Robinson tirou uma pequena furadeira sem fio e apontou para o lugar da chave. Vi lascas de metal brilhante caíram no assento.

*Ele trouxe uma furadeira?* — pensei.

Um surfista grisalho estava olhando para nós. Sorri e acenei.

— Anda logo — resmunguei.

Ele colocou a chave de fenda no buraco destruído da chave.

— Só mais um minuto.

O formigamento começou a ficar mais intenso, com mais adrenalina. Doloroso, até.

— Precisei quebrar o lacre — ele explicou.

Como se eu me importasse! Eu só queria que o motor ligasse. Respirei fundo. A qualquer momento estaríamos acelerando para fora da cidade e tudo voltaria ao normal — quer dizer, um *novo* tipo de normal.

Foi então que duas pessoas saíram do Coast Café... E caminharam em direção ao Pontiac. Meus olhos encontraram os da mulher e viram o queixo dela cair. O homem começou a correr.

— Ei! — ele gritou. — *Ei!*

Com os braços esticados para a frente, ele estava a centímetros de nós quando o motor rugiu.

Robinson engatou a ré e nós aceleramos para trás. Pouco depois estávamos deixando a cidade em alta velocidade, chegando a oitenta em uma área cuja velocidade máxima permitida era quarenta.

— Vou sentir saudades de Charley — eu disse, o coração batendo forte.

Robinson balançou a cabeça.

— Eu também.

— Mas não de Bolinas — acrescentei.

— A ideia foi *sua* — Robinson lembrou, com um sorrisinho malicioso.

Fingi não ligar e respirei, profundamente aliviada. O sol estava brilhando em um tom vermelho-alaranjado sobre o oceano azul, me acalmando enquanto eu o observava se aproximar do horizonte e, então, desaparecer ainda antes que as batidas do meu coração voltassem ao normal.

Impressionante como a beleza pode ser fugaz.



## Capítulo 10

Atravessamos a Ponte Golden Gate naquela noite, flutuando sobre uma Baía de São Francisco sombria e pelas ruas estreitas do Parque Presidio. Uma vez que o carro nos proporcionava um teto — e a polícia não aprovava acampamentos em áreas urbanas —, resolvemos passar a noite no Pontiac.

Me encolhi no banco traseiro e Robinson se ajeitou, com dificuldade, na frente. Não havia possibilidade de nos tocarmos com tanto estofamento entre nós. Uma pequena parte de mim estava aliviada, mas uma parte maior ansiava pela barraca, tão aconchegante que era quase claustrofóbica.

Foi a conclusão a que cheguei naquela noite: eu sentia falta de Robinson mesmo quando ele estava a menos de um metro de distância.

Eu estava começando a desenvolver uma teoria sobre sentir falta das coisas em geral. Começou quando deixamos Charley, a Harley, para trás, e não consegui deixar de pensar nela durante a viagem. Se eu praticasse sentir saudades de coisas pequenas — como o ruído de uma moto, ou o murmúrio de meu pai enquanto dormia, ou, como agora, dormir ao lado de Robinson —, talvez me acostumassem a sentir falta das coisas. Daí, quando sentisse falta de alguma coisa realmente importante, talvez eu sobrevivesse.

Ouvimos rádio por algum tempo, Robinson cantarolando e eu mantendo minha voz sem talento em silêncio, até que, finalmente, adormecemos. Pela manhã, uma neblina vinda da baía obscureceu as lâmpadas dos postes, transformando a luz em suaves halos alaranjados. Espiei Robinson por cima do banco do carro.

— Hora de levantar e brilhar — cantarolei. Ele abriu um olho e me mostrou o dedo.

Nem todo mundo acorda de bom humor.

— Tem uma pessoa que quero te apresentar — falei.

— Agora? — ele perguntou. Entreguei-lhe seus sapatos.

Consegui fazer Robinson ler um único livro nos últimos seis meses. *The Winding Road* narra as memórias de uma menina que cresceu com um pai alcoólatra (algo com o qual eu podia me relacionar seriamente) e uma mãe tão bela quanto uma miss (idem), em uma cidadezinha no sudoeste do Oregon.

A autora, Matthea North, poderia ter sido eu, e é por isso que achei sua história fascinante. Dois anos atrás mandei uma carta para ela, que me respondeu. Assim, nossa amizade epistolar — acho que se pode chamar assim — nasceu.

(*Epistolar*: uma palavra que não vou usar na frente de Robinson.) *Você precisa me visitar um dia*, Matthea escreveu. *Vamos tomar um chá e discutir os caprichos do amor, os segredos da vida, os mistérios do universo...*

Se havia uma hora certa para ter aquela conversa, essa hora tinha chegado.

A casa de Matthea ficava em Nob Hill, no alto de uma rua inacreditavelmente íngreme. Toquei a campainha e esperamos, apreensivos, na varanda. Robinson não sabia o que estávamos fazendo ali, porque me recusei a contar. Se você quer saber, acho que uma pessoa não tem muitas surpresas boas ao longo da vida. Aniversário e Natal: só duas oportunidades no ano.

Porém, quando a porta se abriu, acabei ficando mais surpresa que o próprio Robinson. Uma vez que Matthea North e eu tivéramos tanta coisa em comum durante a infância, pensei que ela se pareceria com uma versão mais velha de mim: magra, não muito alta, lábios cheios e olhos grandes, herdados de uma mãe estonteantemente bela, mas diluídos em uma beleza menos marcante.

Matthea se parecia com Bilbo Bolseiro. Usando vestido cigano. Com menos de um metro e meio, enfeitada com echarpes e colares, ela pegou minha mão.

— Você deve ser Axi — ela presumiu. Seus olhos verdes, marcantes no rosto rosado, cintilavam.

Engoli em seco.

— Sim! — disse, empolgada. — Robinson, esta é... a primeira e única Matthea North.

Ele olhou para ela, sorrindo seu sorriso largo e maravilhoso.

— Ei, você escreveu aquele livro... Aquele sobre uma cidade ainda pior que a nossa. — Se ele estava perturbado pelas roupas dela, não demonstrou.

Matthea riu. As mulheres mais velhas amam Robinson.

Nós a seguimos para a escuridão do interior de sua casa, e logo ela estava tagarelando que Mark Twain nunca dissera aquela citação famosa sobre o inverno mais frio de sua vida ter sido um verão em São Francisco, mas deveria ter dito, porque aquele dia estava tão frio quanto o Ártico; que o canto dos pássaros evoluiu por décadas para competir com o som do trânsito, e que aqueles pardais eram ensurdecadores; que ela tirou uma sorte ruim no biscoito chinês, mas você sabia que foram os japoneses que realmente inventaram o biscoito da sorte?

Matthea fez sinal para sentarmos em seu sofá vitoriano, que parecia bem empoeirado.

— Amei aquele conto sobre a velha lanchonete, Axi — ela falou. — Aquele sobre a menina e o menino que são amigos, mas talvez algo mais...

— Ah, sim, obrigada — interrompi rapidamente. Não que quisesse interromper, mas precisava.

Robinson fingiu tossir. Eu quase podia ouvir o que ele estava pensando: *Você escreveu uma história sobre o Ernie's? Sobre nós?*

Eu o ignorei. Claro que escrevi sobre ele. Era meu melhor amigo, não era? Me conhecia melhor que qualquer outra pessoa. Era nele que eu pensava setenta e cinco por cento do tempo que passava acordada, se não mais.

— Obrigada por nos receber — eu falei. — Queria muito que Robinson a conhecesse. Nunca consigo fazer que ele termine um livro, mas este ele leu em uma noite.

— Ele me deu... perspectivas — Robinson justificou, me olhando categoricamente.

Matthea riu.

— Axi e eu compartilhamos certas experiências, não? Mas Axi é muito mais inteligente que eu era quando tinha sua idade.

— Ela é mais intragável — Robinson completou. — Com certeza.

Chutei sua canela. De leve.

Matthea nos serviu chá gelado e bolo de limão, e Robinson pegou duas fatias.

— Então, você está escrevendo, Axi? — Matthea perguntou.

— Não muito ultimamente — admiti, pegando uma fatia de bolo. — Por favor me conte qual é o segredo para não parar. Não desistir. Acreditar em mim mesma. Esse tipo de coisa. — Tentei falar sem demonstrar desespero.

Matthea respirou fundo e começou a trançar a franja de sua echarpe.

— Minha querida, não há nenhum segredo universal. Existe apenas o segredo que cada escritor descobre por si mesmo. Um caminho adiante.

Senti meus ombros se prostrarem. Claro. Não há nada parecido com uma varinha mágica. Quem não sabe?

— Você sabia que o coração dos reis europeus costumava ser enterrado separado do restante do corpo? — Matthea perguntou.

— Hum... Não — respondi, e notei as sobrancelhas de Robinson se erguerem naquele sorriso maroto que adoro. Obviamente ele estava se divertindo com a esquisitice de minha mentora.

— Era um modo de oferecer seus corações, literal e simbolicamente, ao país. Para sempre. —

Matthea expirou. — Uma prática macabra, se você quer saber. Mas gosto de usá-la como metáfora.

Você entrega seu coração a seu país. Nesse caso, a sua história.

— Ah, entendi — eu disse. Não é por acaso que ainda não escrevi o *Grande Romance Americano*.

Meu coração ainda estava firmemente preso a meu peito. Não estava?

— Seja paciente — ela continuou, de modo gentil. Continue escrevendo, mas continue sonhando também. Lembre-se de que o grande matemático Arquimedes foi atingido por um raio de inspiração enquanto estava na banheira.

*E um raio de inspiração atingiu o brilhante físico Richard Feynman enquanto ele estava em uma boate de striptease, pensei. (Posso estar reprovando em física avançada, porém aprendi alguma coisa.)*

O restante da conversa foi praticamente no mesmo tom. Não falamos sobre a imprevisibilidade do amor, nem sobre os mistérios do universo, mas, como discutimos quase tudo, de corações mumificados de reis europeus até a teoria de Einstein segundo a qual a criatividade é mais importante que o conhecimento, concluí que foi um tempo bem aproveitado.

Depois do quarto pedaço de bolo, Robinson pediu licença, dizendo que precisava de um pouco de ar fresco. Olhei atentamente enquanto ele se afastava e senti uma vaga sensação de desconforto. Meu corpo se arrepiou involuntariamente, e Matthea me encarou. Continuamos nosso papo, e, quando estávamos indo embora, ela colocou a mão no meu ombro.

— Você está bem? — perguntou.

Por um milésimo de segundo, eu quis lhe contar tudo. O verdadeiro motivo por que Robinson e eu estávamos fazendo aquilo, algo que eu não queria admitir nem para mim mesma nesse tempo todo.

Não tinha nada a ver com escapar de minha vida tediosa em Klamath Falls. Mas eu não podia contar.

— Estou ótima — respondi.

— E seu amigo? — Ela olhou na direção de Robinson, encostado no carro, o olhar fixo rua abaixo, na baía. Ele cruzou os braços, como se estivesse abraçando a si mesmo, como se estivesse com frio.

Ou como se, por um breve momento, precisasse convencer a si mesmo de alguma coisa.

— Ele está ótimo também — insisti. *Por que está mentindo, Axi?*

Matthea pegou uma flor amarela de um dos galhos da trepadeira que crescia ao redor da porta e a colocou atrás de minha orelha.

— Entregue seu coração a sua história — ela repetiu.

Parecia bem razoável. Mas, quando olhei para Robinson, eu soube que eu já havia entregado meu coração a outra coisa. A alguém.



## Capítulo 11

Se eu não soubesse que era fisicamente impossível, diria que Robinson nasceu com uma chave inglesa na mão. Ou que, quando era bebê, ele preferia velas de ignição a uma chupeta.

Esse seu gene automobilístico foi o motivo de nossa próxima parada ser Torrance, na Califórnia

— porque aquele certamente não era meu tipo de lugar. Torrance produz pilotos para a NASCAR e praticante semiprofissionais de luta livre (eca). Há uma pista de corridas lá, um show automobilístico de proporções gigantescas e cerca de quinhentas lojas especializadas em peças para carros.

Em outras palavras, para um cara como Robinson, era a Terra Prometida. O tipo de lugar que ele precisava — *merecia* — conhecer.

Quando entramos no estacionamento da Cal-Am Speedway, na tarde seguinte, Robinson engoliu em seco e me deu um sorriso torto e perfeito.

— Axi Moore — ele disse. — Você é a pessoa mais espetacular que já conheci em toda a minha vida.

— Espere só para ver — respondi, sorrindo.

Eu o guiei para longe da entrada principal, em direção a uma porta lateral que permanecia aberta por causa de um exemplar enrolado da revista *Car and Driver* colocado entre a porta e o batente.

Brad Sewell estava esperando por nós em um dos boxes.

— Alexandra — ele falou, aproximando-se para me envolver em um abraço apertado. — Faz tempo que não nos vemos, garota.

Robinson obviamente queria saber de onde eu conhecia aquele cara corpulento, com uma tatuagem de Dale Earnhardt. Eu os apresentei:

— Robinson, este é o Brad. Brad, este é meu amigo Robinson.

— Muito prazer — Brad disse. — Você precisa de algumas orientações. Então, vamos te colocar em um carro.

Foi nesse momento que Robinson entendeu o que realmente estávamos fazendo ali e me olhou como se fosse entrar em combustão espontânea de tanta empolgação.

— Tipo naquele filme, *Digam o que Quiserem* — ele sussurrou.

Nós assistimos a esse filme antigo umas cem vezes. Em uma das melhores cenas, o personagem principal, um nerd, leva sua acompanhante relutante, uma das Pessoas Bonitas, a um museu de arte depois do horário de expediente. Ele consegue fazer isso porque é amigo do guarda do museu, e porque pendurou o quadro da menina bonita em uma das galerias.

Hoje foi minha cena do museu com Robinson, só que melhor. Subornei Brad com uma boa quantidade de minhas economias e ainda, sem qualquer remorso, apelei para a frase “eu conheci você quando nossas irmãs estavam na ala de câncer”.

Brad começou a falar um monte de coisas sem sentido para Robinson, algo sobre “primeira curva para dentro” e “vértice da curva” e “aceleração neutra”. Mas Robinson assentia, confiante, e logo estava vestindo um macacão Nomex, resistente ao fogo, enquanto Brad colocava um rádio em seu capacete e fechava uma proteção com cinco fivelas.

— Qualquer idiota pode correr em velocidade em uma linha reta; são as curvas que fazem um piloto — Brad disse sobre seus ombros.

— Ah, com certeza — concordei. Como se soubesse do que ele estava falando. Eu não sabia dirigir nem até o mercadinho da esquina.

Robinson ligou o carro e saiu do box. Não começou muito rápido, mas deve ter pegado o jeito logo, porque o ronco do motor ficou mais alto e o carro se transformou em um borrão verde que passava por nós repetidamente.

— Como está sua irmã? — perguntei.

— Ela teve alta há dois anos.

— Que fantástico — falei. Lizzie Sewell foi muito legal com Carole Ann. Lizzie, ao que tudo indicava, teve mais sorte.

— E você? — Brad perguntou, e fingi que não ouvi. Felizmente, naquele exato instante, um carro verde brilhante parou, cantando pneu, na pista do lado de fora do box, e Robinson abriu a porta.

— Axi, você *tem* que entrar lá! — ele berrou.

Olhei para Brad. Eu esperava que ele me dissesse que o outro cinto de segurança estava quebrado ou que ele estava sem capacetes extras.

— Ali tem um macacão que vai ter servir — ele disse.

Foi assim que me vi no banco do passageiro de um Chevrolet de corrida tunado, vestida como Danica Patrick e tremendo de emoção.

— Em suas marcas. Preparar. Acelerar. Vai! — gritou Robinson, e nós queimamos o asfalto, indo de zero a cem em cerca de um milissegundo.

A força da gravidade me manteve grudada no assento, e o som estonteante do motor preencheu meus ouvidos. Eu sentia o barulho tanto quanto o ouvia. Ele vibrava em meu peito e fazia meu estômago se agitar.

Não pude evitar: de alegria ou pavor, eu gritei.

Mas parei, porque não conseguia ouvir a mim mesma. E aí gritei um pouco mais.

Chegamos à primeira curva e notei uma cerca de metal que arqueava pista adentro. Entendi, mesmo sendo incapaz de maiores reflexões, de coisas abstratas como palavras, que aquela cerca estava ali para impedir que partes do nosso corpo se esparramassem sobre as arquibancadas no caso de uma colisão.

O carro tinha uma malha espessa no lugar das janelas, de modo que o vento entrava em torrentes de ar quente, cheirando a asfalto e a óleo. Eu não conseguia ver a que velocidade estávamos, e nem queria saber.

Empinamos ao fazer uma curva. O motor gritava.

Quando entramos na reta e Robinson pisou fundo no acelerador, minha visão pareceu estreitar-se de repente. Era como se estivesse olhando através de um túnel. Tudo, de ambos os lados, estava borrado e pálido, mas o que importava era o espaço vazio a nossa frente e a velocidade em que passaríamos por ele.

Meu corpo estava cantando de medo e felicidade e pela sensação incrível de estar indiscutivelmente viva naquele momento. Eu não era mais Alexandra Jane Moore. Eu era uma supernova presa por um cinto a um assento reclinável.

*Vai, vai, vai!* — eu pensava, freneticamente. Afinal, gritar era inútil.

Demos mais três voltas que pareciam estilhaçar a barreira do som e, quando enfim desaceleramos, encarei Robinson com olhos arregalados e, sem dúvida, com uma aparência insana.

— Ai, meu Deus — eu disse, removendo o capacete e sacudindo os cabelos ensopados de suor. —

Ai. Meu. Deus.

Robinson soltou uma gargalhada semelhante a um cacarejo. Brad se aproximou.

— O que você achou?

Robinson demorou um pouco para responder, talvez porque precisou esperar seu cérebro parar de vibrar. Então disse:

— Acho que acabei de viver o melhor momento da minha vida.

Comecei a rir como uma idiota, porque isso era exatamente o motivo pelo qual fomos até ali, o que eu queria proporcionar a ele.

*Carpe diem.* O hoje, afinal, era tudo o que sabíamos ter.



## Capítulo 12

— Estou em cima do Tom Cruise — Robinson berrou. — Tire uma foto!

— Você está em cima da *estrela* dele, Patife — respondi. Mas tirei a foto mesmo assim: Robinson, de olhos escuros, tão atraente quanto qualquer estrela do cinema, vestido como um lenhador hipster. Mesmo no sul da Califórnia, ele não largava sua flanela.

Tínhamos deixado a pista de corridas havia pouco tempo e ainda estávamos empolgados com a experiência. Hollywood ficava a um pulinho de Torrance pela rodovia 110, então esse foi o nosso próximo destino.

Claro que fomos direto para a Calçada da Fama. Enquanto Robinson admirava os artistas de rua (músicos, malabaristas e caras fantasiados como Homem de Ferro e Jack Sparrow), eu fiquei pra lá e pra cá fotografando os nomes que conhecia e amava: Marilyn Monroe, Audrey Hepburn, James Dean... Tá bom, admito, Drew Barrymore e Jennifer Aniston também, porque nem todos os filmes bons são em preto e branco.

— Este lugar é uma loucura — Robinson disse, pulando para perto da estrela da Branca de Neve.

— Olha só, estou em cima de um conto de fadas.

— “Antes eu era Branca de Neve, mas acabei desistindo” — recitei, empinando o quadril e dando minha melhor piscada sedutora (imitando Mae West, cujas palavras eu acabara de roubar).

Me virei e juntos caminhamos pela Highland Avenue, em direção a Hollywood Hills e ao gigantesco e icônico letreiro branco. Nosso destino era o Hollywood Hotel. Robinson não sabia, porque eu queria continuar a lhe surpreender. O deleite... O modo como seus olhos se arregalam quando ele fica surpreso... Eu queria continuar a ver essa expressão em seu rosto por quanto tempo fosse possível.

O fato de que ficaríamos juntos, sozinhos, em um quarto de hotel não teve nada a ver com minha decisão.

(Pare de rir!)

Quando Robinson viu que me aproximei da recepção, perguntou:

— Temos dinheiro para isso?

Eu não tinha certeza quanto ao dinheiro, só que não me importava.

— Minhas costas não vão suportar outra noite no carro, e eu *não* vou acampar perto daqueles caras seminus que vimos no parque. — (Se eu não podia dizer a verdade, essa não era uma boa razão?)

— Achei que aquele homem com a píton era boa pinta — ele zombou. — Mas, tudo bem. Não vou mais brincar com animais. Vamos pedir serviço de quarto?

Balancei a cabeça.

— Boa tentativa. Seu perdulário. Libertino.

— Não tenho a menor ideia do que essas palavras significam — ele respondeu. — Mas não fui eu quem reservou um quarto de hotel caro.

Em silêncio, pegamos o elevador espelhado até o décimo quinto andar. Nossos olhos não se encontraram nem frente a frente, nem nos reflexos. Será que Robinson estava tímido, como eu de repente estava? Não descobri, porque não olhei para ele.

Um minuto depois, abrimos a porta de um quarto espaçoso, com paredes creme, uma televisão de tela plana imensa, janelas do chão ao teto, uma pequena sala de estar e uma enorme cama de casal.

Senti um nó na garganta. Robinson e eu havíamos dormido em uma barraca, tão juntinhos quanto colheres. E a cama era tão estupidamente grande que poderíamos ficar um de cada lado e não nos tocarmos nem por acaso. Ainda assim, tudo parecia muito mais íntimo.

Fui ao banheiro tirar a fuligem do rosto. No espelho havia uma garota que quase não reconheci.

Para começar, ela precisava de um banho urgente. Além disso, ela tinha uma aparência... bem, *selvagem* foi o termo que me passou pela cabeça. Ela certamente não se parecia em nada com uma *menina careta* ou *certinha*, que eram palavras que eu estava acostumada a ouvir.

Encontrei seus olhos azuis pálidos e sorri levemente para ela. *Quem é você? O que você quer?* —

balbuciei. Ela me ofereceu apenas um sorriso estranho.

Quando saí do banheiro, Robinson já estava na cama, embora ainda fossem pouco mais de oito da noite. Ele estava usando sua velha camiseta do Bob Dylan e apertando os botões do controle remoto.

A TV estava ligada, mas sem som.

— Axi Moore — ele disse, sorrindo para mim, a luz azulada da tela tremeluzindo sobre seu rosto bonito.

— Robinson — respondi, tão alto quanto um sussurro.

— O que você quer fazer agora?

Quase não contive a gargalhada. Essa era a pergunta para colocar um ponto-final em todas as perguntas, não era?

Por um momento, fiquei lá parada, presa entre o corredor e a cama, presa entre o medo e o desejo.

Por um lado, eu queria mergulhar nele. Correr meus dedos por seus cabelos. Sentir seus lábios em meu pescoço. Abraçar sua pele macia junto à minha.

Mas então me lembrei do sonho que tive entre as sequoias — como algo podia ser, ao mesmo tempo, perfeito e assustador, simultaneamente uma montanha e um abismo. *Qual era a coisa certa a fazer?*

— Ei, veja — Robinson chamou de repente. — *É O Gato de Botas.*

E, simples assim, a tensão desapareceu. Nós adorávamos aquele filme, mesmo sendo para crianças. Robinson insistia, e acho que falava sério, que aquele foi o melhor papel de Antonio Banderas.

Então, aquele gato peludo e alaranjado com botas grandes e sotaque espanhol banii minhas incertezas e dúvidas para outro dia qualquer. Rastejei para debaixo das cobertas ao lado de Robinson. Os lençóis eram brancos, sedosos, e cheiravam a alvejante. Respirei fundo e me aconcheguei contra o corpo dele. Depois deitei minha cabeça em seu ombro.

Robinson pareceu ficar tenso. Eu também fiquei paralisada. Meu coração desabou no meu peito e meus olhos se fecharam, envergonhados. Entendi a situação tão errado assim? Eu disse a mim mesma que contaria até cinco antes de me afastar para o outro lado daquela cama gigantesca.

Mas, então, senti o corpo de Robinson mudar de posição. Ele se curvou em minha direção.

Inclinou-se e beijou minha cabeça. Sob os lençóis, sua mão encontrou a minha. Nossos dedos se entrelaçaram.

*Isto é o suficiente, pensei. É tudo de que preciso.*

Por enquanto.



## Capítulo 13

Durante o café, na manhã seguinte, Robinson me disse que tinha algo para confessar.

Estávamos no Starbucks, comendo sanduíches de bacon com queijo gouda, preparados no micro-ondas — se você quer saber, eles não tinham nada de artesanal. Na mesa ao lado, um membro da tropa do império galáctico e um Michael Jackson não muito convincente bebericavam um espresso forte antes de assumir seus postos na Calçada da Fama.

— Fala — eu disse. Senti um friozinho no peito. *Ele vai dizer que sente muito, que deveria ter me beijado ontem à noite.*

— Quero ver onde o Bruce Willis mora. — Robinson me olhou, de cabeça baixa, entre os fios de cabelo de sua franja, com a expressão levemente encabulada.

Tive vontade de bater a cabeça na mesa. Por que eu continuava esperando alguma declaração profunda dele? Às vezes ele me fazia questionar se o humano adolescente masculino era uma espécie completamente diferente do humano adolescente feminino. (Entenda diferente como significativamente menos evoluído.)

Mas essa viagem era tanto dele quanto minha, e eu queria ser gentil. Então, depois do café da manhã, pegamos o ônibus turístico, daqueles abertos no teto. O guia prometeu uma vista *incrível* às casas *extraordinárias* das estrelas, e uma *janela secreta* com vista para suas vidas *invejáveis*.

Pensei que aquilo me faria me sentir meio intrometida, mas Robinson não tinha esse tipo de preocupação.

— Se você não quer que estranhos encarem você, não fique famoso — ele replicou, fazendo um lanchinho com um chocolate que pegou de minha mochila.

— Acho então que vou cancelar meu teste para o *American Idol*. — Comecei a cantar “I Will Always Love You”, uma música difícil para um bom cantor, mas devastadora para alguém como eu.

Robinson gritou e cobriu os ouvidos.

Já que compramos ingressos para a Deluxe Route, não tivemos pressa durante o passeio, descendo de um ônibus, caminhando um pouco, depois pegando outro. Passamos por áreas de compras, como Melrose e Rodeo Drive; passamos sob as palmeiras altíssimas da Sunset Strip; vimos o Rancho do Poço de Piche de La Brea e o Petersen Automotive Museum (que tinha um Hall da Fama de carrinhos Hot Wheels, de onde pensei que nunca conseguiria arrancar Robinson).

Já era de tardezinha quando finalmente percorremos o caminho íngreme que levava a Bel Air.

— Estamos chegando perto, Axi — Robinson disse, sorrindo. — O bom e velho Bruce vai nos convidar para o jantar.

— Claro — respondi, sarcasticamente. — Depois vamos comer a sobremesa na casa da Jennifer Aniston.

Robinson pareceu magoado.

— Sarcasmo não combina com você, MC. — Mas seu sorriso irreprimível reluziu mais uma vez.

— Eu aposto que a Jen faz um crême brûlée da hora. Ela provavelmente faz um bom café também, o que é legal, porque gosto de café com sobremesas chiques. — Ele parecia completa e absolutamente sincero.

Por mais louco que seja, eu amava isto em Robinson: como ele era capaz de acreditar em uma coisa em que, *realmente*, não acreditava. Faz sentido? Ele sabia o que desejava que fosse verdade, o que sentiria se fosse verdade, e, por um breve período, apenas por sua força de vontade (ou por seu humor, ou por sua esperança tola e pueril), aquilo se tornava verdade.

Acreditar em acreditar. Robinson era especialista nisso.

— À esquerda, vocês verão a casa que pertencia a Arnold Schwarzenegger — nosso guia anunciou, interrompendo meus pensamentos sobre Robinson e, sem dúvida, os pensamentos de Robinson sobre sobremesas.

Robinson se inclinou bem pertinho de mim e cochichou a mais famosa fala de Arnold Schwarzenegger:

— “Eu voltarei”.

— “Venha comigo se quiser viver” — respondi com uma fala de Arnold em *O Exterminador do Futuro 2*.

— Espere, eu tenho uma. — Ele bateu a mão na testa, não conseguindo se lembrar.

— “Hasta la vista, baby”? — perguntei, sorrindo presunçosamente.

— Aaah, estava na ponta da língua! — Robinson me atacou, fazendo cócegas entre minha cintura e minha costela, o que me fez soltar um grito estridente.

O guia continuou falando, mas nós paramos de ouvir. O ônibus seguiu por bairros verdejantes, passando por portões de ferro e paisagens primorosamente elaboradas ao redor de mansões, que víamos de relance. O ar cheirava a rosas... e a dinheiro.

O motorista diminuiu a velocidade nas proximidades de uma curva especialmente íngreme e, então, parou para deixar um grupo de ciclistas passar.

Peguei a mão de Robinson.

— Vamos vazar.

Ele me olhou, confuso.

— Pela lateral — sussurrei. Como ele ainda não parecia entender, eu lhe mostrei. Coloquei uma perna sobre a grade de proteção e saltei para a rua.

Se os outros passageiros notaram, não disseram nada. Um segundo depois, Robinson aterrissou a meu lado com uma expressão de perplexidade. O ônibus começou a se mover outra vez e foi embora.

— E aí? Qual é o plano brilhante desta vez, Axi? — Robinson estava com as mãos na cintura. —

Não sabemos onde o Bruce Willis mora e estamos, possivelmente, a uns quinze quilômetros do hotel.

Eu sorri.

— Me siga. — disse. E o levei em direção ao que havia chamado minha atenção: uma placa de VENDE-SE em um portão aberto.

— Aaaaaah — Robinson suspirou, de repente soando como um dos cretinos de Klamath Falls. —

Sério mesmo?

Olhei para os dois lados da rua. Exceto por um jardineiro solitário, que estava de costas para nós, ela estava deserta. Caminhamos sorrateiramente pela entrada e contornamos a casa até o jardim dos fundos. Seja quem for que morou nessa mansão com adornos mediterrâneos (preço estimado: entre cinco e dez milhões), foi embora, mas a piscina ainda estava cheia, com água límpida e azul.

O sol estava se pondo e o céu estava da cor de caquis. Robinson olhou para mim.

— MC... — ele começou.

Joguei as mãos para o alto e lhe deis as costas.

— Se isto não é prova suficiente de que eu não sou mais uma MC — perguntei —, o que é?

Robinson não disse nada, mas eu já tinha uma ideia.

Em um movimento rápido, fiquei apenas de lingerie, amontoei a roupa em uma canto e mergulhei na piscina. Nadei até o fundo antes de emergir rapidamente, provocando uma cascata de gotas resplandecentes.

— Entre se tiver coragem — gritei para ele. — *Patife*.

Ele hesitou por alguns instantes, mas Robinson jamais recusaria um desafio. Tirou a camisa, exibindo seu peito largo e pálido, seu abdômen durinho e aquele V de músculos um pouco mais abaixo. Eu nunca tinha visto tanto da pele dele antes, e seu tom suave e branco como marfim era alarmante.

Olhando para ele na beira da piscina, praticamente nu, exceto pela cueca, pensei no *David* de Michelangelo. Não porque Robinson tinha um corpo perfeito como *David* (ainda que seu corpo fosse muito agradável), mas porque ele tinha aquela combinação de força e vulnerabilidade que Michelangelo tinha dado a sua escultura. Veja bem, Michelangelo não esculpiu um David triunfante, como todos os outros escultores fizeram. Ele esculpiu David antes de sua luta contra Golias — quando David acreditava que estava condenado, mas encarou a luta mesmo assim.

Robinson levantou as mãos e tapou o nariz, não mais se parecendo com um herói da Renascença.

— Bola de canhão — ele gritou quando mergulhou. E emergiu cuspidando água. — Ai meu Deus, a água está gelada!

Caí na risada.

— Você quer dizer revigorante. Revitalizante.

Robinson revirou os olhos.

— Caxias. Eu ainda posso te chamar de *caxias*, não posso?

Ele nadou em minha direção e, sorrindo, colocou as mãos sobre meus ombros. Eu tive certeza, de repente, de que ele iria me beijar. Ele estava tão perto, seus dedos tocavam minha pele e não havia nada, *nadinha*, além de água entre nós (e, claro, umas peças de roupas inconsequentes e ensopadas).

Ele se aproximou mais um pouco, e então parou. Abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa.

Aí desapareceu debaixo d'água. Em seguida, me pegou e me jogou para trás, na parte funda da piscina. Eu gritei, ofeguei, gargalhei, e ele pediu para eu ficar quieta.

— Shhh, shhh. Não queremos uma visita da polícia.

Nadamos até a noite cair e as luzes distantes, das casas habitadas, começarem a piscar entre as árvores. Olhei para Robinson, que estava boiando de costas na parte rasa, e imaginei como seria se vivêssemos em um daqueles castelos.

Eu teria tudo o que o dinheiro pudesse comprar, mas não seria o mesmo que ter tudo o que eu quisesse. Não chegaria nem perto.



## Capítulo 14

Tivemos sorte naquela noite. Além de nossa pequena invasão não ter tido consequências, conseguimos um carona. O jardineiro que trabalhava do outro lado da rua nos viu saindo pelo portão, molhados e trêmulos, e nos ofereceu uma carona de volta para a cidade.

— *Estás invadiendo* — ele disse, sorrindo. — *¿Si?*

Robinson confirmou com a cabeça.

— *Si* — ele respondeu. — *Somos traviesos*. — Traduziu para mim. — Significa “somos travessos”.

Me encostei nele no assento dianteiro da caminhonete, tentando encontrar seu calor através de nossas camadas de roupas molhadas.

— Viu? Você não pode mais me chamar de MC — desafiei, com sono.

— Talvez MM — ele sugeriu. — Menina malvada.

Minhas pálpebras estavam tão pesadas que logo estavam se fechando.

— Ou PM. Pacote mesclado... — murmurei.

Honestamente, esta foi a última coisa de que me lembro. Devo ter caído no sono na caminhonete e Robinson deve ter me carregado para o quarto e me colocado na cama. Talvez ele tenha afogado os travesseiros para mim, talvez até mesmo me dado um beijo. Eu nunca vou saber.

Acordei algumas horas depois e o encontrei me olhando fixamente.

— Antes de irmos embora, nós deveríamos ver uma *estrela* de verdade — ele disse. — Não um símbolo cor-de-rosa em uma calçada ou a casa onde mora.

Me enfiei debaixo das cobertas.

— Por que não podemos apenas ligar a TV? Tem bastante estrela lá.

— Precisamos ver uma na vida real — insisti.

*Mas esta não é a vida real*, a velha Axi Moore retrucou. *Esta é uma aventura sem juízo. Mesmo estando tão incrível, não vai durar para sempre.*

Claro, tanto a velha quanto a nova Axi sabiam bem, a vida real também não durava para sempre.

Coloquei a cabeça para fora das cobertas para dar um espiada e logo me enfiei embaixo delas de novo. Robinson estava ao pé da cama e, de repente, arrancou as cobertas de cima de mim. Tentei agarrá-las, mas ele era mais forte.

— Você trouxe um vestido bacana? — perguntou, erguendo uma sobrancelha escura em minha direção.

Ri com sarcasmo.

— Os fugitivos não costumam carregar roupas de festa na mala.

— Bem, vista o que você tiver, porque nós vamos desfilar em um tapete vermelho.

Presumi que Robinson estava tirando uma com a minha cara, mas me levantei, tomei um banho rápido e coloquei meu vestido da Forever 21, que havia colocado na mochila por precaução. Passei um pouco de rímel e de batom.

Os olhos dele brilharam quando me viram sair do banheiro.

— Você caprichou, Axi Moore.

Robinson também caprichou. Vestindo jeans e uma camisa cinza levemente amassada, ele parecia um modelo em uma propaganda da Levi's 501.

Ele me guiou pelo corredor até a rua, onde pegamos um táxi.

— Agora é a minha vez de surpreender você — disse. Daí ele cobriu meus olhos com as mãos até pararmos em frente ao Hammer Museum. — Ta-da!

À nossa frente havia uma longa fila de limusines pretas. Havia um tapete vermelho ao longo da calçada, pessoas por todo lado e um banner enorme que dizia HOSPITAL INFANTIL DE LOS ANGELES, COMEMORANDO 125 ANOS.

Vi a palavra *hospital* e senti como se pedras tivessem se alojado em meu estômago.

— O que é isso? — perguntei.

— Um evento beneficente — Robinson respondeu, alegremente. — Uma festa. Com a presença de muitas estrelas, porque, como você pode imaginar, ninguém em Hollywood quer ser acusado de não ajudar crianças doentes. — Ele saiu do táxi e me estendeu a mão. — Venha, vamos entrar.

— Você é uma criança doente, Robinson — reclamei. — Doente mental, quero dizer. Eles não permitem que qualquer pessoa entre pelo tapete vermelho.

— Mas nós não somos qualquer pessoa, ao contrário do que você tão delicadamente afirmou. Nós somos Axi e Robinson, a versão censura livre de Bonnie e Clyde. — Ele me deu a luz do sol quando abriu aquele sorriso deslumbrante. — Se nós não temos o direito de estar aqui, quem tem?

O que eu poderia fazer além de cair na risada?

— Acho que roubar uma Harley colocou uma leve censura em nossa aventura — repliquei.

— Concordo plenamente — ele respondeu, antes de me fazer um sinal para esperar. — Como o pessoal diz hoje em dia, BRB [ 5 ].

Ele foi até a segurança mais próxima, uma mulher de meia-idade vestida totalmente de preto.

Observei homens de terno escuro e mulheres de vestido longo, cobertas de joias, passarem por ela, porta adentro. A segurança tentava ignorar Robinson, mas eu sabia que ela não conseguiria fazer isso por muito tempo. Quando Robinson acionava seu charme, poucos eram capazes de resistir.

Obviamente, pouco tempo depois ela concordou com a cabeça e sinalizou para que eu me aproximasse. Quando cheguei perto, ela me olhou com... preocupação, talvez pena. Senti um calafrio diante de seu olhar. O que, exatamente, Robinson disse a ela?

— Vocês dois entram por ali — ela apontou para uma entrada lateral.

Então, nós estávamos do lado de dentro, onde havia pessoas famosas *em todo lugar*. Vi Matt Damon conversando com Mark Wahlberg perto de uma samambaia e Tina Fey fazendo pose em frente a um grande grupo de paparazzi. Os flashes das câmeras pareciam fogos de artifício. Em questão de segundos eu não estava mais preocupada com o que Robinson dissera à segurança. Por todo lado, celebridades reais conversavam, riam, bebiam seus drinks, como pessoas comuns.

— Vejo uma série de bons trabalhos de plástica facial — Robinson observou. Não sei como ele conseguiu pegar uma taça de champanhe.

— “Eu amo Los Angeles. Amo Hollywood. Elas são lindas. Todo mundo é de plástico e eu amo plástico” — eu disse.

— Quê?

— Andy Warhol disse isso.

Robinson me ofereceu seu braço e coloquei minhas mãos por entre seu cotovelo, como se estivéssemos a caminho de um baile de formatura. Ele se inclinou e senti sua respiração em meus cabelos.

— Eu não falei que entraríamos?

— Você estava certo — respondi.

— O que faz com que você estivesse...? — Ele esperou, um sorriso ansioso começando a surgir no canto de sua boca.

Suspirei.

— Errada.

Ele gargalhou e me puxou para perto de si.

— Axi admite que é capaz de errar. Vou valorizar este momento para sempre.

Com meu rosto colado a sua camisa, sorri para ele. Eu também iria guardar esse momento para sempre, mas por um motivo completamente diferente. Uma semana antes estávamos em Klamath Falls e, agora, estávamos entre as estrelas. O que será que não podíamos fazer quando estávamos juntos?



## Capítulo 15

Há um limite para o sucesso de qualquer parceria — e nós descobrimos o nosso mais tarde, naquela noite, quando Robinson tentou me ensinar a dirigir.

— Robinson, não posso aprender a dirigir em um carro roubado.

Ele chacoalhou os ombros.

— É como qualquer outro carro. O acelerador está à direita, o freio, à esquerda. Quatro marchas para a frente, uma para trás.

Ele era sempre tão confiante. Mas talvez fosse porque tudo era muito fácil para ele: fazer ligação direta em uma Harley, bajular qualquer pessoa e tocar qualquer instrumento musical que colocassem em suas mãos. Sua porcentagem de acertos em arremessos livres era absurda e, não importava onde estivesse, ele sempre conseguia saber para que lado ficava o norte.

Eu? Eu não tinha tanta certeza. Sobre nada.

— Não sei como me sinto com isso — eu disse baixinho.

Robinson reclinou o assento do passageiro e fingiu fechar os olhos.

— Me sinto bem o bastante por nós dois. É hora de eu relaxar e curtir a viagem como passageiro.

Segurei o volante com força. *Você consegue, Axi* — eu disse a mim mesma. *Você já jogou Grand Prix Legends!* Então ouvi outra voz: *É, e você foi um desastre. Sempre batia logo na largada.*

— Pronta? — Robinson perguntou.

Respondi que sim, mesmo não estando. Robinson precisou ligar o carro, porque eu não sabia usar a chave de fenda.

— Ok. Olhe nos retrovisores para ter certeza de que o caminho está livre. Aí você pisa no freio e engata a primeira. — Ele fazia tudo parecer tão simples... Como se eu não estivesse atrás do volante de uma máquina mortal de duas toneladas.

Devo ter dito isso em voz alta, porque Robinson respondeu.

— Você está sendo *levemente* exagerada. Estamos em um estacionamento, Axi. Qual é o prejuízo que

você pode causar?

— Não sei — eu disse, seriamente. — Veremos.

Pensei por um instante em minha aula de física, aquela que cabulei no dia em que encontrei Robinson no balcão velho e empoeirado do Ernie's. *Um corpo que está em repouso ficará em repouso a não ser que uma força externa aja sobre ele.* Essa é a primeira lei de Newton. Em outras palavras, eu estava completamente segura. Até pisar no acelerador.

Respirei fundo e, não sei como, consegui mudar a marcha corretamente. Como o carro não explodiu, me obriguei a pisar de leve no acelerador. O carro se moveu para a frente. Vagarosamente.

Aos solavancos. Mas se moveu.

— Ai, meu Deus, estou dirigindo.

Robinson riu.

— E o prêmio obriedade do ano vai para... Alexandra Moore!

— Cala a boca!

Robinson caiu na gargalhada.

— Desculpe, não resisti. Você geralmente pensa de um jeito mais sutil.

— Te odeio — retruquei. Só que eu também estava rindo.

A trinta por hora, parecia que estávamos voando. Mas estávamos nos aproximando rapidamente do limite do estacionamento.

— O que eu faço agora?

— Por que não tenta virar? — Robinson sugeriu. — Assim a gente, sei lá, não entra destruindo tudo no trânsito?

Enfiei o pé no freio e o encarei. Tudo bem. Dirigi tranquila por cerca de trinta segundos, mas aquilo estava ficando sem graça.

— É difícil pra mim. Você sabe! — gritei.

Robinson se esticou e tocou meu braço. Foi... tranquilizante.

— Axi — ele disse de modo gentil. — É difícil mesmo? Pense antes de responder.

Franzi as sobrelhas. Era assustador, sim. Estranho. Mas difícil? Bem, não muito. Era como Robinson disse: acelerador à direita, freio à esquerda. Quatro marchas para a frente, uma para trás.

Tudo que eu precisava fazer era me mexer.

Foi quase como se Robinson pudesse ver o medo abandonando meu corpo. Ele apertou meu braço.

— Viu? Você entendeu. Vai ficar tudo bem.

E tudo ficou bem. Dirigi ao redor do estacionamento por quase uma hora enquanto Robinson, a máquina humana de karaokê, cantava músicas sobre carros: “On the Road Again”, “I Get Around”, “Mustang Sally”. Pratiquei curvas, aceleração e baliza.

Finalmente, Robinson disse:

— Acho que você está pronta para as ruas.

— E eu acho que você está pronto para parar de cantar.

— Combinado.

Na saída do estacionamento, olhei para ambos os lados e saí em direção ao tráfego.

— Vai fundo, Axi! — Robinson incentivou.

Eu me sentia atordoada, empolgada, assustada. Estava ao volante de um carro, na fantástica Los Angeles, com o garoto que possivelmente era o amor da minha vida sentado a meu lado.

— Caramba, você cortou a frente de um cara — Robinson disse.

— Cortei?

— Não dirija como se fosse dona da rua; dirija como se fosse dona do carro.

— Engraçado você dizer isso — retruquei, checando o retrovisor e acelerando. — Porque não sou a dona do carro, nem você.

— *If I can just get off of this LA freeway / Without getting killed or caught* [6] — Robinson cantou. Era alguma música country antiga.

Não era para ele não cantar?

— Não estamos na estrada — observei.

E era bom que não estivéssemos na estrada, porque o que aconteceu depois poderia ter sido muito pior.

A outra parte da primeira lei de Newton? *Um corpo em movimento tende a ficar em movimento, a menos que uma força externa aja sobre ele.*

Nesse caso, a força externa foi um parquímetro.

Não sei como aconteceu. Em um instante, tudo estava bem. No instante seguinte, paramos abruptamente e havia sangue brotando de meu nariz.



## Capítulo 16

Tonta e confusa, eu olhava pela janela do carro, segurando uma camiseta no rosto para estancar o sangue, enquanto Robinson acelerava rumo à rodovia. Ele me entregou a camiseta enquanto assumia o volante. Tivemos que deixar o local às pressas. Havia testemunhas.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Acho que sim. — Minha voz saiu baixinha. Eu não estava preocupada com meu nariz. Estava preocupada por ter amassado um carro roubado.

— Não se preocupe — Robinson garantiu. — A polícia de Los Angeles tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Mas sua voz soava incerta. Como se ele não soubesse bem do que estava falando. Ele continuou a olhar no espelho retrovisor, como se estivesse esperando ver luzes piscando.

— Desculpe — sussurrei. Acho que ele não me ouviu.

Seus olhos se voltavam constantemente para o retrovisor.

— Bem, Axi, nas palavras do imortal Dale Earnhardt Senior, “Você ganha algumas, perde algumas, e destrói algumas”. Todo caminho tem uma pedra, sabe? Não dá para ter o bônus sem o ônus. Você não pode fazer uma omelete sem quebrar alguns ovos. E quem quer viver em um mundo sem omeletes? Além das galinhas, claro. Quer dizer, tenho certeza de que elas adorariam. Ficariam em êxtase, na verdade.

— Robinson, você está descontrolado — afirmei.

— Quê? — Ele me encarou, seus olhos brilhando.

Tirei a camiseta do rosto e senti uma gota de sangue correr para meus lábios. Tinha gosto de sal.

— Você está falando sem parar — repeti. — Está entrando em pânico?

Seus olhos se arregalaram.

— Quem, eu? Não! Não estou entrando em pânico. Não, de jeito nenhum. Eu não.

— O rapaz protesta demais, penso eu — falei, me sentindo tonta de repente. Robinson era sempre tão

calmo. Vê-lo perturbado com certeza não melhorava nossa situação.

— Quê? — Robinson perguntou.

— Uma pequena modificação em uma fala de *Hamlet* — respondi, baixinho. Percebi que estava batendo os pés rapidamente no assoalho do carro. Quase como se quisesse correr dentro do veículo.

— Você está falando a minha língua? — ele perguntou. — Tipo agora?

Cerrei os punhos. Esse era meu primeiro momento real de dúvida. Dúvida profunda e inescrutável.

Algo como *o que estamos fazendo?* Essa viagem toda foi a pior ideia que tive na vida?

Acho que devo ter dito isso em voz alta também, porque Robinson imediatamente se acalmou. Ele respirou fundo, longamente, daí se inclinou e apertou meu joelho.

— Nós tivemos uma pequena aventura, e agora estamos seguindo em frente — ele declarou. —

Essa viagem foi uma ideia brilhante, Axi. A melhor.

— Tem certeza? E se formos pegos?

— Não — ele disse, dessa vez muito seguro. — Nós estamos bem. Mesmo sem uma das lanternas e com sangue no seu queixo, o que parece bem esquisito. Como se você fosse um vampiro ou algo assim. Mas, sério, nós estamos bem. Estamos mais que bem. Somos invencíveis. Qual a próxima parada em nosso itinerário?

Não consegui acreditar como o humor dele mudou tão rapidamente. E, se Robinson estava confiante outra vez, eu tentaria fazer o mesmo. Se eu não confiasse nele, por que estaria atravessando o país na sua companhia?

— Bem... Vegas, na verdade — respondi. Sim, estávamos imensamente envolvidos na viagem, além de nossa capacidade. Eu compreendia. Mas talvez as coisas ainda dessem certo para nós.

Robinson bateu no volante com força.

— Vegas, baby, aqui vamos nós!

Dava para ouvir a felicidade em sua voz. Parte de mim queria chacoalhá-lo, e a outra parte o adorava por seu otimismo infalível. Quantas vezes estive no fundo do poço e Robinson me estendeu uma mão, puxando-me de volta para a superfície, para a luz do sol? Mais vezes do que consigo me lembrar.

— É sua culpa, você sabe — eu disse, esfregando o nariz e o queixo.

— Não fui eu quem bateu — ele retrucou, indignado.

— Você tentou me ensinar a dirigir.

— É uma habilidade para a vida, Axi. Não vou poder bancar seu chofer para sempre. — Ele se virou e

sorriu para mim. Talvez fosse uma ilusão causada pela luz, mas parecia haver um novo brilho de melancolia por trás daquele sorriso.

— Vai, sim — decretei suavemente. Mas Robinson não respondeu.



## Capítulo 17

Dirigimos a noite toda. As formas escuras dos montes de Los Angeles deram lugar a uma planície vazia, e, depois de algumas horas, um brilho alaranjado começou a surgir no horizonte. Ele foi ficando mais brilhante e, quando a estrada começou a apresentar um leve declive, um vasto oceano de luzes resplandecentes se apresentou diante de nós.

— *Oooh, Las Vegas, ain't no place for a poor boy like me* [7] — Robinson cantarolou. Então, ele se virou para mim. — Essa é de Gram Parsons. Você ouviu aquele CD que te dei?

Me encolhi no banco, balançando a cabeça.

Robinson caiu na risada.

— Não importa. Posso cantar o CD inteiro para você.

— E provavelmente vai — eu disse.

Murmurando, ele nos guiou pela Strip, que estava iluminada como se fosse Natal, só que um milhão de vezes mais brilhante. Aquela rua era clara como a luz do dia, mesmo depois da meia-noite.

Passamos pelo Bellagio, pelo Bally's, pelo MGM Grand — cassinos que eu tinha visto em *Doze Homens e um Segredo*, em um cenário que eu já conhecia de *Medo e Delírio em Las Vegas*, de Hunter S. Thompson.

— Precisamos apostar, concorda? — Robinson perguntou.

Concordei, decidida, de repente.

— Creio que seja necessário.

Me lavei no banheiro de uma loja de conveniência enquanto Robinson comia seu milésimo Slim Jim. Fomos ao Luxor, principalmente porque tinha o formato de uma pirâmide. Tinha até mesmo uma esfinge na entrada — um absurdo a que não conseguimos resistir.

Assim que entramos, nos transportamos para outro mundo. O som dos caça-níqueis, os cheiros de ar-condicionado e de suor, as luzes piscando acima das mesas de jogo: era uma sobrecarga para os sentidos.

Robinson colocou os braços em meus ombros.

— Quer ganhar bastante? — perguntou.

— Claro. Temos uns vinte paus pra torrar.

— Esse é o seu orçamento? Bem, dá pra dois jogos de vinte-e-um, com uma aposta de dez dólares cada. — Ele sorriu maliciosamente. — Supondo que não vamos ganhar, mas nós vamos.

— Vinte dólares vão durar mais nos caça-níqueis — eu disse. Sentar em um semicírculo com um bando de estranhos e decidir se digo ao funcionário que dá cartas “mais uma” era mais do que eu estava a fim de fazer.

Robinson olhou para a mesa de vinte-e-um com desejo nos olhos. Ele provavelmente pensou que poderia encantar as cartas e elas cairiam do jeito que ele quisesse. Eu não. Talvez eu não fosse mais uma MC, mas nunca seria do tipo que gosta de apostar. Estávamos falando de meu salário como babá, afinal, e eu precisei lidar com uns pestinhas difíceis para ganhar a grana.

Talvez tenha sido melhor que um cara monstruoso em um casaco preto tenha se aproximado enquanto caminhávamos para os caça-níqueis. Ele queria ver nossas identidades.

— Bem, veja — Robinson começou.

O cara o interrompeu.

— Pode parar. Se você tem identidade, pode jogar. Se não, vaza.

— Vai — eu disse a Robinson. — Agora joga uma partida de vinte-e-um. Te espero lá fora.

Ele balançou a cabeça.

— De jeito nenhum, Axi. Estamos juntos nisso.

Gostei muito da maneira como aquilo soou.

— Tudo bem. O que quer fazer agora?

Robinson bocejou tanto que decidi não esperar por uma resposta:

— Vamos procurar um lugar para dormir.

Entramos no estacionamento de um lugar chamado Treasures, que pensei ser uma loja de presentes.

— Por que está aberto até tão tarde? Quem precisa de uma lembrancinha às duas da manhã?

Robinson começou a rir. *De mim*, não comigo.

— É uma boate de striptease, sua tonta. Esta é a Cidade do Pecado, lembra?

Eu estava muito cansada para me ofender. Me ajeitei no banco de trás e me cobri com meu moletom. Robinson esticou a mão de seu lugar no banco da frente e eu a segurei. Ali estávamos nós no carro

outra vez, com um metro de ar e vinte centímetros de espuma entre nós. *Por que* eu não tomei a iniciativa no hotel?

— Me conte uma história para dormir — Robinson pediu.

— Cante uma canção de ninar — respondi.

— Cara ou coroa? — ele desafiou.

Concordei e ele perdeu. Adormeci com Robinson cantando, batucando de leve com os dedos no painel do carro.

*Havia uma garota chamada Axi*

*que era uma fugitiva.*

*Em vez de pegar um táxi,*

*ela tentou dirigir em Los Angeles.*

*Ela bateu e machucou o nariz,*

*e eu não quero me gabar,*

*mas quem salvou Axi*

*senão um patife charmoso?*

Era uma boa canção de ninar, considerando o contexto.

\*\*\*\*\*

O som de uma risada ressonante me acordou às quatro da madrugada. Um bando de dançarinas estava saindo da boate, depois de encerrar o turno daquela noite.

Uma delas passou pelo nosso carro e me viu no banco de trás.

— Ei, garota — ela chamou, se aproximando tanto que pude sentir seu perfume e seu suor. —

Você não pode dormir aqui. Vão guinchar seu carro e levar você e o seu amigo aí para o desmanche.

Robinson se sentou, esfregando os olhos.

— Quê?

— Vocês têm que ir pra casa — declarou outra dançarina. Dava para ouvir o estouro de suas bolas de chiclete. — Seja lá onde for.

Robinson se encostou na janela e sorriu para elas como se fossem velhos amigos que há tempos não se viam.

— É uma excelente sugestão — ele disse. — E eu agradeço. Mas, infelizmente, não é possível irmos para casa neste momento.

As mulheres explodiram em gargalhadas. Uma cutucou a outra com seu quadril magro.

— Que fofinhos. Chrissy, leve-os para casa com você.

A loira chamada Chrissy nos examinou dos pés à cabeça. Passou um tempo especialmente longo olhando para Robinson.

— Meu carro é o Chevrolet branco logo ali — ela disse finalmente. — Sigam-me.



## Capítulo 18

Claro que eu não queria ir. E se Chrissy fosse uma assassina?

Mas Robinson argumentou que, para começar, essa probabilidade era pequena. Em segundo lugar, ser morto por um machado era muito mais atraente que passar outra noite com o freio de mão machucando suas costelas. Então seguimos Chrissy pela velha Las Vegas Strip (o lugar que costumavam chamar de Glitter Gulch) até um complexo de apartamentos modesto.

— Aqui estamos — ela disse, apontando em direção a um sofá vermelho caindo aos pedaços no meio de uma sala de estar desbotada. As luzes dos letreiros de néon do lado de fora refletiam nas paredes vazias. — Você dorme aqui e seu namorado pode dormir no chão do quarto das crianças. É acarpetado.

— Ele não é meu namorado — retruquei, por hábito. Pude ver Robinson se preparando para dizer sua fala: *Bem que ela queria, mas eu recusei*, e então rapidamente acrescentei: — Ele não é meu tipo.

Chrissy ergueu uma sobrancelha fina e tingida.

— Ah, é? Ele parece ser o tipo de todo mundo.

Robinson, que parecia prestes a desabar de exaustão, fez questão de beijar seus bíceps. Era um pateta tão lindo — *claro* que era meu tipo.

— Palhaço — eu disse.

— Nerd — ele retrucou.

Chrissy começou a rir.

— Deus, vocês dois são realmente o casal mais fofo do mundo. Se não estão juntos, não sei qual é o problema.

Ela entregou uma pilha de cobertores para Robinson e o empurrou em direção a um quarto.

— A criança da esquerda ronca — ela disse. — Só estou avisando.

Ela me deu um sorriso cansando, vagamente maternal, e desapareceu para dentro de seu quarto.

Me deitei no sofá macio e pensei no que ela disse: se eu e Robinson não estávamos juntos, ela não sabia o que havia de errado conosco.

Nem eu. Quero dizer, tinha um monte de coisas erradas conosco. Mas o que nos mantinha separados?

Não consegui dormir pensando naquilo. Pensando nele. Perto do amanhecer, fui de mansinho até o quarto onde ele estava dormindo. Robinson estava deitado de lado, uma mão debaixo do rosto.

Encarei-o por um longo tempo, contando sua respiração lenta e imaginando que podia ouvir as batidas fortes de seu coração.

Parecia ridículo até mesmo para mim, mas não suportei ficar longe dele — especialmente porque passei todas as noites com ele desde que começamos aquela viagem completamente louca, mas que foi a melhor coisa de nossas vidas. Robinson me fazia sentir o tipo de felicidade que não sentia desde que era criança, quando minha família ainda estava inteira. E ele me fazia sentir... um tipo de agitação que nunca senti antes na vida

Como eu poderia voltar a ficar sozinha, ficar sem ele, agora que eu sabia que todos esses sentimentos eram possíveis?

Antes de pensar no que estava fazendo, me aproximei e me deitei a seu lado, combinando o ritmo de minha respiração com a dele. Se ele me queria ou não do mesmo modo que eu o queria, nós estávamos nessa juntos — foi o que Robinson dissera. Nunca passou por minha cabeça antes que a palavra *juntos* era tão complicada.



## Capítulo 19

Acordei sem fôlego. Havia um peso em meu peito, esmagando meu coração, arrancando o ar de meus pulmões. *Então é isso, pensei. É essa a sensação de morrer.*

Depois pensei: *Ai, meu Deus, ainda não beijei Robinson. Exceto aquela vez, há tanto tempo, quando eu tinha bebido cerveja. E essa nem conta...*

Agarrei as cobertas, meus pulmões gritando. Meus dedos desesperados sentiram alguma coisa dura e arredondada — um joelho magricelo e redondo.

Houve um grito agudo, uma risadinha alta e, de repente, o peso desapareceu. Me sentei, confusa e piscando. Havia um garoto no chão, me observando com grandes olhos verdes.

— Meu nome é Mason Drew Boseman — disse ele, atrevidamente. — Tenho quatro anos.

— Você deve pesar uns 20 quilos. — Ofeguei, esfregando meu esterno, onde ele estava sentado.

Uma garotinha entrou no quarto, agarrada a um coelho de pelúcia imundo.

— Essa é a Lila — Mason disse. — Ela tem dois anos e não sabe ir ao banheiro.

— Meu nome é... Bonnie — falei, minha respiração finalmente voltando ao normal. — É um prazer conhecer vocês dois.

Mason abaixou a cabeça, repentinamente tímido, como se não estivesse prestes a me sufocar segundos antes. Lila simplesmente me olhou. Lentamente, colocou um polegar na boca e começou a chupar.

— Acho que vou me levantar agora — eu disse, me desenroscando do lençol limpo, mas gasto.

Eles ainda me olhavam.

Entrei na cozinha, sentindo o cheiro de café.

— Bom — comecei dizer.

Mas parei. Chrissy, descalça e com uma camisola vermelha fina, estava pressionando Robinson contra o balcão. E estava beijando ele.

E parecia para o mundo inteiro que ele estava retribuindo o beijo.

Voltei e fiquei parada, tremendo, no corredor. Eu tinha mesmo visto aquilo? Havia alguma chance de ainda estar sonhando? Mason me encarou, confuso.

Contei até vinte, então tossi e tentei fingir que estava vindo do corredor para a cozinha. Ouvi pés se movendo rapidamente e o som de uma cadeira sendo arrastada contra o chão.

Dessa vez, quando entrei na cozinha, Robinson estava sentado à mesa, lendo o jornal como se fosse o homem da casa.

— Bom dia, luz do sol — ele disse, empurrando uma caneca de café quente em minha direção.

Estava com a barba por fazer e havia uma mancha de sujeira em seu rosto.

— Ele trocou o óleo do meu carro. Dá para acreditar? — Chrissy me perguntou. Seu rosto estava vermelho.

— Não foi uma metáfora, foi? — perguntei, olhando fixamente para Robinson.

Ele preferiu ignorar minha pergunta.

— Acordei cedo. Pensei em fazer um favor para uma amiga.

Esse era Robinson. Nunca perdia a oportunidade de ajudar alguém. Aparentemente, também nunca perdia a chance de beijar alguém — a menos que esse alguém fosse eu.

Chrissy sentou-se no balcão e olhou para ele como se estivesse prestes a convidá-lo para morar com ela. Apesar de ter dois filhos, provavelmente era só alguns anos mais velha que nós.

Mason cutucou minha perna.

— Você sabia que os esquilos mortos podem te comer? Eles têm dentes afiados. Os esquilos mortos são legais. Os dinossauros também são legais, e o Batman, mas o Homem-Aranha é melhor porque uma aranha mordeu ele. — Mason começou a pular, por pouco não pisando no meu pé. — O Super-Homem pode ir para o espaço porque ele sabe voar, mas o Homem-Aranha não, porque ele precisa de uma teia e ele não pode atirar uma teia no espaço porque não tem prédios lá em cima. —

Seus pulos progrediram para saltos vigorosos.

Chrissy riu.

— Juro que não dou café para ele.

— Ele é adorável — eu disse, rangendo os dentes.

— Não sou adorável. Estou morrendo de fome — Mason resmungou.

Dei um passo para a frente.

— Me deixa fazer o café da manhã? — perguntei. — Assim você pode descansar.

Chrissy me encarou, surpresa.

— Hum... Tá legal.

— Você nos deu um lugar para dormir. É o mínimo que posso fazer. — Na verdade, eu não sabia o que fazer com minhas mãos, e cozinhar poderia me acalmar. Fiz omeletes para todo mundo, com queijo cheddar e cebolinha que peguei de um vaso na janela. Pensei em deixar a omelete dela crua e colocar pedaços da casca do ovo, mas me lembrei de que ela não havia feito nada errado. Eu lhe dissera que Robinson não era meu namorado. Ele estava disponível.

Não que eu a tivesse perdoado completamente.

— Nossa. Dei sorte trazendo vocês para casa — Chrissy comemorou, com a boca cheia. — Essa é a melhor omelete que já comi.

— Já fiz muitas omeletes — eu disse. — Não sou nenhuma especialista ou algo assim.

Robinson apontou seu garfo para mim.

— Não é verdade. Ela vai ser uma excelente esposa para alguém algum dia.

— Cuidado — avisei.

— Foi um elogio — Robinson insistiu.

— Não considere assim.

— Vocês brigam como irmãos — Chrissy disse, rindo. Daí ela ficou séria de novo. — Seus pais sabem onde vocês estão?

Me virei para o fogão.

— Apelamos para a Quinta Emenda [\[8\]](#).

— Estamos de férias — Robinson explicou.

Chrissy respirou fundo e recostou na cadeira.

— Tudo bem — ela disse. — Não vou me intrometer. Mas querem um conselho? Saiam de Las Vegas. Quem vem para cá acaba ficando preso.

Ela olhou pensativa pela janela, a mesma janela que dava vista para o Cemitério de Néon, onde os velhos luminosos iam para morrer. Algo me dizia que a mesma coisa acontecera com ela.

Olhei para Robinson, que estava colocando açúcar em seu café. Nunca ficaríamos presos a lugar algum, nem se quiséssemos. Havia um motivo inegável para isso. Mas esse era um de nossos segredos.



## Capítulo 20

— Não quero falar sobre isso.

Assim disse Robinson quando perguntei o que ele estava fazendo em uma guerra de amídalas com uma stripper de Las Vegas às nove da manhã. (Até parece que o horário faria alguma diferença.)

— Mas eu quero falar sobre isso.

Eu o arrastei para fora com nossos poucos pertences tão logo terminamos o café, tentando evitar que Chrissy tivesse a chance de nos convidar para ficar.

Robinson me encarou por um momento, com a expressão incompreensível, e então se virou e se afastou. Ele ia e vinha entre carros estacionados próximos ao Museu do Néon, balançando a cabeça e, aparentemente, falando sozinho.

Me senti tão impotente. Eu estava louca? Tinha imaginado a atração romântica entre nós? E se Robinson nunca quis nada comigo além de amizade? Se isso fosse verdade, então era uma pena que Chrissy não fosse uma assassina, afinal. Porque eu morreria uma longa e lenta morte por humilhação.

Enxuguei uma gota de suor do meu lábio. Eram dez da manhã e já estava quente. Me sentei na ponta de um sapato de metal gigantesco, que antes fizera parte do letreiro do Silver Slipper Saloon.

Eu *odiava* Las Vegas.

— O que você está fazendo? — finalmente gritei para Robinson.

Ele não respondeu. Ainda estava andando de um lado para outro. Eu não iria segui-lo para cima e para baixo, então me sentei e fiquei olhando os letreiros mortos. Havia um que dizia CASAMENTOS e outro logo ao lado que dizia PECADO.

Pensei em todas as pessoas que foram para Las Vegas procurando amor ou dinheiro. Tão pequena era a porcentagem de quem realmente encontrou o que procurava...

Robinson apareceu a meu lado e, ainda que ele enfim estivesse dizendo alguma coisa, não era nada que eu estivesse interessada em ouvir. Eu o ouviria quando ele explicasse o beijo na cozinha.

Enquanto isso, continuaria a ler os letreiros: NUGGET DOURADO, CASSINO DO JOE...

Robinson agarrou meu braço, me virou para ele e disse:

— A melhor coisa sobre um Boxster é que ele quase voa. Especialmente se você solta a embreagem. Mas, já que não estamos atrás de um veículo que vamos ter por muito tempo...

Examinei a pintura que descascava do sapato.

— Não sei do que você está falando.

Robinson respirou fundo, exasperado.

— Estou falando de um Porsche, Axi, porque nós vamos levar um. — Ele apontou para uma forma negra cem metros adiante. — É um modelo antigo, então não vai ter sistema de rastreamento. Difícil roubar carros que emitem um sinal luminoso para o Departamento de Polícia de Las Vegas, sabe?

Finalmente olhei para Robinson.

— Já temos um carro.

— Cansei dele — Robinson disse. — Precisamos de um melhor.

Ele chutou a ponta do sapato.

— Não quero roubar outro carro — respondi.

— Ah, minha amada Axi. *Você não precisa* — afirmou. Ele abriu aquele sorriso lindo em minha direção e ricocheteou rumo ao carro.

Cerrei os punhos e olhei para o céu branco do deserto. Robinson era louco. *Ele beija uma garota qualquer e depois me chama de amada? Qual é a dele?*

Ouvi uma cantada de pneus e Robinson parou na minha frente.

— Entre — ele ordenou.

Se eu não entrasse, ele iria embora sem mim? Honestamente, ele parecia ser capaz disso. Era em momentos como aquele que Robinson se parecia como o *bad boy* que meu pai sempre disse que ele era.

Mal havia colocado o cinto quando Robinson pôs fogo no motor e saímos acelerando. Ele estava a mais de cem antes que eu pudesse piscar.

— Foi isso o que eu quis dizer com soltar a embreagem — ele disse, calmamente. — Caso você estivesse se perguntando.

Olhei pela janela, me recusando a olhar para ele.

— Eu não estava — resmunguei.

Estávamos saindo da cidade, deixando para trás as luzes resplandecentes e as promessas quebradas de Las Vegas. Rapidamente.

— Vá mais devagar — pedi.

Robinson riu.

— Dirigir em alta velocidade nunca matou ninguém! É que de repente você para... É isso que pega.

Cruzei os braços.

— Ah, sim, se mil coisas não te pegarem primeiro — bufei, zangada.

Mas era a vez de Robinson me ignorar. Ele começou a assoviar “Born to Run”, do Bruce Springsteen, e continuou assoviando, repetidamente, até eu estar pronta para implorar que ele parasse.

Então ele viu as luzes piscando atrás de nós e não precisei dizer nada.



## Capítulo 21

*Os objetos no espelho estão mais próximos do que parecem estar.* Isso é o que o retrovisor do seu carro te diz, mas estou aqui para lhe dizer que, no instante em que você identificar esse objeto diminuto como um carro de polícia, ele já está perto demais.

— Robinson — murmurei, o pânico óbvio em minha voz.

— Talvez não estejam atrás de nós — ele disse. — Eu estava apenas a... trinta quilômetros acima do limite de velocidade. Meu, é praticamente um crime ir mais devagar que isso por aqui. Estamos em Vegas, baby. Tudo é permitido, exceto bom comportamento.

Eu poderia afirmar apenas pelo tom de sua voz que Robinson não acreditava nisso, mas ele queria que eu acreditasse. Não queria que eu ficasse com medo. Nunca quis, desde que o conheci.

— Estacione à direita. — A voz amplificada e metálica veio do megafone instalado ao lado da viatura.

Robinson deu uma olhada no velocímetro, como se estivesse conferindo até onde o carro podia chegar. Como se estivesse pensando se poderia correr mais que o carro de polícia.

— Nem pense nisso — alertei. — Faça o que o policial mandou.

— Você não está falando como a Bonnie — ele me repreendeu.

— Pelo amor de Deus, isto não é um filme. Isto é a vida real! *Encoste!*

Eu estava estendendo a mão para pegar o volante e esterçar para a direita quando Robinson diminuiu a velocidade, acionou a seta com toda a educação que você poderia esperar e estacionou à direita.

— Viu? Eu sei seguir instruções — Robinson disse. Ele tentava manter seu tom de voz leve.

Mas isso não importava agora. Coloquei o rosto nas mãos. Fomos pegos. Já podia ver as manchetes, o advogado recrutado pela corte, o macacão laranja horroroso que eles me obrigariam a usar. Eu já tinha idade para ser julgada como adulta?

— Vai ficar tudo bem — Robinson tentou me tranquilizar, baixinho.

*Mentiroso* — pensei.

O policial se aproximou da janela do motorista. Do meu ângulo, dava para ver seu cinto e a

barriguinha macia e arredondada sobre ele.

— Carteira e documentos — ele ordenou, bruscamente.

Nem mesmo um “por favor”.

— Senhor — Robinson começou. — Há algum problema?

O policial levantou a mão.

— Carta e documentos — ele repetiu.

Robinson sorriu insinuantemente.

— Acredito que estivesse acima da velocidade. Talvez um pouco mais rápido...

— *Carta e documentos.*

Robinson se virou para mim, os olhos arregalados.

— Parece que ele tem um vocabulário um tanto quanto limitado — Robinson sussurrou e, para meu horror, quase caí na gargalhada.

Cobri minha boca enquanto Robinson dava um show fingindo procurar alguma coisa no porta-luvas.

— Está aqui em algum lugar — ele dizia.

O policial começou a bater impacientemente no teto do carro. Daí se curvou e olhou para nós.

Tinha olhos pequenos e malvados e uma boca zangada.

— Não são muitos os jovens que têm um carro desse — ele comentou. — Imagino que seus pais tenham ensinado a dirigir. Mas os meninos ricos e mimados nunca escutam seus pais, não?

Foi a primeira vez na minha vida que alguém pensou que eu fosse rica.

— Gostava mais dele quando não falava — cochichei para Robinson.

Robinson encontrou os documentos e entregou ao policial. O tira inspecionou com atenção.

— Carteira — ele disse.

— Senhor, isto é um engano — Robinson disse. — Sinto muito por ter ultrapassado o limite de velocidade. Se o senhor nos deixar ir embora com uma advertência, prometo nunca mais fazer isso outra vez.

O guarda deu uma gargalhada forçada.

— Já ouvi essa antes. Tem um idiota nascendo a todo instante, filho, mas você não está olhando para um. — Ele olhou filosoficamente para a estrada antes de olhar para nós outra vez. — Veja, esses

meninos ricos — ele continuou, seus olhos cerrados e frios. — Se seus pais não podem lhe ensinar as coisas direito, a lei precisa assumir o papel. A lei adora dar lições.

Robinson estava acostumado a persuadir as pessoas com seu charme. Eu já o havia visto se livrar de castigos na escola, entrar em uma festa em Hollywood e tudo mais que você possa imaginar apenas conversando com as pessoas. Por isso, agora, ele parecia não acreditar no que estava ouvindo. Mas concordou com a cabeça.

— Claro, senhor. Eu entendo. Mas preciso sair do carro. Deixo a carteira debaixo do banco e não posso alcançar daqui. Posso sair do carro, senhor?

O policial se afastou. Robinson estendeu a mão e agarrou a minha. Apertado.

— Bonnie — ele sussurrou.

— Quê? — perguntei. Mas ele já estava fora do carro e eu ainda podia sentir a pressão de seus dedos sobre minha pele.

Vi tudo pela janela. Primeiro Robinson manteve as mãos para cima, para mostrar ao guarda que não pretendia fazer nada. E a próxima coisa que notei foi um movimento rápido, um resmungo e, então, um urro de raiva.

Robinson gritou.

— Saia do carro, Bonnie, preciso de você!

Sem pensar, obedeci. E foi aí que vi o amor da minha vida — ladrão de carros, transgressor e beijador de strippers — apontando uma arma para o rosto do jovem policial.

Quase caí de joelhos. Busquei o capô do Porsche para me equilibrar. O metal da arma brilhava sob o sol do deserto. *Isso não pode estar acontecendo*, pensei. *Definitivamente é um sonho ou uma cena de filme — ou uma alucinação, ou algo assim.*

Robinson se curvou para me olhar e, juro por Deus, *piscou*.

Meu queixo caiu. Se eu pensava que ele era um pouco louco antes, agora eu tinha certeza de que era totalmente biruta. Aí eu vi um pequeno sorriso querendo aparecer no canto de sua boca. Aquele sorriso que eu conhecia melhor que o meu. E ele me dizia: *É só uma brincadeira, Axi. Ninguém vai se machucar.*

Dei um passo em sua direção e rezei para ele estar certo.

— Sinto muitíssimo por ter que fazer isso, mas você não me deu escolha — Robinson disse para o guarda.

O rosto do policial estava vermelho e brilhando de suor. Ele estava em silêncio, transbordando força brutal, mas impotente. Parecia ter perdido o poder da fala completamente.

Olhei para um lado e para o outro da rodovia, procurando sinais de movimento. Nunca fiquei tão feliz

por Robinson optar sempre por estradas vicinais.

— Bonnie — Robinson disse. — Pegue as algemas e coloque nele.

Hesitantemente, fiz o que ele mandou. Quando fechei as algemas, o guarda se retraiu.

— Sinto muito — eu disse sem pensar. — Estão muito apertadas? Não quero que fiquem apertadas, mas não sei lidar com elas.

O policial ficou ainda mais vermelho.

Robinson estava muito nervoso, extremamente assustado. Mesmo em uma estrada vicinal, alguém poderia aparecer a qualquer momento.

— Mais uma vez, sinto muito por isso, senhor. Mas estamos em uma missão. Precisamos continuar.

É uma situação de vida ou morte.

O policial enraivecido limpou a garganta, como se fosse dizer alguma coisa. Mas então sua boca se contorceu e ele cuspiu. Um pouco de cuspe branco caiu bem na ponta da bota de Robinson.

— Bem, isso foi rude — Robinson disse, surpreso.

Até parece que o policial deveria ser mais educado. Me perguntei se Robinson tinha batido a cabeça, de algum jeito, em nosso pequeno acidente em Los Angeles e se a pancada tinha deixado sua consciência desregulada.

— Vocês garotos não fazem ideia da encrenca em que estão se metendo — o policial gritou, de repente. Sua raiva e seu rosto escarlate me assustavam. Mal podia olhar para ele.

Talvez o policial não fosse o problema — talvez o problema fôssemos nós. Os adolescentes fora da lei.

Talvez eu estivesse apavorada com o que nos tornamos tão rapidamente. Tínhamos acabado de ameaçar um policial com sua própria arma e o prendido com suas próprias algemas!

Como foi que nossa viagem saiu tanto do controle depois que eu a planejava tão perfeitamente?

E por que... eu não ligava mais?

Me senti entorpecida por um instante. Incontrolável. Esse era o momento de fazer uma escolha de verdade sobre o resto de minha vida, não importava o quanto eu estava com medo de fazer essa escolha.

Encontrei forças e obriguei meus olhos a encontrarem os do policial.

— Não vamos ser pegos — desafiei.

Meu tom era suave, porém firme. Era uma promessa. Uma oração. Um desejo.



## Capítulo 22

Robinson se afastou um passo do policial, usando a arma para apontar para porta do carro de polícia.

— Bonnie — ele disse. — Você precisa dirigir a viatura — ele se voltou para o policial e explicou: — Ela ainda não sabe dirigir carros com câmbio manual.

Àquela altura, eu estava paralisada com o choque, mas me sentei ao volante do veículo branco e preto. Acelerador, seta, ignição. Tudo parecia estar no lugar. Enquanto isso, Robinson estava gentilmente empurrando o policial para o banco de trás. Ainda bem que havia uma parede de vidro entre nós, porque, mesmo algemado, aquele cara me dava arrepios. Se um olhar pudesse matar, Robinson e eu já teríamos virado história.

— Você vai ficar bem? — Robinson me perguntou, enfiando a cabeça pela janela da frente.

Coloquei ambas as mãos no volante, uma na posição dez, outra na posição dois. Tentei fingir que não estava tendo um pequeno ataque de nervos.

— Bem, não há nenhum parquímetro no caminho.

Ele me deu um sorriso torto. Talvez fosse completamente inapropriado, mas eu precisava daquilo.

— Fantástico. Você está pronta, então. Agora me siga. — Ele entrou no Porsche, dirigiu um pouco e entrou em uma estrada de terra à esquerda. Seguimos por ela durante alguns quilômetros, passando por nada além de arbustos secos de sálvia.

Me recusei a olhar pelo retrovisor, porque podia praticamente sentir o olhar de fúria do policial em mim. Fiquei tão ansiosa nos últimos quinze minutos que eu sabia que, se nossos olhares se encontrassem, eu iria pirar completamente, bater e acabar matando a nós dois. Eu segurava o volante com tanta força que meus dedos estavam ficando brancos.

Quando Robinson parou, brequei com tanta força que saí do carro com dificuldade, quase me esquecendo de acionar o freio de mão.

— Opa — Robinson disse, me segurando pelos cotovelos quando cambaleei na direção dele. —

Está tudo bem? Ele está preso lá trás?

— Não, eu o soltei — explodi, arrancando meu braço com força. *Respira, Axi.* — Desculpe. É o nervosismo.

— Vamos sair daqui.

— Mas... — Olhei para a viatura. O policial estava imóvel, no entanto pensei poder ouvi-lo xingando.

— Alguém vai encontrar o carro, não se preocupe — Robinson disse, apontando para o que parecia ser uma série de casas no horizonte. Ou uma miragem. Tudo era plano ao redor. O deserto era tão vazio. Não havia nem mesmo um cacto.

Robinson pegou meu braço outra vez e me levou em direção ao Porsche. Colocamos o cinto de segurança e ele ligou o motor, então saímos de lá levantando uma grande nuvem de poeira. Ela subiu tanto que escondeu nosso crime por completo.

— Temos que abandonar o Porsche — Robinson avisou quando pegamos a estrada. Por algum motivo ele estava voltando para a cidade.

De repente comecei a tremer. Minhas pernas se mexiam involuntariamente, e eu batia os dentes.

Tínhamos mesmo acabado de fazer aquilo?

— Robinson — eu disse.

— Quê? — ele olhou para mim, preocupado.

— Não posso roubar um carro agora. Meus nervos não suportariam.

— Sem problemas — Robinson respondeu. — Podemos voltar ao Plano A da Axi.

— Nem me lembro — lamentei.

— O ônibus, claro. O disco de Petri para superbactérias. Não sei você, querida, mas estou louco por algum tipo de infecção desagradável. — Ele riu como um maníaco.

— Me diga honestamente. Você. Perdeu. A. Cabeça?

Como sempre, Robinson ignorou minha pergunta e estacionou em uma rodoviária na periferia da cidade.

— Lá está! Nosso ingresso para uma meningite bacteriana.

Pegamos nossas mochilas e deixamos o Porsche em uma vaga do estacionamento. Eu queria apenas que ele desaparecesse. Não escrevi um bilhete de agradecimento, mas provavelmente não faria diferença. Agora que éramos criminosos legítimos, deveríamos deixar menos pistas.

Dentro da rodoviária estava escuro, fresco e encardido. Toda a minha coragem alimentada pela adrenalina desapareceu, e eu queria me encolher num canto.

— Para onde vamos? Deveríamos ver as Grandes Dunas de Areia depois de Vegas — murmurei.

Robinson correu o olho pelo painel de horários.

— Interessante — ele disse. — Essas dunas ficam perto de Alamosa, no Colorado, correto?

Franzi a testa, confusa.

— Como você sabe?

— Minha querida, o ônibus sai daqui a pouco. Tá vendo? — Ele apontou. — A sorte dos viajantes está conosco. — Ele já estava caminhando em direção ao guichê de passagens, uma mão procurando a carteira.

Poderia ser simples assim?

— Pensei que era a sorte dos irlandeses — eu disse, debilmente.

Ele se virou e chacoalhou os ombros.

— Quem liga? Temos nossa carona. Mas, se você quer saber, minha avó era uma rosa da Irlanda, do Condado de Cork.

Olhei para ele, surpresa, porque Robinson nunca, nunquinha, falava de sua família.

— Tudo bem, mas e o policial? — perguntei, correndo até ele. — Não podemos simplesmente deixar ele lá. Temos que avisar alguém.

— Pensei que você não fosse mais uma MC.

Não sabia dizer se ele estava brincando ou não.

— Só porque eu quero me certificar de que ele não vai morrer de insolação?

Encontrei um velho telefone público e procurei uns trocados no bolso. Disse à atendente ao telefone que estava cavalgando quando encontrei uma viatura no meio de lugar nenhum. Forcei a voz para soar jovem e tola, mas dei todos os detalhes necessários.

Ela queria saber meu nome.

— Carole Ann — falei.

— Você fez uma boa ação, Carole Ann — ela disse.

*Dona, se a senhora soubesse...*



## Capítulo 23

Há um ditado antigo que diz que os culpados dormem bem na cadeia. Os inocentes passam a noite em claro, preocupados, enquanto os culpados dormem como bebês. Eles sabem que finalmente estão onde deveriam estar e que podem, portanto, descansar um pouco.

Robinson e eu não estávamos na cadeia, obviamente. Estávamos em um Greyhound. Mas era desconfortável, apertado e cheirava mal, como imaginei que a cadeia seria. E não estávamos no ônibus por mais de cinco minutos quando Robinson se curvou, colocou a cabeça no meu colo e caiu no sono.

*Culpados, pensei. Somos ambos culpados.*

Olhei pela janela por algum tempo, vendo a terra plana e seca passando. Ainda não conseguia acreditar em como as coisas se desenrolaram. Algumas horas antes, Robinson beijando outra garota parecia ser o pior de meus problemas. Agora? Tente roubo de carro de luxo, agressão e quem sabe mais o quê.

De volta ao presente, claro que o que fizemos fazia sentido. Nós *tivemos* que fazer o que fizemos.

Um Porsche roubado, uma arma que não era nossa e, de repente, algemar e abandonar um policial parecia uma boa ideia, porque, ei, isso nos manteria fora do reformatório.

*Por enquanto* — pensei sombriamente.

A realidade caiu sobre mim com um peso avassalador. Que diabos tínhamos feito? Era para ser a nossa viagem — uma travessura — e estava se tornando uma série de crimes. O que faríamos depois? Roubar o dinheiro do lanche de uma criança? Roubar um banco?

No assento a nossa frente, uma senhora idosa estava tricotando. Eu podia ouvir as agulhas deslizando e estalando. De vez em quando ela se virava e sorria para mim. No começo eu sorria de volta, mas então comecei a ficar nervosa. Será que ela sabia de alguma coisa? Ela conseguia ver a culpa em meu rosto? A polícia de Nevada empregava agentes disfarçados, idosos o bastante para receber aposentadoria?

Acordei Robinson. Ele se sentou, esfregando os olhos, e me encarou, aborrecido.

— Não podemos aquilo de novo — eu disse baixinho. — Nunca mais.

Robinson correu a mão pelos cabelos despenteados.

— Eu sei, Axi. Você acha que eu queria que as coisas acontecessem daquele jeito? Você sabe que não sou assim. Mas não podíamos deixá-lo nos deter. — Seus olhos escuros, com seus cílios pesados,

inspecionavam meu rosto. Ele queria ter certeza de que eu sabia que ele tinha feito a única coisa que podia ter feito. — Não quero que isto acabe — ele disse. — Ainda não. E você?

Balancei a cabeça. Eu queria continuar assim, com ele, para sempre, mas queria mais beijos e menos crimes.

— E se nós... — comecei, mas Robinson levantou uma mão.

— Não há por que especular sobre alternativas. O que está feito está feito.

— Você fala como minha mãe — eu disse. — Que, percebi recentemente, vivia de conversa mole.

Robinson sorriu, olhou para a frente e disse olá para a senhora, que estava nos olhando outra vez.

— Foi totalmente louco, admito — ele cochichou quando ela se virou a para frente. — Mas acabou, Axi. Tudo vai ficar bem. Nas palavras de Irving Berlin, um dos maiores músicos de todos os tempos, daqui em diante não há nada além de céu azul.

Talvez eu fosse uma idiota — na verdade, era definitivamente uma idiota —, mas ouvir aquilo me fez sentir melhor.

Robinson esticou a mão e tirou uma mecha de cabelo de meu rosto.

— Não quero que nada aconteça com você, Axi — ele declarou, baixinho. — E, mesmo não tendo ficado em uma cadeia ainda, suspeito que deve ser ruim.

— Você acha que é pior que uma ala de câncer infantil? — eu disse, sem pensar.

Robinson empalideceu. Então, deitou a cabeça em meu colo outra vez.

— Prometo que nunca mais faremos algo como aquilo.

— Promete mesmo? — falei, levantando meu dedo mindinho.

Selamos a promessa.

— Axi? — Ele me olhou do meu colo, seus olhos arregalados e profundos o bastante para eu me afogar neles.

— Quê?

— Sinto muito sobre a Chrissy. Honestamente, ela veio para cima de mim. Me pegou de surpresa.

E eu não quis ser rude.

Respirei fundo. Robinson era o único cara no mundo capaz de soltar uma desculpa dessas e me convencer.

— É, eu sei que você detesta falta de educação — retruquei.

— Detesto mesmo — Robinson disse, fechando os olhos outra vez. Sua voz ficou sonolenta. —

Falta de educação é tão... rude...

Sorri. Descansei a cabeça na janela gordurosa do ônibus e adormeci.



## Capítulo 24

Descemos do ônibus em Alamosa e começamos a pedir carona, tentando parecer inocentes e sãos. Mostrar os polegares não funcionou, então Robinson me disse que era hora de começar a mostrar as pernas.

— *Você mostra* — respondi. — *É você quem sempre conquista todo mundo. (Além disso, eu não me depilava desde que saíra de casa.)*

— *Exceto aquele policial* — ele disse, pesarosamente.

Um senhor de idade em um El Camino parou. Dissemos que íamos para o Parque Nacional das Grandes Dunas e ele nos levou até o centro de turismo. Não aceitou nem mesmo dez dólares pela gasolina.

Ao contrário, ele me deu vinte dólares enquanto eu tirava a mochila de debaixo do banco.

— *Saia para jantar hoje à noite* — ele insistiu. — *Vocês dois precisam de um pouco de carne nesses ossos.* — *Por um momento, ele olhou pensativo para as dunas, um brilho dourado na encosta de montanhas com topos azulados, cobertos de neve.* — *Se minha Meg estivesse viva, eu ligaria e pediria para ela colocar alguma coisa para assar.* — *Seus olhos pareceram se encher de lágrimas.*

Então ele voltou ao presente: — *Cuidem-se.* — *E foi embora.*

Tentei me livrar do sentimento estranho e triste que seu adeus me deixou. Olhei para Robinson, que estava acenando da beira de um riacho que corria ao longo da base das dunas.

— *É como se alguém pegasse um pedaço do Saara e colocasse no Colorado* — ele disse quando me aproximei.

— *Incrível* — exclamei, tirando uma foto que obviamente não faria jus à realidade. — *Por que as pessoas acabam em cidades como Klamath Falls quando há lugares como este no mundo?*

— *Boa pergunta* — Robinson comentou. Ele abriu os braços, como se pudesse abraçar toda a paisagem. — *Não deveríamos voltar nunca.* — *Ele parecia bem contente com a possibilidade.*

Começamos a caminhar por uma saliência até o topo das dunas. Era uma caminhada difícil. A areia era fofa, e nossos pés afundavam. Eu podia ouvir Robinson respirando atrás de mim. Quando estávamos perto do topo, o vento levantou a areia e a jogou contra nós.

— É como uma esfoliação no corpo todo — Robinson disse, limpando a sujeira de seu rosto. —

Tem gente que paga uma boa grana por isso.

— O copo está sempre meio cheio para você, não? — perguntei. Eu teria rido, mas não queria areia em meus dentes. O otimismo era uma das melhores qualidades dele.

Deixando a areia que nos machucava para lá, chegamos a um lugar de tirar o fôlego. Vimos algumas pessoas subindo nas dunas a nosso redor, outras escorregando por elas em algo que se parecia com pranchas de snowboard. Seus gritos de alegria eram carregados pela brisa, que cintilava com o calor.

Robinson começou a tocar uma guitarra imaginária:

— *Even castles made of sand* [\[9\]](#) ... — Ele me encarou, meio envergonhado. — Jimi Hendrix.

— Eu sei — respondi. — Meu pai tem esse disco. — Cerrei os olhos para tentar ver melhor ao longe. Do outro lado das dunas, um campo estava coberto de flores silvestres amarelas. Estiquei o braço, segurando a câmera e tirando uma foto de nós, sorrindo e de olhos semicerrados, no topo do mundo.

Poderíamos ter descido andando, no entanto vi um velho trenó de plástico parcialmente enterrado na areia. Apontei para ele, e os olhos de Robinson brilharam.

— Você está pensando no mesmo que eu? — perguntei, mas sabia que ele estava, então não esperei por uma resposta.

Subi na frente do trenó e Robinson ficou atrás de mim, suas mãos em minhas costas. Ele começou a correr, me empurrando, antes de pular dentro. Colocou seus braços ao redor de minha cintura e enterrou a cabeça em meus cabelos enquanto deslizávamos duna abaixo. O vento jogava areia no meu rosto, só que não me importei. Gritei com prazer.

Na base da duna, deitamos na areia, sem fôlego.

— Uau! — Robinson disse.

— Quem precisa de neve? — gritei, agitando os braços. — Quer ir de novo?

Claro que ele queria.

Passamos uma hora feliz e emocionante, escalando a duna e descendo a toda velocidade. Depois, estávamos com tanto calor e tão cansados que mal podíamos nos mexer.

— Estou morrendo de sede — Robinson anunciou, caindo a meus pés. — E acho que meu nariz fritou.

— “O que torna um deserto tão belo é que, em algum lugar, ele esconde um poço” — eu disse.

— Como? — Robinson perguntou, esfregando o nariz.

— É uma frase de *O Pequeno Príncipe*.

— Você e seus livros — ele brincou.

— Ler um não vai ter matar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— A gente nunca sabe — ele disse e sorriu. — Onde está esse poço, então?

Arremessei uma garrafa de água que estava em minha mochila, mas ela subiu demais. Ele se esforçou para pegá-la, daí abriu a tampa e tomou tudo em cerca de dois segundos.

— Sorte sua que eu tenho outra para mim — reclamei. — Ou seria muito ganancioso de sua parte.

Algo típico de um patife.

Ele riu.

— Eu te conheço, Axi. Claro que você tem mais água. Agora vou fechar os olhos. Me acorde em dez minutos. — Ele colocou uma camiseta sobre o rosto e adormeceu, logo ali, na encosta de uma duna.

\*\*\*\*\*

Nos lavamos nas águas frias e límpidas do riacho Medano e montamos nossa barraca em uma área de camping próxima. Depois do jantar — uma lata de feijão picante aquecida sobre o fogo —, guardamos nossas mochilas e nossa comida em uma caixa de metal à prova de ursos na extremidade do acampamento.

A noite chegou de repente, como se alguém tivesse apagado o sol com um sopro, como uma vela.

As estrelas explodiram no céu, mais estrelas do que eu havia visto em toda a minha vida. Fiquei olhando fixamente, deslumbrada e, a essa altura, cansada demais para falar.

Robinson também olhava para o céu.

— Tem uma coisa que eu queria te dizer, mas nunca tive chance — ele disse.

Eu já sabia que não deveria alimentar esperanças.

— O que é?

— Você arremessa como uma garota.

— Você é um canalha — eu disse, rindo. Peguei a latinha limpa de feijão e mirei. — Vou te mostrar como arremesso como uma garota!

— Estou brincando. Essas foram as últimas palavras do filme *Saara* — ele explicou. — Já que passamos o dia no deserto e tal.

Coloquei a latinha no chão. Estava cansada demais para arremessar, de qualquer jeito. Em vez disso,

tomei um longo gole de água. Olhei para a forma longa e esbelta de Robinson na escuridão, pensando que havia tipos diferentes de sede.



## Capítulo 25

Roubamos uma caminhonete pouco depois que o dia amanheceu, enquanto o sol estava surgindo, dourado, sobre as montanhas.

Não é estranho? Como posso dizer isso sem culpa?

*Bem, excelência, nós tomamos café e roubamos uma caminhonete. Barras de cereal e uma Chevrolet, senhor, se detalhes são importantes no tribunal.*

Se um dia eu encontrar esse juiz, tenho certeza de que ele irá me perguntar: “Vocês dois pensaram que eram invencíveis?”. Vou olhar diretamente em seus olhos. “Não, senhor”, vou lhe dizer. “Na verdade, eu pensava o contrário”.

O motor de nossa caminhonete emprestada era alto e barulhento, e o rádio sintonizava apenas estações AM.

— Esta coisa precisa de um carburador novo — Robinson disse, franzindo a testa. — O escapamento pode estar com defeito, também.

— Fantástico. Um carro de fuga com defeito. E, nossa! Estamos ouvindo *Elvis*?

— *Love me tender, love me true* [ 10 ] — Robinson cantou. Daí, ele parou abruptamente. — Não tenho tempo de fazer uma inspeção antes de roubar. — Foi impressão minha ou ele estava um pouco... ressentido? — Mas deixa pra lá. A variedade é o tempero da vida, e nós podemos trocar na próxima parada. Você se importa de dizer a seu chofer onde é essa próxima parada, Srta. Moore?

Chacoalhei os ombros. A próxima parada planejada era Detroit, a mais de dois mil quilômetros dali.

— Não sei. A maior bola de selos do mundo? Carhenge? Museu Hobo? — Estávamos dirigindo em sentido nordeste, em direção ao Nebraska, embrenhando-nos no que os residentes da costa leste e oeste gostam de chamar de passarela.

— Carhenge? — Robinson perguntou, interessado. — Aposto que é Stonehenge, mas com carros.

— Nossa, dez mil pontos para você. — Ele me encarou, magoado. — Desculpe — acrescentei.

Eu estava irritada porque passei a maior parte da noite acordada. E não foi por causa da barraca claustrofóbica ou do chão duro; foi por causa de Robinson. O que eu deveria fazer em relação a ele?

Em relação a nós? Passamos por tantas coisas juntos. E nossa jornada começara muito antes daquela viagem. Já não era hora de eu dizer a ele como me sentia, mesmo que eu não soubesse exatamente como descrever?

Passei um longo tempo pensando no que dizer, revisando minhas falas, mas, no fim, tive tanto sucesso quanto com o bilhete de despedida para meu pai. Ou seja: nenhum.

Por exemplo: *Robinson, acho que te amo desde o primeiro momento em que te vi.* (Mas eu estava dopada com analgésicos naquela época, então amava todo mundo.) *Quando olho para você, vejo uma versão melhor de mim mesma.* (Espere. Então eu quero beijar a mim mesma?) *Não sei o que faria sem você.* (Hum... Não roubaria carros?)

Era estúpida, irritantemente impossível. Não me admira que eu não tenha escrito nada decente por tanto tempo. Eu não conseguia nem mesmo dizer a um garoto que o amava. Que, toda vez que olhava em seus olhos, sentia como se estivesse me afogando e sendo salva ao mesmo tempo. Que, se tivesse que escolher entre morrer amanhã e passar o resto da vida sem ele, eu seriamente consideraria optar pela morte iminente.

Eu estava com medo do que sentia. Mas esse era o único motivo de ser tão difícil confessar a ele?

Ou eu tinha medo de ele não sentir o mesmo? Ah, sim, eu com certeza estava com medo disso.

Agora, enquanto viajávamos em silêncio durante uma manhã de céu aberto, eu queria tanto escorregar para seu lado do banco... Queria colocar minha mão em sua perna e sentir o tremor de sua reação percorrer-lhe o corpo. Queria dizer: *Encoste e me beije.*

Respirei fundo. Eu não podia me aproximar dele, covardemente, centímetro por centímetro. Teria que ir de uma vez. *Tudo ou nada, Axi. Agora é a hora.*

Fechei os olhos, oferecendo uma prece aos deuses do amor. Cupido, Afrodite ou Justin Bieber: *Não deixem que isso se torne um erro terrível.*

Quando abri os olhos, notei que a caminhonete estava pendendo para a direita.

— Robinson? — chamei, minha voz ficando mais alta enquanto dirigíamos em direção ao acostamento.

Ele não respondeu e olhei para ele. Seu rosto estava tão pálido que parecia quase azul. Ele começou a tossir — um som terrível e torturante vinha de dentro dele.

Ele me encarou e seus olhos estavam repletos de medo.

De repente ele estava vomitando.

Sangue.

— Pare a caminhonete! — gritei, estendendo a mão em direção ao volante.

Já estávamos no acostamento e Robinson, de algum jeito, conseguiu breicar enquanto ainda estava com

ânsia. Os outros carros passavam rapidamente por nós, fazendo a caminhonete tremer com sua velocidade.

— Meu Deus, Robinson! — gritei, me movendo em sua direção. Eu estiquei minhas mãos, como se pudesse pegar o sangue. Como se eu pudesse evitar que ele deixasse o corpo de Robinson e fazê-lo voltar para dentro, onde deveria ficar.

O ar tornou-se vertiginoso diante de meus olhos. Eu estava chorando.

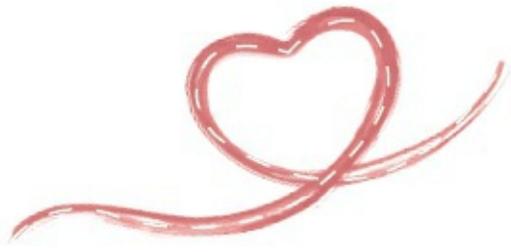
Depois de um momento horrível que parecia não acabar, Robinson parou de tossir. Ele limpou a boca manchada de sangue com a manga de sua camisa de flanela.

— Não é tanto assim, para falar a verdade — ele disse fragilmente, olhando para sua camisa. —

Estou bem agora.

Mas, se eu sabia de alguma coisa neste mundo, eu sabia que *Robinson não estava bem*.

Era possível que eu também não estivesse.



# Parte Dois



## Capítulo 26

Agora, sob um céu do Colorado tão azul que machucava meus olhos, nós chegamos à verdade aterrorizante. Você pode planejar sua fuga, pode abandonar sua vida e sua família, você pode acelerar por uma pista dupla em um carro roubado. Mas há certas coisas das quais você nunca poderá escapar.

Coisas como o câncer. Porque ele vem junto com você.

Consegui dirigir até um hospital a quarenta e cinco minutos dali, em La Junta. Robinson deitou a cabeça em meu colo, e eu queria correr meus dedos entre seus cabelos e lhe dizer que tudo ficaria bem. Mas a caminhonete não tinha direção hidráulica, e eu precisava de ambas as mãos no volante.

E eu não tinha certeza de que tudo *ficaria* bem, nem um pouco.

A sala de espera do pequeno hospital era muito fria, iluminada por um tipo de luz fluorescente dissonante que fazia as pessoas parecerem ter a cor cinza e estarem molhadas como peixes. Robinson tremia e se apoiava em mim. Havia uma mancha escura de sangue em sua camisa. Ele a abotoou, constrangido.

— Parece que fui esfaqueado — explicou.

— Não sei se isso seria ruim — eu disse. Havia mais quatro pessoas na sala de espera, e, a julgar pela expressão em seus rostos, elas estavam ali há algum tempo.

Robinson balançou a cabeça.

— Só preciso me sentar — ele disse, com uma voz rouca.

A mulher na recepção me observou cuidadosamente quando me aproximei. Talvez ela tenha visto o medo em meus olhos. Ou talvez tenha pensado que eu era uma sem-teto ou que usava drogas. Vi meu reflexo pálido no canto de um espelho e não pude culpá-la.

— Posso ajudar? — ela perguntou. Seu crachá dizia DEBBIE.

— Meu amigo está doente — eu disse, apontando para Robinson, encolhido em uma cadeira de plástico em um canto. A cena na caminhonete se repetia sem parar em minha mente. Um pesadelo.

— O médico foi chamado — Debbie disse. Ela inspecionou meu rosto, franzindo a testa levemente. — Você também precisa consultá-lo?

— Estou muito bem — eu disse decididamente, mesmo sentindo que poderia desmaiar de exaustão.

Voltei para o lado de Robinson e tive a impressão de que ficamos naquele canto por horas. Enfim, um senhor idoso com um braço engessado se debruçou e colocou a mão sadia em meu joelho.

— Sábado de manhã, minha cara — ele disse. — A maioria dos médicos, e não sei mais quem, está pescando.

Mordi o lábio com força. Não havia médico. Quando conseguíssemos um, eu sabia o que aconteceria: exames de sangue, biópsias aspirativas com agulhas finíssimas, tomografia com emissão de pósitrons... A ideia de passar por tudo isso de novo me deu vontade sair correndo e me esconder.

— Seja bem-vinda à vida de uma cidade pequena na América, Axi — Robinson brincou. — Onde pistas de boliche e clubes Elk têm mais funcionários que um hospital.

— Não se preocupe. O médico está vindo — tranquilizei-o. — Ei, enquanto isso, podemos assistir TV. Sei que você não anda recebendo sua dose diária ultimamente.

Robinson concordou com a cabeça.

— Se você tivesse um Slim Jim e uma caixa de Oreos, seria perfeito.

Tentei limpar uma mancha de sangue de sua gola.

— Você realmente precisa comer melhor.

— Eu sei — Robinson concordou. — Estou em um pronto-socorro por causa de muitos Slim Jims e pouca TV. — Ele me olhou furtivamente.

*Ah, quem dera isso fosse verdade* — pensei. Por um breve momento, me agarrei a uma esperança louca de que o médico lhe daria uma colher de Maalox extraforte e, então, estaríamos a caminho do Gateway Arch, em St. Louis, ou da maior bola de barbante do mundo. Mas eu tinha visto seu sangue, e era escuro, quase da cor de café. Sabia que isso significava que ele veio do seu trato gastrointestinal. Onde o câncer costumava estar.

Onde talvez ainda estivesse.

— Por que eles têm que deixar no canal de compras? — Robinson perguntou.

Olhei para cima. Uma senhora com longas unhas vermelhas vendia bibelôs, sorrindo para a câmera com lábios lustrosos e dentes tão brancos que cegavam.

— Qual é. Não me diga que não amou aquele elefante de jade — provoquei.

Por que estávamos falando de porcarias fabricadas na China? Sobre comida ruim? O elefante que precisávamos discutir era aquele na sala: o *sangue* de Robinson, sua *doença*, que nada tinha nada a ver com nutrição.

Por outro lado, foi ignorando a verdade que chegamos tão longe. Não ficamos sentados, lamentando.

Nós assumimos o controle; nós *partimos*. Nós rimos e dirigimos rápido e colocamos a cabeça para fora da janela, mostrando o dedo do meio para o câncer. Porque nós sabíamos que uma pessoa podia morrer muito antes de sua verdadeira morte. E não importava o que o futuro nos reservava: não queríamos ser esse tipo de pessoa.

Robinson piscou, sonolento.

— Eu meio que gosto do elefante. Acho que jade significa boa sorte. Provavelmente poderíamos fazer bom uso de um pouco de sorte.

Sua voz estava carregada de sono. Seus olhos se fecharam, e ele colocou a cabeça sobre meu ombro. Apertei sua mão, ainda ao redor da minha. Exatamente como ele havia dito: estávamos nisso juntos.

— Vai ficar tudo bem — sussurrei. Mas Robinson já estava dormindo e não podia ouvir minha mentira.



## Capítulo 27

A amarga ironia de minha vida era que, dois anos depois que minha irmã, Carole Ann, morreu em uma ala de oncologia pediátrica em Portland, Oregon, eu me tornei paciente da mesma ala. Eu conhecia todas as enfermeiras, que balançavam a cabeça, recusando-se a acreditar.

— As duas meninas Moore? — elas sussurravam. — *As duas?*

Mas, se Deus, o destino ou o carma decidir que você vai ter câncer, cruze os dedos e torça para ser um como o meu. O linfoma de Hodgkin não é incomum, o que significa que os médicos sabem muito sobre ele e, a essa altura, sabem muito bem curar essa doença. Esse é o lado positivo, o copo meio cheio.

— Ah, sim, o copo meio cheio... de merda — Robinson costumava dizer. Eu o conheci naquele lugar, e, toda vez que ele falava um palavrão, eu meio que dava um soco no braço dele, porque eu não gostava. Mas eu gostava *dele*, o que facilitou um pouco estar naquele lugar.

Não me entenda mal. Mesmo um câncer com grande probabilidade de cura não é fácil. Sim, as paredes do hospital eram pintadas com cores bonitas, as enfermeiras vestiam uniformes com estampas do Ursinho Pooh e algumas das crianças mais velhas fingiam que a ala era um colégio interno, completo, com uniformes que consistiam em camisolas azuis finas, chinelos de pelúcia e carecas cobertas com lenços coloridos. Mas estar lá e estar doente era um saco.

Até o dia em que conheci Robinson. Até o dia em que ele me encontrou.

Se a vida fosse um filme, nós teríamos aquilo que as pessoas chamam de *meet cute* [\[11\]](#). Algo do tipo: eu trombaria com Robinson enquanto carregava uma enorme pilha de revistas que pegara emprestado da sala de espera. Todos aqueles semanários inúteis como *Us*, *People* e *Life & Style* se espalhariam pelo chão. Eu faria uma piada sobre estudar para um teste de cultura pop e ele daria risada enquanto me ajudava a recolher a bagunça. Quando as revistas estivessem de volta em meus braços, perceberíamos que estávamos totalmente loucos um pelo outro, e a comicidade e o romance dominariam a tela pelos próximos noventa minutos.

Na vida real foi assim: durante uma alucinação causada por narcóticos, resultante de uma reação ruim à quimioterapia, eu olhava fixamente para a TV, convencida de que Barney, o dinossauro roxo, estava falando diretamente comigo. Quando fracassei em decifrar sua mensagem, adormeci, acordando mais tarde para encontrar um garoto lindo, de cabelos negros, sentado ao lado de minha cama. Eu sabia que tinha morrido, porque, a não ser que tivesse sido transportada para o paraíso, não havia possibilidade alguma de um carinha tão atraente estar sorrindo para mim.

Mas eu não estava no paraíso. Era Robinson, e ele era real. Ele me disse:

— Sua aparência está péssima. Eu me sinto péssimo. Vamos ser amigos.

E, simples assim, nos tornamos amigos. Robinson era magnético: ele poderia te dizer que você parecia péssima, e você ainda o adoraria.

Robinson estava mais doente do que eu, mas não agia como se estivesse. Ele tinha um tipo raro de linfoma não Hodgkin chamado Burkitt. O *não* significa que é pior.

— Burkitt foi o médico que descobriu o câncer na África equatorial — Robinson me informou. —

É mais comum por lá. — Ele parecia quase orgulhoso de seu câncer estranho e exótico. Aí ele sorria maliciosamente. — Burkitt também tinha uma teoria superelaborada sobre a postura certa para defecar. Ele disse que, se você se agachar (sabe, como um apanhador no beisebol), você nunca vai desenvolver câncer de colón. Sério, não dá pra inventar essas coisas.

Pesquisei Burkitt imediatamente. Para pacientes com as estatísticas de Robinson (seu câncer estava no estágio IV), a taxa de sobrevivência era de cinquenta por cento.

Havia crianças na ala que precisavam apenas amputar um pé, ou remover uma protuberância misteriosa, e então poderiam viver até os 100 anos. Por que Robinson? Por que essa doença? Mas Robinson era filosófico. Ele disse:

— Cinquenta por cento? Já vi piores.

Todos já vimos.

Uma chance de sobrevivência de cinquenta por cento era cara ou coroa. Então, logo que descobri quais eram suas chances, sentei em minha cama de hospital, segurando um centavo na palma da mão, fechando bem os olhos.

— Cara, ele vive — disse. Nem mesmo murmurei o que coroa significava. Joguei a moeda para o alto e, quando a peguei, respirei fundo por um longo tempo antes de olhar.

Deu cara.

Não sei dizer o valor que dei àquele jogo de cara ou coroa. Eu acreditava nele com todas as células do meu corpo. *Nossa sorte não acabaria*. Era o que eu dizia a mim mesma.

Mas eram apenas palavras. Minha mãe previa que ia chover pela dor que sentia no joelho. Quando eu era criança, tinha uma cachorrinha, Sadie, que percebia a presença do carteiro a dois quarteirões de distância. De seu jeito esquisito, silencioso, elas sabiam o que estava por vir.

E, agora, eu também.

Naquela sala de espera fria, tão fria, Robinson se apoiava em mim. Eu podia sentir sua respiração.

Imaginei que podia ver as batidas fracas e preciosas de seu coração pulsando sob sua pele. Ele era tão

lindo, tão vivo.

Mas por quanto tempo? Eu não precisava de um médico para me dizer o que já sabia. Robinson, a melhor parte de mim, meu coração, minha vida, possivelmente estava morrendo.

Nossa sorte não acabaria? *Por favor, Axi. Tudo acaba um dia. Tudo.*



## Capítulo 28

Finalmente Robinson foi internado no hospital de La Junta, e um enfermeiro nos levou a um quarto particular. Ele o ajudou a subir na cama enquanto me sentei na cama vazia ao lado.

— Você vai escrever sobre isso? — Robinson perguntou. — No seu diário?

— Eu escrevo apenas as partes boas de nossas aventuras.

Robinson caçoou.

— Você não pode escrever um livro sem um conflito.

— Quem falou em livro? Este é o meu diário. É um caderno cor-de-rosa que comprei na Walgreens por 2,99 — respondi.

Robinson chacoalhou os ombros.

— Nunca se sabe.

Por algum motivo, isso me fez rir.

— Claro, vou escrever um livro — eu disse a ele. — Contanto que você prometa que realmente vai ler.

Ele levantou o dedo mindinho.

— Prometo.

E, antes que eu pudesse selar a promessa, uma voz ecoou da porta.

— Então, o que temos aqui? — Levantamos o olhar para ver um gigante barbudo usando jaleco e nos encarando.

Ele se apresentou como Dr. Ellsworth e nem sequer quis saber o sobrenome de Robinson antes de começar a fazer uma série de perguntas. Robinson usava drogas? Bebia? Ele tinha viajado para o exterior recentemente? Ele teve úlcera alguma vez? Era alérgico a algum tipo de comida? Comeu espinafre durante a epidemia de *E. coli* no mês passado?

Robinson estremeceu ao pensar em espinafre. Respondeu não para tudo.

Eu ainda estava assustada com o tamanho do médico. Ele poderia ser o cara forte em um circo, mas

agora ele estava se debruçando sobre o peito de Robinson, ouvindo seu coração e seus pulmões.

E estava franzindo a testa.

Ele apalpou o estômago do Robinson, e Robinson respirou fundo, recuando. Tive que desviar os olhos. Não podia suportar vê-lo com dor.

Depois de muitos minutos, o Dr. Ellsworth falou:

— Vou pedir uma tomografia e um raio X. Temos... anormalidades.

Só porque eu esperava ouvir algo do tipo, não significa que não senti um soco no estômago.

Respirei fundo, assustada, quando Robinson disse:

— Na verdade, se o senhor não se importar, doutor, preferia não fazer esses exames.

— Você pode estar muito doente, meu rapaz — o médico replicou.

Robinson o observou, piscando seus olhos negros.

— Posso — ele admitiu. — Mas vamos deixar as coisas como estão. Nenhuma notícia é notícia boa, certo? Por outro lado, acho que posso estar com um princípio de gripe ou algo assim. — Ele deu o sorriso mais sedutor que conseguiu, o que, diante da situação, era bem impressionante.

— Você está com pneumonia — o Dr. Ellsworth disse. — E possivelmente pleurisia. Posso confirmar isso imediatamente.

— Por favor, que isso seja tudo o que ele tem — sussurrei. De repente, pensei na esfera que Robinson comprou para mim em Mount Shasta e enfiei o braço no fundo da mochila para pegá-la.

Corri os dedos sobre sua superfície lisa. Era tanto um talismã quanto útil para aliviar o estresse.

O médico se voltou para mim.

— E você? — ele perguntou. — Precisa de algum cuidado médico que prefira recusar?

Neguei com a cabeça.

— Estou aqui apenas para dar apoio moral — respondi.

O Dr. Ellsworth caminhou até o lado da cama em que eu estava sentada e tocou meu pescoço. Seus dedos estavam gelados.

— Essa cicatriz bem aqui — ele disse. — Foi uma queimadura por radiação, não?

Me afastei de seu toque, não dizendo nada. Eu não era uma paciente e não precisava responder.

Não importava se eu tinha uma cicatriz. Eu tive alta. Estava em remissão.

Mas, como Critter, um amigo de meu pai, costumava dizer, *não é porque está ensolarado que uma tempestade não esteja a caminho.*

O Dr. Ellsworth cruzou os braços sobre seu peito forte.

— O que acontece com vocês dois? De onde vocês vieram? — ele quis saber.

Robinson e eu nos olhamos. Ele balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

Falei por nós dois.

— Não podemos dizer no momento.

O Dr. Ellsworth olhou para nós avidamente.

— Não estou brincando. Acredito que este jovem tenha um tumor no abdômen. Um tumor. Vocês entendem a gravidade disso?

Robinson tentou se sentar.

— Ei, Axi. Qual a diferença entre um médico e um advogado?

Eu conhecia essa piada. Era uma das mais famosas de Robinson. E fiquei um pouco surpresa por ele se lembrar dela naquele momento. Entrando na dele, falei:

— Não sei. Qual?

— Um advogado vai te assaltar; um médico vai te assaltar e te matar.

O Dr. Ellsworth fez um som gutural. Engoliu a risada? Um resmungo de irritação?

— Estou tentando ajudar — ele resumiu.

— Então traga uma TV — Robinson gracejou. — De preferência com canais a cabo.

Na verdade, eu e Robinson tínhamos uma rotina. Nós a aperfeiçoamos nos corredores da ala de pacientes de câncer do hospital em Portland. As enfermeiras nos adoravam. Éramos como Abbott e Costello do câncer.

— Ei, Robinson — eu disse. — Como se chama uma pessoa que tem um linfoma atrás do outro?

— Não sei. O quê? — Ele já estava rindo.

— Um linfomaníaco! — gritei.

Robinson deu uma gargalhada e bateu na própria coxa.

— Essa foi boa!

O Dr. Ellsworth respirou fundo.

— Se houvesse uma droga para prevenir humor negro, receitaria para vocês dois. — Mas dava para perceber que ele nos achou pelo menos um pouquinho engraçados.

Ele foi em direção à porta.

— Vou lhe dar antibióticos intravenosos e encorajá-lo a pensar muito nos exames que mencionei.

— Não gosto de exames — Robinson disse. — Sempre reprovo.

— Onde estão seus pais, meu jovem?

Olhei de relance para Robinson. Essa resposta eu também não sabia.

Robinson deu as costas.

— Sou legalmente adulto — ele disse. — Quer ver minha identidade?

O Dr. Ellsworth olhou para Robinson mais uma vez, depois balançou a cabeça e saiu do quarto.

Robinson fechou os olhos.

— Vou só tirar um cochilo — ele avisou. — Se você suportar ficar sem minha companhia por um tempo.

Me levantei e coloquei um cobertor sobre ele. Não queria que me deixasse nem por um minuto.

— Acho que consigo me virar — repliquei, suavemente.

— Você deveria descansar também.

— Não estou cansada — respondi, mentindo outra vez. E sabia que não conseguiria dormir de qualquer jeito; eu precisava ficar de olho nele. Me certificar de que não começaria a tossir de novo.

Me certificar de que o sangue permaneceria dentro dele, onde deveria ficar. Observar seu peito subir e descer, subir e descer.

Me sentei ao lado de sua cama. Esperava que os antibióticos fizessem sua mágica invisível nas células, e rápido. E desejei que tudo o que Robinson precisasse era, para usar sua própria terminologia, uma afinada. Porque não iríamos ficar em La Junta durante seis semanas para a quimioterapia. Isso não estava nos planos.

Alguns minutos depois, ergui os olhos e vi que o Dr. Ellsworth estava de volta.

— Vamos transferi-los para outro quarto — anunciou. — Não quero vocês longe de um respirador. Nem da estação de enfermagem.

Robinson me olhou e ofereceu um sorriso fraco e sonolento.

— Precauções, claro — ele disse.

— Claro — repeti. — Você deve estar com algum vírus que está rondando por aí. — Como se o câncer fosse algo contagioso, como os médicos um dia pensaram que fosse. Como se não fosse mais sério que um resfriado comum.

Não ousei olhar para o Dr. Ellsworth. Ela estava prestes a acrescentar *louco* à lista de diagnoses de Robinson. Dava para adivinhar. Por mim, estava tudo bem.

Até onde eu sabia, nunca ninguém morreu de loucura.



## Capítulo 29

À noite Robinson foi sedado. Sua respiração havia ficado difícil e dolorida. Isso, aparentemente, era a pleurisia. Ou talvez fosse a pneumonia. Eu não queria saber. Quando eles diziam coisas como “análise de fluido peritoneal” e “baixo índice de plaquetas,” eu colocava os dedos nos ouvidos.

Sozinha, li todas as revistas que pude encontrar: *O Golfista*, *Pesca Esportiva* e *Gravidez em Forma*. Nenhuma trazia informações úteis para mim, mas, levando em conta que odeio golfe, sou vegetariana e virgem, isso não foi surpreendente.

Depois caminhei sem rumo pelos corredores, notando continuamente como um hospital se parece tanto com outro. Eles têm o mesmo som (os bips de monitores cardíacos, o sopro das máquinas de oxigênio, o murmúrio dos visitantes). Servem o mesmo tipo de comida (suco de uva doce demais, pãozinhos encharcados e presunto cor-de-rosa que parece de plástico). Têm até o mesmo cheiro (odor de desinfetante, ar reciclado, corpos e o que eles expelem — uma mistura que posso descrever apenas como *cheiro de banheiro*).

Por pior que fosse o hospital de La Junta, uma pequena parte de mim relaxou um pouco. Ao contrário do restante de nossa jornada cruzando o país, uma ala de hospital era território conhecido.

Um lugar em que eu sabia navegar. E acho que estava contente por ter um teto sobre minha cabeça outra vez.

Mas, como Robinson seria o primeiro a lembrar, não dá para bancar Bonnie e Clyde em um hospital. Você está em um filme completamente diferente.

— Tentando abrir um buraco no chão? — uma das enfermeiras perguntou, com um sorriso amigável, quando passei pela estação pela vigésima vez.

Sorri.

— Desculpe. Só esticando as pernas.

— Não se preocupe, continue — ela disse. — Exercício faz bem para o corpo.

Ela parecia precisar de um pouco de exercício também, mas estava ocupada jogando Freecell no computador. Noite calma no pronto-socorro, talvez.

Entrei em um novo corredor e encontrei uma porta dupla e pesada. Eu a empurrei e me vi na entrada de uma pequena capela.

Era completamente diferente do resto do hospital branco e estéril. A parede da frente era vermelho-escuro. Havia velas em LED cintilando ao longo de um altar simples de madeira. Mas não havia uma estátua de Jesus na cruz — nem de Maria ou de Ganesh, nem de Buda ou de L. Ron Hubbard, nem de qualquer outro para quem as pessoas dali rezassem. Havia apenas aquele vermelho

— o vermelho dos namorados, de sangue. Música clássica tocava baixinho em autofalantes invisíveis.

Sentei-me em um banco. Meus pais me levaram à igreja umas três vezes antes de perderem o interesse em pedir silêncio para mim e Carole Ann o tempo todo. Agora eu estava sozinha na capela e não sabia bem o que fazer. Apoiei o rosto em minhas mãos. Qualquer pessoa que espiasse pensaria que eu estava rezando.

Pensei em Carole Ann e em Robinson. E em mim mesma, também. Como fomos afetados por forças que pareciam terríveis e sobrenaturais, mas que eram apenas assustadoras e simples. O câncer são células anormais que se dividem sem controle e invadem outros tecidos. Simples assim. Mas ainda era um mistério: *Por que meu corpo está tentando me matar?*

Antes de entrar em remissão, eu odiava meu corpo por me trair. Considerando que eu estava sendo tratada de câncer ao mesmo tempo em que meus seios estavam crescendo, comecei a precisar depilar as pernas e a usar absorventes. Bem, era como se meu corpo estivesse tentando piorar as coisas.

Ter Robinson comigo naquela jornada significou tudo. Éramos capazes de rir de como estávamos fracos. Competíamos para ver quem tinha as piores feridas na boca (eram causadas pela quimioterapia e eram horríveis). Provocávamos um ao outro para comer, quando comida era a última coisa que queríamos.

Salvamos um ao outro, Robinson e eu. Ou, pelo menos, ele me salvou.

Mas por que eu? Por que eu estava tão bem quando Robinson estava tão doente? Quando Carole Ann estava morta?

O que sei sobre a doença — além do medo, da incerteza e do pesadelo das drogas que a acompanham — é que ela constrói uma barreira entre o doente e o sadio. Quando estávamos na ala de oncologia pediátrica, Robinson e eu estávamos do mesmo lado dessa barreira. Agora eu não podia suportar a ideia de que qualquer barreira existia entre nós. Eu queria sentir o que ele estava sentindo. Queria estar com ele. Em tudo.

De certo modo, senti que meu corpo me traía outra vez. E dessa vez ele estava me matando ao me manter saudável. Sabia que eu não estava sendo racional. Não era como se eu quisesse estar com câncer outra vez... certo?

Olhei fixamente para as luzes cintilantes por um longo tempo. Como não veio nenhum padre, anjo ou epifania responder à minha pergunta, decidi voltar para junto de Robinson.

Ele estava tomando antibióticos intravenosos para combater a infecção no pulmão. Também lhe deram morfina, por que, sem ela, o remédio causaria muita dor ao ser injetado.

Robinson se virou para mim e sorriu. Suas pálpebras estavam pesadas; sua pele, pálida.

— Eu já te disse que você é linda? — ele perguntou.

Arrumei o cobertor sobre ele.

— É a morfina falando — respondi.

Ainda assim, meu rosto corou. Eu desejava e rezava que fosse realmente ele falando.



## Capítulo 30

Eu estava à beira do penhasco outra vez, e Robinson estava ao meu lado, segurando minha mão. Sabia que ele deveria dizer alguma coisa para me confortar, mas ele estava tão silencioso que poderia ser um fantasma.

Dei um passo para a frente, prestes a mergulhar nas profundezas...

Acordei com um sobressalto.

Na escuridão, o som de rock romântico vinha do rádio na estação de enfermagem, um tipo de música que Robinson costumava alegar ser tão mortal quanto o câncer. As enfermeiras sempre riam muito com essa.

Estava prestes a fechar os olhos e voltar a dormir quando vi uma forma ao lado de minha cama.

*Robinson.* Ele deu um passo para a frente e tocou meu ombro. Mesmo na escuridão, eu podia ver que ele estava vestido. Não usava a camisola do hospital.

— Axi?

Me levantei.

— É hora de ir embora — ele disse baixinho.

Ele colocou minha mochila aos pés da cama e estendeu uma mão para me ajudar a levantar. Seus dedos estavam quentes e reconfortantes, como se eu estivesse doente, não ele. Robinson era sempre tão cuidadoso comigo. Me lembro de caminhar pelos longos corredores do hospital de Portland com ele, ambos tão fracos que arrastávamos os pés como octogenários.

— Octo o quê? — ele questionou.

— Octogenários. Pessoas entre oitenta e oitenta e nove anos.

Ele riu.

— Ah, não preciso me preocupar em viver tanto.

Parei abruptamente. E aquele cara ou coroa? Não quis dizer nada?

— Do que você está falando? — perguntei.

Robinson sorriu ironicamente.

— Axi, vou ser uma estrela do rock. Meu corpo vai estar acabado por volta dos sessenta e cinco

— ele explicou. — Muitos decibéis. Muito rock 'n' roll. Você vai ler sobre mim algum dia. Serei o cara que foi aniquilado pela música. *Conheci esse cara, você vai dizer. Ele era legal.*

Agora, no meio da noite, no meio de lugar nenhum, toquei o ombro de Robinson.

— Tem certeza de que está bem?

Pude ver que ele sorria abatidamente.

— Acho que já vi o suficiente de La Junta — ele disse. — Melhor seguirmos em frente.



## Capítulo 31

Não me incomodei em pedir que ele virasse o rosto enquanto eu vestia minhas roupas *levemente* menos sujas. Primeiro porque estava escuro. Além disso, que segredos eu ainda escondia dele?

Além do fato de que o amava, obviamente. Mas talvez fosse hora de revelar esse segredo, também, se eu conseguisse ser corajosa.

Robinson moveu-se até a janela, seu rosto levemente iluminado pelo brilho alaranjado das luzes do estacionamento. Quando acabei de vestir o jeans e um moletom amarrotado, fui para seu lado.

— Você sabia que Câncer é a constelação mais indistinta do zodíaco? — ele perguntou.

Quando neguei com a cabeça, ele apontou para o céu escuro.

— Fica ali. E não se parece nadinha com um caranguejo.

— Eu não sabia que você era um astrônomo tão talentoso.

Com o canto do olho, pude ver seu sorriso.

— Axi, eu tenho facetas que você nem pode imaginar.

Me senti atordoada quando ele disse isso. É possível amar alguém mais que a própria vida e, ainda assim, nunca saber, com certeza, tudo o que o outro pensa? Eu queria — precisava — conhecer todas as facetas de Robinson que pudesse, enquanto pudesse.

— O que é mais louco — Robinson continuou — é que cada estrela que você consegue ver lá é maior e mais brilhante que o nosso sol. Elas apenas parecem pequenas porque estão muito mais longe. — Ele ainda olhava pela janela como se houvesse uma mensagem para ele escrita no céu.

*A mensagem está bem aqui, Robinson — eu queria dizer. Olhe para mim e eu te direi.*

Mas, claro, fiquei muda. Me movi para mais perto dele e desajeitadamente o cutuquei com meu quadril. Por um instante, pensei tê-lo cutucado com muita força. Quão debilitado ele estava? Como ele não pareceu notar, me perguntei se deveria tentar de novo. Me perguntei se deveria segurar sua mão. Se deveria pular sobre ele e jogá-lo no chão e beijar cada centímetro de seu corpo frágil e belo.

Me aproximei ainda mais e, dessa vez, senti que ele percebeu. De repente ele estava mais consciente de minha presença. Ele ficou imóvel enquanto uma energia agitava o ar entre nós. Prendi o fôlego, e

acho que ele estava prendendo o dele também.

*Agora é a hora, Axi — pensei. Carpe diem.*

Peguei sua outra mão, que estava do outro lado do seu corpo, e o virei para mim.

— Tenho uma coisa para te dizer — sussurrei.

— Sou todo ouvidos — ele sussurrou de volta.

Ele esperou em silêncio, dando tempo para meus olhos correrem por seu rosto: sua testa alta, seus olhos profundos, seus lábios grossos.

Abri a boca, no entanto não consegui dizer nada. Eu era a escritora, a leitora. E agora, quando eu realmente precisava dizer coisas que queria dizer, tipo, desde sempre, as palavras me abandonaram.

— Está tudo bem — Robinson disse, suavemente.

*O que está bem? — eu poderia ter perguntado. Nada está bem! Nós estamos em um hospital porque você pode estar morrendo! Quantas outras chances vou ter de amarelar antes que você vá embora de repente?*

Se eu não conseguia dizer nada, precisava fazer alguma coisa. Naquele exato momento. Ou eu poderia nunca sentir a sensação de seus lábios tocando os meus.

Eu não poderia viver sem isso.

E isso foi tudo de que eu precisava. Envolvi meus braços ao redor de seu pescoço e rocei meu rosto tão levemente no dele que sua barba tocou minha pele. E, então, o beijei.

Quando nossos lábios se encontraram, em uma torrente de calor e suavidade, a eletricidade fluiu pelo meu corpo. Tive certeza de que comecei a brilhar. Que estava cheia de luz estelar.

*Finalmente.* Era por isso que eu ansiava. E, pelo jeito como a respiração de Robinson instantaneamente combinou com a minha... senti, com toda a certeza, que ele também ansiava por isso.

Por que esperamos tanto tempo?

Os braços de Robinson abraçaram minha cintura, apertado, e suas mãos percorreram um caminho até meus cabelos. Um pequeno gemido escapou de sua garganta, e ele me beijou com toda a força, como se nunca estivesse doente e nunca fosse ficar outra vez... como se estivesse mais vivo do que nunca.

E eu também estava.

Depois de um minuto, ou uma hora, nos separamos, sem fôlego. Meu rosto estava queimando, e meu corpo inteiro parecia vibrar. Como se estivesse cantando.

Primeiro, os olhos de Robinson pareciam tão solenes que senti um nó na garganta. Então, como uma

luz brilhando na escuridão, surgiu aquele sorriso que eu desejava, aquele sorriso largo e torto, cheio de vida.

— Te amo, Axi Moore — ele sussurrou. — O que mais posso dizer?

Balancei a cabeça e sorri, meus olhos úmidos reluzindo. Eu ainda estava tão emocionada que não conseguia falar uma palavra sequer.

Se era uma vida sem palavras — uma vida de *atos*, não apenas de conversa —, estou disposta a desistir delas para sempre.



## Capítulo 32

Era hora de ir. Nos apressamos pela escuridão, os braços de Robinson sobre meus ombros. Era como um abraço. Como se agora, quando finalmente nos tocamos, não suportássemos ficar separados. Mas também era ele se apoiando em mim para ficar de pé.

Eu ainda brilhava. Me sentia mais reluzente que as estrelas.

Beijar Robinson foi como chegar ao fim de um deserto e encontrar uma fonte de água fresca. Era como a luz do sol depois de anos de inverno. Era como o Natal em junho. Era como... Ah, dá um tempo. Pra que me incomodar com frases poéticas idiotas?

O que eu sentia era felicidade.

Felicidade que foi totalmente suprimida pela ansiedade de deixar um hospital contra as recomendações médicas. Minha lista de atos de rebeldia estava crescendo a cada instante.

No estacionamento, Robinson se abaixou e me deu outro beijo. Daí ele se afastou, sorrindo.

— De repente sinto que posso fazer qualquer coisa — ele disse.

Eu sentia exatamente a mesma coisa. Tudo ficaria bem. Ou mais que bem. Mágico.

— Só me diga que *qualquer coisa* não inclui pegar um carro diferente — falei, pressionando minha mão sobre seu rosto áspero. — Já tivemos muita emoção.

Robinson me beijou outra vez, seus lábios suaves, mas urgentes. Desse jeito não sairíamos do estacionamento, e talvez eu nem ligasse, contanto que aquilo continuasse acontecendo.

— Eu nunca abandonaria Bete, a Caminhonete — Robinson disse depois de um tempo. — Ela precisa conhecer Detroit.

Comecei a rir compulsivamente. Nossos beijos estavam mexendo um pouco com minha cabeça.

— Bete, a Caminhonete?

— Sim, senhora — Robinson explicou. — Prima em segundo grau de Charley, a Harley.

Ele riu de sua própria piada e subiu na caminhonete. Deu a partida e acelerou algumas vezes para aquecer o motor. Daí ele se deslocou para o lado do passageiro, onde eu estava prestes a sentar.

Parei de rir.

— Robinson? — eu disse, observando o espaço vazio atrás do volante.

Ele apoiou a cabeça no assento.

— Eu sei que disse que podia fazer qualquer coisa... Mas provavelmente vai ser melhor se você dirigir por enquanto.

Notei que sua voz estava rouca outra vez e sua mão estava sobre o peito, como se tivesse dificuldade para respirar.

— Então é melhor darmos meia-volta e ficar no hospital! — insisti. — Detroit ainda vai estar lá daqui a dois dias.

Robinson balançou a cabeça.

— De jeito nenhum, Axi. Cansei deste lugar.

— E se este lugar ainda não estiver cansado de você?

Ele bateu de leve no banco.

— Venha aqui, Axi. Do meu lado.

Contornei a caminhonete e subi com dificuldade no banco do motorista. Robinson colocou o braço sobre meus ombros e eu mergulhei o rosto em sua camisa de flanela. Ele cheirava a hospital, mas também a Robinson. Sabonete, pinho e *menino*.

Claro que eu queria ir embora. Queria ficar sozinha com Robinson outra vez. Queria mais do que aquilo que começamos no hospital. *Muito* mais.

Mas será que era um erro partir?

Quando Robinson falou outra vez, sua voz pareceu mais forte. Também parecia que ele estava lendo meus pensamentos.

— Quem liga se sair daqui é um erro? Eu cometeria esse erro de novo um milhão de vezes — ele insistiu. — Estamos juntos. Isso é o que importa. Quero fazer essa viagem com você. É tudo o que quero. Tudo de que preciso. Não vou passar por radiação ou tomografia ou biópsias ou qualquer outra coisa que eles queiram fazer comigo.

Minha voz estava abafada por sua camisa, porque eu não queria me afastar dele nem um milímetro.

— E se for uma sentença de morte recusar o tratamento agora?

Robinson debochou.

— Um hospital é uma sentença de morte. Você corta o dedo, pega uma infecção por estafilococo e,

quando vê, está admirando a grama pelo lado de baixo. Ir embora agora, Axi, é escolher viver.

Eu podia ouvir as batidas rápidas de seu coração.

— E se for uma vida mais curta?

Ele chacoalhou os ombros.

— Bem, como Kurt Cobain disse, “É melhor queimar de uma vez do que se apagar aos poucos”.

Só que, na verdade, ele estava citando uma música do Neil Young.

Me sentei, de repente. O que eu ia fazer com essa pessoa?

— Posso te lembrar que Cobain escreveu isso em seu *bilhete de suicídio*?

— Bem, você tem que admitir que ele tinha razão, MC — Robinson argumentou.

Fechei os olhos e respirei fundo, me acalmando. Robinson esticou a mão, e seus dedos se entrelaçaram nos meus, tentando me tranquilizar.

E se fazer o que você quer e fazer o que é certo forem duas coisas completamente diferentes? E se, ao viver a vida que escolheu, você condenar a si próprio — ou, pior, alguém a quem você ama?

Depois de um minuto, abri os olhos. Não éramos capazes de conhecer o futuro ou saber quanto tempo ele ia durar. Podíamos apenas escolher ser felizes e viver o agora.

— Tá bom, tá bom. Você venceu, Robinson. Mas com as seguintes condições: Um: não me chame de MC, ok? E dois: você não tem permissão para morrer. Ouviu?

Robinson abriu um sorriso largo e bateu continência.

— Sim, senhora. De acordo. Como quiser. Etcetera.

Apertamos as mãos, selando o acordo, como se fosse simples assim.

Então, cerrei os dentes e comecei a dirigir.



## Capítulo 33

Robinson caiu no sono quase imediatamente. Por mim tudo bem, porque precisava de concentração total em minha nova tarefa: pilotar uma armadilha mortal em alta velocidade pelo país.

Se você quer saber, os acidentes automobilísticos matam mais jovens que o câncer. Aqueles crucifixos que você vê ao lado da estrada, pintados de branco, enfeitados com flores de seda desbotadas? Eles são para pessoas da minha idade. (Pessoas que estavam enviando mensagens pelo celular, meu pai gostava de me lembrar, porque ele nunca culpava a cerveja por nada.) Consegui não me tornar uma estatística naquelas primeiras horas, mas houve alguns... problemas ocasionais. Por exemplo, quando parei em um posto da Texaco para abastecer e não sabia operar a bomba, e Robinson estava dormindo tão profundamente que eu não quis acordá-lo. Depois que implorei para um senhor idoso me ajudar a encher o tanque, voltei para a estrada na direção errada.

Por cinquenta quilômetros.

Depois que fiz um retorno, tentei ligar o rádio baixinho. Mal funcionava, então desliguei e fiquei apenas com meus pensamentos como companhia:

*Nunca imaginei que os Estados Unidos eram um país tão grande.*

*Onde é o Starbucks mais próximo?*

*Como meu pai não me achou ainda?*

Os quilômetros se acumulavam, monótonos e angustiantes. Comecei a falar alto para me manter distraída.

— Não me entenda mal — eu disse, mesmo sabendo que Robinson ainda estava na terra dos sonhos. — Nunca acreditei que chegaríamos tão longe. Tipo, meu pai não ia ligar para a polícia quando acordasse e não me encontrasse? Ou pelo menos ligar para o Critter? Aquele cara é um cão de caça.

Critter já encontrou até mesmo o diamante que havia caído do anel de noivado da minha mãe — em um rio. Não que ter o diamante de volta a tenha encorajado a ficar.

— Obviamente, não estou dizendo que quero ser encontrada. Quero continuar. Mas me pergunto se fomos muito sortudos até agora. Ou será que há uma certa quantidade de... desinteresse da parte de meu pai quanto à localização da única filha que lhe resta?

Tomei um gole do café frio que comprei no posto. Me sentia bem falando nisso, mesmo que, ou especialmente porque, Robinson não estivesse ouvindo.

— E aí tem você — eu disse para a silhueta adormecida de Robinson. — Onde estão seus pais?

Eles não estão preocupados com você? Eles têm ideia de onde você está?

Quando conheci Robinson na ala de oncologia, ele fugia de qualquer conversa sobre sua família.

Nenhum pai de olhos tristes sentava com ele durante as sessões de quimioterapia; nenhuma mãe em prantos segurava sua mão enquanto ele era bombardeado com partículas radioativas.

Ele estava, pelo que o resto de nós podia concluir, cem por cento sozinho.

Por outro lado, ninguém era mais popular. Ele podia se transformar no melhor amigo do entregador de pizzas em cinco minutos. Uma vez ouvi duas enfermeiras discutindo porque queriam adotá-lo. E, claro, ele poderia ter qualquer garota que quisesse, internada ou não. Ele era magnético.

Entre todas essas pessoas, ele me escolheu. Eu era sua família.

Quando recebemos alta, Robinson me seguiu para Klamath Falls.

— Precisamos ficar juntos, Axi — ele disse. — Além disso, tenho um tio lá. Ele disse que posso morar no seu porão.

Não questioneei; tudo o que eu queria era não precisar dizer adeus.

Percebi, então, o quanto ele deixou para trás ao longo de sua vida: seus pais, seu tio, os médicos que queriam tratá-lo. Era como se ele fugisse de todo mundo todo, menos de mim.

— Eu sou o suficiente, Robinson? — ouvi minha voz perguntar. — Será que realmente posso ser tudo de que você precisa?

Ele se mexeu dormindo, esticando as longas pernas. Mas não acordou para responder àquela pergunta crucial.

— Me pergunto — continuei — se é possível ir tão longe que eu perca o medo de nunca mais voltar. — Mordi os lábios, e bebi um pouco mais de café amargo. — Pensei que tivesse avaliado os riscos. Pensei que tinha tudo planejado. Mas não contava com você doente.

Olhei para ele outra vez. Seus cílios formavam uma curva escura contra seu rosto pálido, e sua mão esquerda se contraía, como se estivesse se movendo em um sonho.

Havia outra coisa com a qual eu não tinha contado. Não tinha contado com me apaixonar, tão rápida e irrevogavelmente quanto despencar de um penhasco, com perceber que amar alguém pode significar, simultaneamente, querer dar-lhe um murro e abraçá-lo e talvez ter que vê-lo morrer... Eu não tinha contado com isso.

Estendi a mão e toquei seu rosto.

— Te amo — sussurrei. — Por favor, fique comigo.

Dormindo, Robinson se virou e respirou fundo.



## Capítulo 34

Robinson e eu, de mãos dadas, olhamos fixamente para as ruínas: prédios caindo aos pedaços, casas queimadas, calçadas cobertas de lixo e o esqueleto de uma antiga fábrica da Ford.

— Bem-vinda a Detroit — Robinson disse, alegremente. Ele estava se sentindo bem melhor hoje, e eu esperava que nossa localização não tivesse nada a ver com isso. — A capital dos Automóveis.

Motown. Eu poderia ter crescido aqui se meus pais não tivessem deixado a cidade.

— Provavelmente era um pouco melhor quando você estava morando aqui, hein? — eu disse, o tempo todo esperando que não fosse simbólico que o primeiro lugar que Robinson e eu visitávamos juntos, como um casal (porque éramos um casal agora, certo?), estivesse em ruínas.

Com a ponta de sua bota, Robinson fez uma latinha vazia de Red Bull voar em um arco amplo sob o sol de verão.

— É, provavelmente era.

Tirei uma foto de um sofá embolorado com um monte de pombos em cima. À nossa esquerda, uma árvore crescia da lateral de um edifício.

— Acho que pode ser bonito, de certo modo, se você curtir uma decadência romântica ou retrofuturista — contemporizei. — Ou talvez devêssemos imaginar a cena como o Parthenon, na Grécia. Um monte de ruínas antigas majestosas.

Robinson concordou, pensativo.

— A velha fábrica da Ford foi onde minha avó e meu avô se conheceram e se apaixonaram — ele contou. — Na linha de produção. — Ele fez um gesto vago em outra direção. — E daquele lado fica a fábrica da Chrysler, onde minha mãe e meu pai se conheceram.

Me agachei e arranquei um dente-de-leão que crescia de uma rachadura na calçada.

— Acho que foi um lugar bem romântico, então.

Robinson estava quieto, contemplando a desolação. Pensando, talvez, em sua família, onde quer que estivesse. Por isso ele me pegou de surpresa quando se virou em minha direção. Ele me abraçou forte por um momento, seus braços me segurando cada vez mais forte. Daí ele me beijou, profunda e longamente, até eu sentir algo esmorecer dentro de mim, minhas pernas virarem gelatina. Como se eu

pudesse me desmanchar se ele não continuasse me segurando.

Quando se afastou, ele sorriu:

— O que você quer dizer com *foi*?

Mantive meus braços ao redor de sua cintura. Queria estar o mais perto dele possível.

— Acabo de ser corrigida — eu disse, olhando para ele, iluminado pelo sol às suas costas, dando a impressão que as pontas de seu cabelo estavam em chamas. — Duas gerações da sua família se apaixonaram aqui. Isso é incrível. — E pensei: *agora três*.

Ele concordou com a cabeça, mas não elaborou. Seus olhos tinham aquela expressão distante outra vez.

— Acho que sua obsessão por carros é natural, então — insisti. Queria que ele continuasse falando. Era sempre tão reservado sobre sua família que eu não sabia quase nada sobre ela.

— Meu pai sempre dizia que seu primeiro filho foi um Mustang 67 — Robinson disse.

— Então você cresceu aqui? — perguntei.

Robinson começou a assoviar aquela música do Sufjan Stevens sobre Detroit.

Cutuquei suas costelas.

— Sério. Não vai responder? Você diz que me ama, mas não quer me contar sobre o lugar onde nasceu? — Eu estava rindo, porém um pouco ofendida.

Quando Robinson olhou para mim outra vez, seu rosto estava triste.

— Não tenho tido... contato com meus pais ultimamente. Fico chateado quando penso neles. Então tento não pensar.

Levando em consideração que ele passou por maus bocados recentemente, decidi não forçar a barra.

— Me diz pelo menos qual é sua cidade natal.

Robinson sorriu.

— Você e suas palavras chiques. *Cidade natal*. Mundo, eu te pergunto: quem usa *cidade natal* além de Alexandra Jane Moore?

Cutuquei suas costelas outra vez. Não havia ninguém além dos pombos para responder à sua pergunta.

— Não, eu não nasci aqui — Robinson disse, finalmente. — A Chrysler transferiu a fábrica antes de eu nascer. Meus pais se mudaram para a Carolina do Norte, e foi lá que eu apareci. Meu pai trabalhou para uma companhia de aço por algum tempo, depois abriu sua própria oficina mecânica.

— Robinson começou a assoviar outra música, que eu não conhecia, colocando um fim em nossa conversa.

Suspirei.

— Nesse ritmo, vai demorar cinquenta anos para eu saber sobre sua infância.

Ele levantou uma das mãos e tocou meu rosto com a ponta dos dedos.

— Ah, Axi Careta, quem se importa com o passado? Nós temos o agora.

— Axi Careta? — repeti. Peguei sua mão e a levei até minha boca. Sorrindo, beijei as pontas de seus dedos, uma por uma.

Ele balançou a cabeça.

— É novo. Gostou?

— Vou pensar e te falo. — A verdade era que adoraria qualquer apelido carinhoso que ele me desse. Mas não ia admitir isso.

Ficamos parados lá por mais alguns momentos, em silêncio, nossos dedos se tocando levemente.

Contemplamos os pássaros voando no céu, as nuvens mudando de forma. Percebi, de repente, que o mundo poderia estar coberto por lixo e escombros, mas você sempre encontraria alguma coisa que fosse limpa e perfeita. Talvez fosse uma metáfora para alguma coisa.

Depois de um tempo, me inclinei e beijei Robinson suavemente. Ele segurou meu rosto com ambas as mãos.

— Então — ele disse. — Posso te pagar o jantar ou não?

Sorri.

— Está me convidando para sair?

Com um sorriso maroto, ele chacoalhou os ombros.

— Depende. Vamos além dos beijinhos?

— Seu porco safado — eu disse, rindo.

— Porco! — ele repetiu. — Falando nisso, vamos comer carne de porco.



## Capítulo 35

Ouvimos Motown no rádio, Diana Ross, Stevie Wonder, enquanto dirigíamos para o centro da cidade. Robinson cantarolava e batia os dedos no painel, acompanhando o ritmo e acrescentando pequenos detalhes por conta própria.

Encontramos um restaurante repleto de luzes de Natal e banquinhos de veludo laranja, as paredes decoradas com instrumentos rústicos e estilosos e dezenas de fotografias em preto e branco de Detroit em seus dias de apogeu. Alguém estava tocando piano em um canto, e o lugar estava lotado.

— É como uma mistura de bar clandestino com um T.G.I. Friday's — comentei enquanto nos sentávamos.

— Ou, tipo, como se Liberace [\[12\]](#) fosse um mafioso e essa fosse sua sala de estar.

— Ou o ponto de encontro de um cafetão que curte jazz e antiguidades — comentei.

Robinson abriu um sorriso enorme.

— É fantástico.

Encontramos uma mesa num canto e o garçom se aproximou, colocando dois copos cheios de um líquido transparente sobre a mesa.

— Hungarian moonshine [\[13\]](#) — ele disse, em vez de nos cumprimentar. — É aniversário do Ed.

— Ele parecia pensar que deveríamos saber quem Ed era. — Volto em um minuto para anotar seu pedido.

Robinson e eu olhamos para os copos e, daí, um para o outro.

— Devemos? — perguntei.

Ele fingiu ficar desapontado.

— Eu tenho tantas identidades falsas. Realmente queria ter a chance de usar outra.

Levantamos nossos copos e brindamos.

— *Sláinte* — eu disse.

— *Slan-quê?* — Robinson disse, confuso. — Já ouvi essa antes... O que significa?

Dei de ombros.

— Não sei. É só uma velha saudação irlandesa. — Mas claro que eu sabia exatamente o que significava. Significava “saúde”. Isso não era mais importante que qualquer outra coisa ultimamente?

Viramos nossos copos de uma só vez, e o líquido queimou minha garganta, me causando arrepios.

— Esse é o gosto de fluido de radiador?

Robinson estava chacoalhando a bebida na boca. Daí, ele engoliu.

— Parece mais com álcool hospitalar, eu diria.

Dava pra sentir a bebida em meu estômago, me aquecendo. Já era possível me sentir mais solta, quase zonzá?

— Engraçado como uma pequena dose me faz sentir tão rebelde quando já sou uma ladra de carros.

— Acho que você chamava de *pegar emprestado* — Robinson observou.

— É, porque ia impressionar o juiz — eu disse, sarcasticamente. — *Ah, vocês estavam apenas pegando aquele Porsche emprestado? Sem problemas, então!*

— Vocês não são daqui, são?

Robinson e eu levantamos os olhos, assustados. Pessoas culpadas são tensas, acho. Mas era só o nosso garçom, que parecia ter tomado uma dose ou duas de *moonshine*.

— Não, senhor — Robinson respondeu, tão educadamente quanto possível.

O garçom nos apontou um dedo.

— Bem, quando voltarem para casa, digam a todos que a Grande Detroit está bem. Sei que vocês foram ver as fábricas fechadas; todo mundo vai. Mas não se lembrem apenas das coisas mortas.

Lembrem-se disto. — Ele levantou os braços, mostrando a sala barulhenta e alegre. — Lembrem-se da música e do *moonshine*. Combinado?

Robinson e eu concordamos com a cabeça, e o garçom devolveu o gesto, satisfeito.

— Volto em um minuto para anotar seu pedido.

Quando ele foi embora outra vez, Robinson pegou minha mão.

— Ele está certo. Você tem que se lembrar das coisas boas, Axi.

Havia algo no modo como ele disse isso que me deu um arrepio na espinha. Como se estivesse falando sobre muito mais que apenas Detroit. Mas sorri e apertei sua mão, do mesmo jeito.

— Combinado. Palavra de escoteiro. Cruzo os dedos. Blá-blá-blá.

Robinson sorriu.

— Você é linda mesmo, sabia?

Olhei para a mesa, mas ele esticou o braço e colocou um dedo sob meu queixo, levantando meu rosto, e fui obrigada a olhar diretamente em seus olhos.

— Tô falando sério. Alguém devia te dizer isso todos os dias de sua vida. Por enquanto esse alguém sou eu.

— Vai ser sempre você — sussurrei.

Ele sorriu outra vez.

— Venha aqui.

Fui para o seu lado da mesa — e me sentei em seu colo. Surpreendi a nós dois.

— Axi — ele disse, sua voz suave e rouca. Ele correu um dedo ao longo de minha clavícula. —

Nunca pensei que você fosse do tipo que demonstra afeição em público.

Estremeci sob seu toque e pressionei minha testa contra a dele. Quando falei, nossos lábios estavam tentadoramente próximos.

— Estou aprendendo a viver.

Ele se aproximou mais um milésimo de centímetro e seus lábios quase tocaram os meus.

— E o que você está achando disso? — ele sussurrou.

Quase podia sentir seu sabor, e me controlei por mais um momento, longo e delicioso, antes de finalmente colocar minha boca contra a dele. Colocando meus dedos em seu cabelo despenteado, nos beijamos e o calor invadiu meu corpo.

— Eu gosto — sussurrei. — Muito.

Eu estava praticamente desnorteadada. *Então essa é a sensação de ficar intoxicada.* Mas não era da bebida.

Estou aqui para dizer que o *moonshine* não chega nem perto do amor — e do desejo.



## Capítulo 36

— A Blue Streak, a Mean Streak e a Millennium Force — Robinson disse. — Eu quero ir a todas elas. Você só consegue ir na Mean Streak, Axi.

Ele estava fingindo estar bravo comigo porque eu disse que ele não podia comer um Slim Jim antes de comer uma banana.

— *Quem é você? Minha mãe?* — ele perguntou. Eu disse que não aguentava mais vê-lo comer coisas feitas com frango mecanicamente processado, também conhecido como *pasta nojenta de carne rosada*. Aí ele me acusou de ser uma vegetariana arrogante e eu o ataquei na cabine da caminhonete e fiz cócegas até ele implorar por misericórdia.

Agora estávamos do lado de dentro dos portões de Cedar Point, a capital mundial das montanhas-russas, localizada em Sandusky, Ohio. Robinson, o valente, e eu, aquela que fica enjoada até em um balanço.

— Acho que a Gemini Junior é mais adequada para mim — falei.

Robinson riu com deboche.

— Axi, você fez coisas recentemente que foram muito mais assustadoras que uma montanha-russa.

— Ele me apontou um dedo, imitando uma arma.

— Não me lembre.

— Então. Vamos? — ele perguntou, e me esticou a mão.

Como eu poderia recusar? Meu Patife, meu parceiro do crime, meu coração. Ele parecia estar com a saúde perfeita. Será que estava? Eu não sabia, mas agora era hora de nos divertirmos.

Ficamos na primeira fila por pelo menos uma hora, rodeados por pais cansados, com seus filhos de 8 anos de idade hiperativos e os de 13 emburrados, e um bando de aposentados queimados de sol, aparentemente arriscando um ataque cardíaco para experimentar a força de quatro gravidades te empurrando em queda livre.

Robinson me viu torcer nervosamente a bainha de minha camiseta.

— Estou dizendo, vai ser incrível — ele tentava me convencer. — Você vai amar.

Ele levantou a mão e acariciou meu cabelo, daí seus dedos escorregaram por meu pescoço, massageando suavemente, reconfortantemente.

Quase gemi de prazer.

— Seja lá o que você disser... — De repente, não estava mais pensando na montanha-russa. Estava pensando nas mãos dele. — Continue fazendo isso.

Ele riu, esfregando meus ombros agora, seu corpo longo e quente tocando minhas costas.

— Isso é tudo? — ele perguntou. — Uma pequena massagem e a teimosa Axi Moore se transforma em um poço de consentimento?

— Nossa, essa palavra vinda você — brinquei, tentando retomar um resquício de minha impertinência. Não foi fácil.

— Talvez um bom vocabulário seja contagioso — ele disse.

— Mmmmmmm.

— Embora pareça que você esteja perdendo o seu.

— Mmmmm, mais para baixo...

Robinson me puxou para junto dele, me envolvendo em seus braços por trás.

— Talvez não devêssemos nos empolgar — ele disse em meus ouvidos.

Suspirei.

— Talvez...

— Mas você não está mais com medo, está?

Neguei com a cabeça. Eu não estava.

Claro, meu coração *de fato* começou a bater mais forte logo que subimos em um dos carrinhos da parte de trás da Millennium Force, e disse a mim mesma que era de empolgação, não medo. Disse a mim mesma que, comparado com tudo o que tínhamos feito de autenticamente perigoso, como roubar carros e pilotar motocicletas e invadir as piscinas das pessoas, isso não era nada.

Quando subimos devagar, os trilhos inacreditavelmente deslizantes sob nós, agarrei a mão de Robinson. À nossa frente, as pessoas já estavam gritando. Minhas juntas ficaram brancas ao redor dos dedos de Robinson.

— Aí vem — ele disse.

Quando parecia que o carrinho não poderia subir mais alto, rumo ao céu perfeito de verão, chegamos ao topo, paramos por um segundo silencioso — daí caímos.

*Caímoscaímoscaímoscaímoscaímos.*

Gritei mais alto do que já pensei ser possível gritar e, a meu lado, Robinson soltou um berro de alegria desenfreada. Aceleramos e fizemos loops acima do parque, o vento fazendo meus olhos lacrimejarem e o carrinho me jogando para a frente e para trás. Nunca parei de gritar, nem por um instante. Robinson riu e riu, permitindo que minhas unhas marcassem sua pele com meias-luas.

Quando finalmente diminuímos a velocidade na última volta e paramos sob o toldo da saída, me virei para Robinson com um enorme sorriso no rosto.

— Uau! — declarei. — Quero ir de novo.

Ele me lançou um olhar triunfante.

— Sabia que você ia gostar. Te conheço melhor do que você mesma. — Daí ele esticou o braço.

— Me dá uma ajudinha aqui, vai?

Me abaixei e agarrei sua mão, senti o peso de sua palma na minha.

— Obrigado — ele disse. Robinson tirou minha franja do caminho e, então, seus lábios tocaram minha testa suave e carinhosamente.

De mãos dadas, saímos pelo corredor, que estava enfeitado com flores, lotado de pessoas e com aroma de comida frita e protetor solar.

— Vamos comprar algodão-doce — eu disse.

— E refrigerantes tão grandes quanto nossos torsos — Robinson acrescentou.

— E nachos e palitos de alcaçuz — gritei, começando a saltitar.

Robinson caiu na risada enquanto eu o puxava atrás de mim.

— Acho que a montanha-russa soltou algum parafuso seu. Você não quer couve ou algo assim?

— Amanhã! Hoje vamos agir como adolescentes normais!

Porque eu realmente me sentia como uma. Como se nada fizesse eu e Robinson diferentes de qualquer pessoa de nossa idade — nem doença, nem crime, nem nada. Nós estávamos despreocupados. Éramos sortudos. Imortais.

— Já te disse que te amo? — Robinson perguntou, me alcançando.

— Já, mas diz de novo — pedi, parando para pressionar meu corpo contra o dele.

— Eu te amo — ele disse.

— Eu também te amo — respondi.

Dáí nos beijamos, no meio da multidão, que se dividia a nosso redor, e sob os carrinhos de montanha-russa que rodopiavam acima de nós.



## Capítulo 37

— E agora — Robinson disse. — Rumo à Big Apple? — Finalmente estávamos voltando para a caminhonete, tão cansados que deveríamos nos revezar carregando um ao outro.

— Ninguém chama Nova York de Big Apple, sabe? — impliquei. — Isso é coisa de turista.

— E nós não somos turistas? — ele perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Não, nós somos *aventureiros* — respondi. — Exploradores.

Robinson me entregou um chaveirinho que havia comprado na loja de presentes perto da saída. Era uma miniatura da Millennium Force, dentro de um globo de neve. — Já que você está dirigindo e tal

— ele disse, com um sorriso torto.

— Claro, só que não tenho as chaves — observei.

— Ei, se você não quer, posso colocar na minha chave de fenda ou na minha furadeira sem fio.

Mas é claro que eu queria. Era um presente do garoto que eu amava.

— Vou comprar alguma coisa pra você também — falei, chacoalhando levemente o pequeno globo de neve.

Robinson exigiu saber o que era, mas balancei a cabeça e fiz a mímica de fechar a boca com um zíper.

— É uma surpresa.

Enquanto subia no banco do motorista, flagrei Robinson olhando uma BMW esportiva estacionada a nosso lado.

— Nem pense nisso. Não sei dirigir um carro com transmissão manual.

— É a próxima coisa que vou te ensinar — ele falou. — E, depois, veículos quatro por quatro.

— E, depois, motocicletas de competição — retruquei. — Por que não?

Porque tudo ia ficar bem de agora em diante. Talvez realmente tivéssemos todo o tempo do mundo.

Com Robinson como meu navegador, entrei na rodovia I-80. Tínhamos um longo caminho a nossa

frente, e as estradas vicinais não seriam adequadas. Eu queria alguma coisa com Starbucks no percurso.

— O tempo não passa mais devagar quando você se move mais rápido? — Robinson perguntou, olhando fixamente para os campos verdes e as placas de propaganda de postos da Pacific Pride.

Relembrei minha aula de Física, que parecia ter sido havia um milhão de anos (e o que isso diz sobre o tempo?).

— É apenas uma margem de nanossegundos ou algo assim. O tempo também passa mais devagar quando você está mais perto do chão.

— Isso é um motivo excelente para não escalar montanhas.

— Como se você precisasse de um — eu disse.

— Verdade. Por alguma razão, a ideia de uma queda livre de centenas de metros de altura em direção à morte nunca me atraiu. — Ele brincava com o chaveiro, contemplando a neve caindo sobre a minúscula montanha-russa. — Você pensa no que vem depois? — ele perguntou repentinamente.

— Depois do quê? — indaguei, entrando na faixa de ultrapassagens.

— Depois que ganharmos nossas asas. — Ele me encarou, esperando uma reação. Mantive os olhos na estrada.

— Não brinque com isso — repreendi.

Robinson cruzou os braços sobre o peito.

— Não estou brincando, estou perguntando.

— Depois que nós “ganharmos nossas asas”...

— Você não lembra? A enfermeira Sophie costumava dizer isso o tempo todo. E estava sendo totalmente sincera.

Pisei mais fundo no acelerador. Estava dirigindo no limite de velocidade agora.

— Porque ela acreditava que, quando você morre, você se torna um anjo — eu disse. — Enquanto você acha que nós apenas tiramos um cochilo sujo.

Robinson riu.

— Perdão. Essa do cochilo sujo sempre me faz rir.

— Não é engraçado — reclamei.

Mas a verdade era que constantemente fazíamos piadas sobre a morte na ala. Todos nós, porque, de algum jeito, isso diminuía o medo que sentíamos. — *Ah, estou tãããã cansado*, alguém diria. —

*Acho que vou dormir com os peixes. Alguém responderia: — Tenho pensado em comprar um condomínio de madeira recentemente. Ou: Ah, estou pensando em entrar para o ramo de fertilizantes.*

Era como mostrar o dedo do meio para a Morte. E isso fazia coisas como a náusea induzida pela quimioterapia e a perda de cabelo ficarem um pouco menos terríveis. Mas eu pensava — esperava — que Robinson e eu tivéssemos deixado esse tipo de coisa para trás. Que esse tipo de humor não fosse mais... medicamente relevante.

— Não sei, Robinson — eu disse, segurando o volante com força. — Quero pensar que há algo do outro lado, mas onde está a prova? Ninguém te manda um cartão postal da vida após a morte.

— O que é muita falta de cortesia — ele respondeu.

— Eu sei. — Levantei o punho. — Tá ouvindo, Carole Ann? *Falta de cortesia.*

Robinson esticou o braço e colocou a mão sobre meu joelho.

— Não se preocupe — ele disse. — Vou escrever para você.

Senti como se alguém tivesse me dado um soco no estômago. Eu queria rir, mostrar que sabia que ele estava brincando. Mas não tinha tanta certeza de que ele estava.



## Capítulo 38

Atravessamos a vasta extensão da Pensilvânia enquanto Robinson dormia. Na escuridão, tudo parecia como qualquer outro estado, e cruzamos a paisagem a cento e vinte por hora.

Em East Orange, Nova Jersey, no meio da manhã, mandei Robinson para um Pathmark comprar comida (coisas saudáveis — eu disse, mas esperando que ele tentasse passar Froot Loops por fruta de verdade) enquanto eu atravessasse a rua até um lugar chamado All That Glitters Is Gold.

Graças a meu pai, eu sabia encontrar uma loja de penhores. E foi assim que, pegando cinquenta pratas por uma pulseira que fora de minha mãe, consegui comprar um violão para Robinson.

— Aonde você foi? — Robinson perguntou quando encostei em frente ao Pathmark. Ele colocou a sacola de comida no banco de trás e me surpreendi ao ver uma banana de verdade nela.

— Só uma coisa que precisei fazer rapidinho — eu disse, tentando não sorrir ao lembrar do violão escondido debaixo da barraca atrás do banco traseiro. — Você comprou mesmo frutas e legumes.

Ele se inclinou e beijou meu pescoço.

— Me diz aonde você foi — ele pediu, seus lábios fazendo cócegas em minha pele.

Respirei fundo.

— Não. — Toda vez que ele me tocava, eu sentia meu corpo vibrar e se arrepiar.

— Me conta — ele insistiu, movendo os lábios do meu pescoço para meu ouvido, sua boca leve e tentadora.

— Robinson — sussurrei. Eu lhe diria qualquer coisa, revelaria qualquer segredo que tivesse, se ele continuasse fazendo aquilo.

Eu o puxei para junto de mim, meus lábios encontrando os dele. Antes que eu percebesse, meus dedos estavam nos botões de sua camisa. Consegui abrir os dois botões de cima, mas aí ele se afastou de mim. Encostado na porta do carro, ele abotoou a camisa rapidamente.

Me sentei direito, piscando. Confusa. Ele também não queria?

— O que? — perguntei. — Por que...

— Guardas — Robinson disse, indicando com a cabeça dois caras corpulentos andando de um lado para o outro entre as vagas do estacionamento.

Havia três deles — dois muito perto de nós. Mas eles poderiam estar no banco de trás da caminhonete e eu não teria notado enquanto Robinson tomava conta de todos os meus sentidos.

— Melhor irmos embora — ele disse. — Podemos, hum, fazer um pouco mais daquilo mais tarde.

Meu rosto estava rosado de vergonha.

— Tudo bem — falei. Como se eu não quisesse gritar *Pode ter certeza que vamos!*

Robinson sorriu.

— Sabe de uma coisa? Acho que quero dirigir.

Fiquei tão aliviada que ele estivesse se sentindo bem, tão empolgada com o fato de que podia beijá-lo quando quisesse — apesar dos guardas de segurança — que eu, menina de cidade pequena, não dei *nenhum* escândalo quando o horizonte de Nova York fez-se visível ao longo da estrada, com seus montes e vales de arranha-céus prateados. Não me importei porque ficamos parados no trânsito do lado de fora do túnel Holland por quarenta e cinco minutos, nem porque Robinson se perdeu no caminho para o East Village.

Ele estava dirigindo. Ele estava feliz e forte. Isso fez tudo ficar bem.



## Capítulo 39

Juntos, no meio de uma onda de turistas, caminhamos pela St. Marks Place, experimentando os óculos de sol baratos dos mostruários do lado de fora das lojas e visitando um lugar de dois andares chamado Trash and Vaudeville, onde Robinson posou para uma foto em uma jaqueta de couro sintético prateada e eu experimentei uma peruca azul-anil. Paramos no St. Mark's Bookshop e comprei uma cópia de *Folhas de Relva*, de Walt Whitman, e um livro de poemas de Dylan Thomas.

— Poesia? — Robinson disse, chocado.

— Leia uma — desafiei.

Robinson abriu o livro de Whitman em uma página aleatória e limpou a garganta.

— “Uma criança disse, *O que é a relva?*, trazendo até mim um tufo em suas mãos; O que responder a ela? Sei tanto quanto ela o que a relva é. Deve ser a bandeira do meu espírito, tecida com substância verde-esperança”. — Ele olhou para mim, intrigado. — Tudo bem — ele retrucou.

— Gostei desse “tecida com substância verde-esperança”.

Caí na risada.

— Tenho algo de que você vai gostar mais. — Peguei sua mão e o levei até o carro.

— É a minha surpresa? — ele perguntou, animado.

— Olhe debaixo da barraca — eu disse.

Quando Robinson viu o violão, seu rosto se acendeu. Ele sentiu seu peso nas mãos e tocou uma corda experimentalmente.

— Axi, como...

— Vamos tocar — eu disse. Não queria dizer a ele que havia me desfeito da pulseira de minha mãe, a última coisa que eu tinha dela, para comprar o presente. E que eu não estava nem um pouco arrependida.

De mãos dadas, caminhamos até o Tompkins Square Park e encontramos um banco debaixo de um círculo de árvores. Robinson dedilhou por alguns instantes, procurando os acordes. Eles soavam familiares, mas não reconheci a canção até ele começar a cantar.

— *Moving forward using all my breath* [14] — Robinson cantou. A música se chamava “I’ll Melt with You”.

Ainda não falei sobre a voz de Robinson, em parte porque não sei explicar. Ela é clara e rouca ao mesmo tempo; é íntima, mas também exige uma plateia. Geralmente é suave, só que às vezes você a ouve não com os ouvidos, mas com todo o seu corpo. E, acima de tudo, com o coração.

As pessoas que estavam passando começaram a parar para ouvir. Robinson não parecia notar que elas estavam, gradativamente, se aglomerando ao redor dele. Seus olhos fitavam suas botas, batendo nas pedras da calçada. De vez em quando ele olhava para mim, diretamente em meus olhos, cantando: *I’ll stop the world and melt with you...* [15].

Logo havia um círculo de pessoas jovens, velhas e de todas as idades. A maioria eram pais, com seus filhos carregando bichos de pelúcia ou bolas de futebol desgastadas ou — os mais velhos —

iPhones. E esses pais conheciam a música, porque era uma que eles tinham dançado há cerca de vinte anos, quando ainda estavam no ensino médio e apaixonados pela primeira vez.

No começo, alguns apenas balbuciavam as palavras, mas então, baixinho, começaram a cantar. Daí outros uniram sua voz também, e eles abandonaram suas expressões apáticas e vazias e sorriram. Um minuto depois, aquilo virou um *coro*. Juro por Deus, havia pessoas com lágrimas nos olhos, porque Robinson é magnífico quando toca.

Quando a música acabou, tudo ficou em silêncio. Por um momento, senti como se a cidade toda houvesse se calado e respirado fundo. Como todo mundo, em todo lugar, a cidade estava pensando na vida e em como ela é a coisa mais feliz e mais triste, mais maravilhosa e mais aterradora e mais preciosa.

Então o silêncio se desfez. Uma mulher em um vestido amarelo vivo começou a bater palmas e, daí, do mesmo jeito que a cantoria tinha aumentado, os aplausos cresceram muito. Havia um mulher assoando o nariz, um homem fitando o céu e piscando muito e rápido. Mas a maioria estava apenas sorrindo.

Um senhor idoso se aproximou e colocou seu boné no chão.

— Você se esqueceu de passar o chapéu — ele disse.

Robinson olhou para ele, surpreso.

— Como? — perguntou. Ele ainda estava no mundo da música. Não percebera que outras pessoas existiam além de nós dois.

O velho lembrava um pouco o Ernie. Ele se virou para a multidão e disse:

— Vamos pagar o jovem músico, certo?

Robinson e eu observamos enquanto cada uma das pessoas ali dava um passo à frente com moedas ou trocados. Vi uma mulher dar dinheiro a sua filha e a menina se aproximou devagarinho e colocou vinte dólares no chapéu. Ela tinha aproximadamente a idade de Carole Ann quando morreu, a idade

que ela teria para sempre. Seu cabelo era vermelho como o da minha irmã.

— Obrigada — sussurrei.

Aí tudo acabou, e as pessoas foram embora. Robinson e eu estávamos sozinhos outra vez. O boné estava cheio de dinheiro.

Robinson estava sorrindo pra mim.

— Estamos ricos — ele disse, me colocando em seu colo.

De verdade, naquele momento, era como se estivéssemos.



## Capítulo 40

Decidimos esbanjar num albergue naquela noite. Parecia uma ideia melhor que dormir em um banco de praça, mesmo tendo uma variedade interessante como companhia se decidíssemos seguir aquele plano.

O albergue Grand Street ficava nas imediações de Little Italy, onde o bairro se estendia até Chinatown, e parecia decente do lado de fora. Havia uns caras com jeito de mochileiros fumando em frente e o cara da recepção era simpático de um jeito meio chapado.

Robinson e eu rapidamente descobrimos que a diferença entre um albergue e um hotel é muito, *muito mais* que a pequena variação no nome. Em um albergue você deixa de ter coisas como privacidade, conforto e, nesse caso, teto. O albergue era um labirinto de pequenos quartos, de paredes finas, construídos negligentemente dentro de um enorme salão que se parecia com um hangar.

— É um pouco mais parecido com uma cadeia do que eu esperava — Robinson disse.

— Verdade — concordei, passando por cima de uma bota solitária no corredor. — Sinto como se tivessem acabado de tirar nossas impressões digitais.

Por sorte, conseguimos nosso próprio quarto, com duas camas de solteiro, que empurramos uma contra a outra, e cerca de quinze centímetros de espaço de cada lado.

— Bem, os lençóis parecem limpos, pelo menos — Robinson anunciou, alegremente. Daí ele me deu um beijo rápido e foi em direção ao banheiro, no final do corredor.

Me sentei no canto da cama e olhei para o teto não existente. Dava para ouvir parte de uma conversa telefônica em um quarto próximo. *Não é minha culpa que te mandaram embora*, alguém dizia. *Todo mundo te odiou por anos*.

Cantei baixinho, tentando dar um pouco de privacidade a essa pessoa. A música se chamava

“Tangled Up in Blue”, mas você jamais saberia, porque não sei cantar no ritmo. Também não sei tocar nenhum instrumento.

— Tudo bem — Robinson costumava me confortar. — Você vai ser uma excelente *roadie* um dia.

Cantei mais rápido e puxei o canto do lençol. Percebi que estava nervosa, mas também ansiosa.

Robinson e eu não ficávamos sozinhos em um quarto desde Los Angeles, quando tão inocentemente

assistimos a *O Gato de Botas*. *O que aconteceria esta noite?* — me perguntei. Até onde seríamos *nada* inocentes?

Essa era outra coisa que eu definitivamente não tinha incluído em meus planos. Era uma estrada que eu teria que percorrer às cegas, apalpando ao longo do caminho.

O trocadilho não foi intencional.

Quando Robinson voltou do banheiro, seu cabelo estava molhado e ele cheirava a sabonete da Ivory. Sua camisa estava solta sobre os ombros e ele estava usando uma cueca samba-canção xadrez.

Ele dobrou o jeans sobre sua mochila. A cama gemeu quando ele se sentou.

— Oi — meio que sussurrei.

— Oi — ele disse suavemente. — Bem, o que você quer fazer agora?

Eu sabia a resposta para aquela pergunta, mesmo se ela meio que... me assustasse um pouco.

Respirei fundo, tentando encontrar coragem.

Tirei minha camiseta.

Robinson inspirou fundo. Daí ele gentilmente tirou os longos cachos de cabelo do meu pescoço e me beijou na nuca. Estremeci, sentindo meus braços se arripiarem.

Eu podia sentir sua respiração, seus lábios impossivelmente suaves. Tombei minha cabeça para trás, e ele correu um dedo ao longo de meu pescoço, parando no declive da clavícula por um instante.

Ele beijou meus ombros, fazendo cócegas com as ferroadas delicadas de seu queixo sem barbear.

Caímos na cama, e, em cima de mim, Robinson tirou a camisa de flanela. Daí ele inclinou a cabeça e não éramos nada além de lábios e línguas e dentes, até que tivemos que parar para recuperar o fôlego.

Ficamos deitados lá, nossos olhares um no outro sob uma luz diminuta. Robinson me olhava como quem olha para alguma coisa que perdeu há um milhão de anos e nunca mais pensou que fosse encontrar.

Retribuí seu olhar, maravilhada, percebendo o quanto ainda havia nele para eu descobrir: a cicatriz na palma de sua mão, as veias azuis em seu pulso, o triângulo de sardas em seu peito, bem à esquerda de seu esterno. Esses lugares pequenos e secretos. Eu queria conhecer todos.

Mas eu não sabia até onde as coisas iriam naquela noite. Eu queria que fosse devagar, mas queria que fosse rápido.

Robinson limpou a garganta.

— Você tem...? — ele começou.

— Não tenho proteção, se é isso que você ia perguntar. — Minha voz saiu alta demais e eu me encolhi contra seu corpo, envergonhada.

Ele fez um ruído. Um resmungo? Uma meia risada?

— Não quero ter filhos — falei de repente.

Aí ele realmente caiu na gargalhada.

— Uau, Axi. Um pouco rápido demais, não?

Cobri o rosto com o cobertor. Tudo era tão novo para mim. Como eu poderia evitar fazer tudo errado?

Ainda assim, havia uma coisa que eu queria que ele soubesse. Me forcei a continuar falando, apesar de parte de mim estar pronta para morrer de vergonha.

— Não acho que estamos prestes a fazer um bebê, Robinson. Quis dizer como uma coisa filosófica. Entre os genes cancerígenos da família Moore e, digamos, o aquecimento global, qualquer filho que eu viesse a ter estaria condenado. Ele nasceria com olhos azuis e uma bomba-relógio dentro dele, exatamente como o resto de minha família. Isso é que é receber uma mão difícil nesse jogo de cartas. — Tentei não soar tão amarga quanto eu me sentia.

Robinson estava lentamente acariciando meus dedos.

— Mas os olhos azuis seriam lindos — ele provocou, baixinho.

Sorri e coloquei a mão em seu peito macio. Seu braço estava debaixo do meu pescoço, e, enquanto ficamos deitados lá, parecia que éramos uma extensão um do outro. Como se nossos corpos e nossos corações precisassem estar juntos para formar uma pessoa completa e perfeita.



## Capítulo 41

*Na manhã seguinte*, acordamos na mesma posição. Como se, por algum milagre, o braço de Robinson não tivesse formigado durante a noite. Compramos café e pãezinhos enormes e fofinhos na padaria da esquina. Pedimos os pães tostados e encharcados de manteiga, do jeito que Robinson gosta. Depois pegamos o metrô até o MET.

Quando um mendigo atravessou o vagão do trem vestido como se fosse inverno e não junho, Robinson colocou a mão no bolso e tirou uma nota de cinco amassada.

O mendigo se curvou diante de Robinson ao aceitar.

— Dinheiro e uma mulher bonita. Você tem tudo, senhor.

— Bem, na verdade, agora *you* tem meu dinheiro — Robinson observou.

O mendigo pensou nisso por um momento.

— Mas quem precisa de dinheiro quando se tem a ela?

— Exatamente o que pensei — Robinson disse. Ele colocou o braço a meu redor, como se eu pertencesse a ele.

Quando chegamos ao museu, perambulamos pelos salões gigantescos, de tetos altos, admirando obras de arte que tínhamos visto apenas em pequenas reproduções: *Catedral de Rouen*, de Monet, *Ciprestes*, de Van Gogh, *Íris Negra*, de Georgia O’Keeffe, *Ritmo de Outono*, de Jackson Pollock.

Apesar de estar contemplando aquelas obras-primas, o que eu continuava a ver era Robinson na noite anterior, sem camisa, deitado a meu lado. Ficou difícil me concentrar. Às vezes, quando ele me olhava de um certo jeito, eu me perguntava se ele estava passando pela mesma experiência. “Uma garota bonita, nua, vale mais que um milhão de estátuas”. O poeta e. e. cummings escreveu isso. (Não que eu tenha ficado completamente nua. Só... parcialmente.) Robinson parou diante de *Madame X*, o retrato de uma linda mulher, de John Singer Sargent, e balançou a cabeça em admiração.

— Certamente não temos arte assim em Klamath Falls.

— Não temos nem mesmo *cascatas* em Klamath Falls — respondi.

Antes de partir, pensei que parte de mim sentiria saudade de minha cidade natal. Ruim como era, ainda era minha cidade. Mas eu não sentia falta de nada, porque tudo o que verdadeiramente

importava já havia partido ou estava a meu lado ali no museu, segurando minha mão.

Quando nos deparamos com a tumba egípcia, a mesma onde Holden Caulfield quase teve um colapso em *O Apanhador no Campo de Centeio*, Robinson se agachou para limpar alguma coisa da ponta de sua bota.

— Vou tentar não pensar nisso como um sinal — ele disse.

— Um sinal de quê? — perguntei, curiosa.

— Perdição — Robinson respondeu. — Tropeçar na tumba de um faraó não é pior que, sei lá, cruzar com um gato preto? Você sabe, a maldição do Rei Tut e todas aquelas histórias...

Coloquei a mão no bolso de trás do meu jeans.

— Não, Patife, não seja bobo. Nós estávamos andando aleatoriamente. Podíamos ter facilmente acabado em frente a uma cafeteria ou algo assim.

— O que me lembra...

— Que você está com fome.

— Exatamente. — Ele esticou um pouco mais a coluna e pude ver o modo como se forçou a esquecer esse momento de preocupação. — Sabe o que mais eu quero?

— Não — respondi, mas essa palavra se enroscou em minha garganta, porque claro que eu sabia.

Eu só queria fazê-lo me mostrar a resposta.

Robinson me pressionou contra a parede e colocou seus lábios nos meus. Abracei sua cintura e me curvei para mais perto dele. Era disso que *eu* tinha fome...

Um grupo de crianças com camisetas do acampamento Treetop entrou na sala, e nós entramos na tumba para namorar em segredo. Nem ligamos quando algumas crianças risonhas nos viram e chamaram seus colegas para ver.

Mas nos separamos e, depois de trocar alguns sorrisos cúmplices, saímos rapidamente dali.



## Capítulo 42

Nossa última parada em Nova York: Nathan's Famous. Era do outro lado da cidade, em Coney Island — que na verdade não é uma ilha, mas é tão longe de Manhattan pelo trem F, lento e cambaleante, que pensei que era em um mundo completamente diferente.

Quando enfim chegamos lá, a praia era tão ampla e plana quanto um estacionamento, as ondas eram pequenas e distantes. Havia muitas pessoas, e algumas delas estavam realmente nadando, o que ninguém no Oregon faria sem um traje de mergulho. O Pacífico é *gelado*.

Apesar de Robinson parecer cansado, passeamos pelo calçadão, passando por carrinhos bate-bate e fliperamas que estalavam com disparos digitais. Alguns soltavam pipas, andavam de skate, corriam ou vendiam suvenires baratos, como grandes óculos de espuma e camisetas que diziam MANTENHA CONEY ISLAND ESTRANHA.

— Quer dar uma volta no Cyclone? — perguntei, apontando para a montanha-russa ao longe. — Ou na roda-gigante?

Robinson balançou a cabeça.

— Vamos só comprar os cachorros-quentes.

Como ele parecia cansando, de repente, sugeri delicadamente voltar para o albergue. Mas Robinson não queria nem ouvir.

— Preciso de minha dose diária de nitratos — ele disse. — Além disso, somos turistas e é nossa obrigação agir como turistas.

Subimos a Surf Avenue, onde a enorme placa verde do Nathan's se elevava sobre a rua. Havia um grande espaço externo, com gaiotas pousadas próximo às mesas de plástico, esperando por migalhas. O ar cheirava a mar e a gordura. Não muito apetitoso, em minha opinião, mas a postura de Robinson mudou completamente. Ele parecia um garotinho em uma manhã de Natal.

— Quantos eu devo pedir? — ele perguntou.

— Não sei — respondi, correndo os olhos pelo menu. — Dois? — Eu iria pedir uma salada Caesar, já que aquele não era exatamente um lugar onde eu podia pedir um cachorro-quente de tofu.

Robinson riu da minha sugestão.

— Sonya “a Viúva Negra” Thomas comeu mais de quarenta. Está escrito ali na placa.

— Mas isso foi em uma *competição* — retruquei. — Para nós será só uma refeição.

Robinson considerou o que eu disse.

— Verdade. Vou chegar ao consenso de... quatro. Um com pimenta, um com chucrute e dois simples.

— Você está colocando a vida em jogo — reclamei.

— Só o meu trato gastrointestinal — Robinson retrucou e eu franzi o rosto todo.

Em vez de comer com o resto da multidão, levamos nossa comida para a praia e nos sentamos na areia quente e áspera. Ela estava suja, com pontas de cigarro e latas de cerveja semienterradas. Mas, ainda assim! O oceano era de um verde-azulado deslumbrante, o clima estava perfeito e nós estávamos juntos.

— Dá para acreditar que duas semanas atrás nós estávamos em uma praia na Califórnia? —

Robinson perguntou.

— Que loucura — eu disse, tentando pegar um pedaço de alface murcha. — Fizemos tantas coisas.

Robinson agitou as sobrancelhas em minha direção.

— Não o suficiente, se você me entende.

— Perverso! — falei, cutucando-o com meu pé descalço.

Ele mordeu seu segundo — ou era o terceiro? — cachorro-quente e me cutucou de volta.

Decidi abandonar minha salada murcha e gordurosa e me deitei na areia, olhando as pipas que dançavam para cima e para baixo acima de mim. Devo ter caído no sono por algum tempo, porque, quando acordei, Robinson não estava mais a meu lado.

Olhei ao redor por um instante e, como não o vi, me levantei e comecei a caminhar em direção ao calçadão. Talvez ele tivesse ido procurar a mulher sem cabeça ou a comedora de insetos, ou o comedor de fogo tatuado. Talvez estivesse comprando um copo de Coney Island para fazer par com meu globo de neve do Cedar Point.

Mas ele não estava fazendo nenhuma dessas coisas. Em vez disso, eu o encontrei encostado em uma cerca, tremendo.

E vomitando.

Estendi um braço para tocar seu ombro, mas ele me afastou. Dei um passo para trás.

— Você precisa ir ao médico, Robinson — implorei.

Depois de um breve momento, ele olhou para mim. Seu rosto estava pálido e seus olhos, vermelhos e lacrimejantes.

— Antes que você faça um drama — ele disse —, foram os cachorros-quentes. Não você-sabe-o-quê.

— Como você sabe? — perguntei

— Estou *bem* agora. E, pra falar a verdade, isto é incrível — ele falou, limpando o rosto e tentando sorrir pra mim. — Certeza que eu ganhava daquela Viúva Negra. É só comer e vomitar, comer e vomitar, e desse jeito posso consumir um número ilimitado de cachorros-quentes.

Suspirei.

— Você é doente, Robinson. De muitos jeitos.

— Mas você me ama — ele disse, buscando minhas mãos.

— Amo — eu disse. *Amo tanto.*

Robinson caiu no sono durante a viagem de volta no metrô, e eu praticamente tive que carregá-lo para nosso quarto no albergue. Ele parecia febril, mas eu disse a mim mesma que eram apenas queimaduras de sol. Do vento. Qualquer coisa, contanto que não fosse outra infecção.

Fiquei sentada por um longo tempo ouvindo os sons da cidade, mas, na maior parte do tempo, contemplando Robinson dormir. Suas bochechas estavam menos cheias? Seus olhos, mais fundos?

Poderia estar acontecendo tão devagar, tão sutilmente, que eu não era capaz de perceber...

Me deitei a seu lado e enrosquei meu corpo no dele, lembrando como me recusei a lhe contar uma história para dormir em Las Vegas. Pressionei meu rosto sobre seu coração e jurei nunca lhe dizer não outra vez.



## Capítulo 43

— Precisamos ir para a Filadélfia — Robinson anunciou.

— Precisamos?

Ele assentiu com a cabeça.

— Não estou dizendo que essa viagem é uma lista das coisas que precisamos fazer antes de morrer ou algo assim, mas é extremamente importante que eu coma um sanduíche de filé com queijo da Filadélfia.

Entreguei nossa chave para o recepcionista com cara de chapado e saímos rumo à luz do sol.

— Me diga que está brincando — eu disse, pensando: *ele nem consegue manter um cachorro-quente no estômago. Por que diabos ele está falando de sanduíche de filé com queijo?*

Robinson balançou a cabeça.

— Hoje quero fazer tudo, Axi. Todas as coisas bobas em que eu conseguir pensar.

Coloquei a mão na cintura dele, deslizando meus dedos sob a bainha de sua camisa para tocar sua pele. Pude sentir quando ele estremeceu com meu toque.

— Ao contrário de ontem, ou do dia anterior, quando você era um bom menino e fazia apenas os que as pessoas mandavam?

Ele riu e me envolveu em seus braços.

— Tudo bem. Você está certa.

Eu não queria estragar o momento, contudo precisava dizer o que estava pensando.

— Nós nos divertimos bastante e com certeza podemos continuar nos divertindo. Mas acho que você precisa ver um médico, só por desencargo.

Robinson balançou a cabeça negativamente outra vez, agora de modo mais enfático.

— Não dá, Axi. Há lugares para visitar, pessoas para ver...

Olhei para ele cuidadosamente, medindo sua teimosia contra a minha. Se eu lutasse muito, talvez

pudesse convencê-lo a ir. Só para alguns exames. Eu diria apenas uma rápida ouvida no coração e nos pulmões, talvez um *minúsculo* raio X e a leitura dos níveis de LDH. Eu me sentaria na sala de espera, folheando uma pilha de revistas e esperando boas notícias.

Porque talvez tudo desse certo. Quem disse que não era possível?

Por outro lado, se Robinson fosse ao hospital, ele ficaria ressentido comigo. Intensa e, possivelmente, eternamente.

*De quem é essa viagem, Axi? Me perguntei. Sua? Ou dele?* Porque, no fim, alguém teria que tomar a decisão.

— É a menos de duas horas de distância — Robinson disse, interrompendo meus pensamentos. —

Não é como se eu estivesse te pedindo para me levar a Daytona.

— Você vai fazer isso depois, não vai?

— Não, senhora. Palavra de escoteiro.

Suspirei.

— Tudo bem. Você venceu.

Ele abriu aquele sorriso lindo.

— Adoro quando você vira os olhos desse jeito — ele falou. — É uma graça.

— Ah, para.

— E quando você, tipo, enruga o nariz, como se estivesse sentindo um cheiro ruim, mas na verdade está decidindo se vai rir ou ficar irritada.

— Ah, *sério*. O que mais você ama em mim? — Eu estava irritada comigo mesma e não com Robinson. Ou não irritada, necessariamente. Mais... assustada.

Chegamos ao carro e eu estava subindo no lugar do motorista.

— Me conta — pedi. Dirigi até a rua e peguei a direção rumo ao túnel Holland. Você acreditaria que eu tinha carteira de motorista.

— Bem, tudo — Robinson disse. — Especificamente? A lista é meio longa.

— Você é tão bajulador — reclamei.

Robinson não disse nada por um tempo. Na verdade, estávamos do outro lado do rio quando ele falou, e eu pensei que estivesse dormindo.

— Amo como você toca a ponta do nariz quando está pensando profundamente em alguma coisa —

ele falou, se virando para fixar o olhar em mim. — Amo como você coloca o cabelo atrás da orelha, mas ele cai imediatamente outra vez. Amo seus olhos e seus lábios perfeitos. Amo que seu esmalte, quando você se incomoda em usar, está sempre descascado. Amo como você usa palavras difíceis que preciso procurar no dicionário em casa. Amo essa marca de nascença na forma de meia-lua na ponta do seu dedo mindinho. Amo o jeito como...

Eu não precisava ouvir mais. Eu precisava beijá-lo. Então parei no acostamento e, lá, com o horizonte de Nova York atrás de nós, eu o beijei.

— Vai demorar muito para chegar à Filadélfia desse jeito — Robinson brincou, falando e beijando e sorrindo, tudo ao mesmo tempo.

— Nós temos tempo — eu disse. — Temos muito tempo.



## Capítulo 44

— Então, Patife, você quer ir ao Pat's King of Steaks ou ao Geno's? — perguntei, cutucando Robinson, gentilmente, é claro, para ele acordar. Chegamos à Filadélfia em menos de duas horas, e agora estávamos estacionados entre duas instituições especializadas em sanduíche de filé com queijo, que ficavam a menos de um quarteirão uma da outra, como se fossem capitães de times diferentes.

Robinson bocejou e se alongou.

— Sabe — ele disse, franzindo levemente a testa. — Não estou com muita fome agora. — Por um breve instante, ele colocou a mão sobre o estômago, um gesto estranho para ele. — O que eu queria era uma bebida quente.

Olhei para Robinson, preocupada. Estava fazendo pelo menos vinte e cinco graus lá fora, e eu estava transpirando.

— Você não está com frio, está?

Sentir frio significava que Robinson poderia estar com febre, e, se ele estivesse com febre, isso significava que ele poderia estar com uma infecção, portanto precisava ir para o hospital.

Imediatamente. Porque infecções, em uma pessoa que os médicos chamam de imunodeficiente — uma pessoa como Robinson, que passou por doses altíssimas de quimioterapia, radioterapia e até um transplante de célula-tronco —, poderiam ser fatais.

Estiquei o braço para sentir sua testa, mas ele afastou minha mão.

— Não! — reclamou um pouco alto demais. — Só pensei que um chá seria legal. Daí a gente vai comer um sanduíche de filé com queijo.

Ele saiu da caminhonete e começou a caminhar. Fiquei onde estava, olhando para ele através do parabrisa, me sentindo ao mesmo tempo zangada e preocupada. O que eu deveria fazer? Arrastá-lo para o pronto-socorro para medir sua temperatura? Ele não permitiria.

Então saí do carro e corri para alcançá-lo — o que foi fácil, porque ele estava andando tão rápido quanto um idoso. Como se cada passo exigisse concentração e esforço.

— Um pouco de cafeína e estarei novo — ele observou, apontando para um café no final do quarteirão.

*Por favor, esteja certo sobre isso — pensei. Peguei sua mão.*

No café, encontramos uma mesa ao lado da janela e desabamos em assentos gastos, porém confortáveis. Daí, um cara que parecia um vendedor entrou com tudo e sentou-se na mesa ao nosso lado, conversando em seu telefone celular ao mesmo tempo em que chamava a garçonete, como se fosse uma questão de vida ou morte ser servido antes de nós.

— ... os códigos QR vão aumentar a taxa de conversão de nosso foco de vendas — ele dizia.

Quando a garçonete passou, ele gritou: — Um Earl Grey grande, com leite de soja separado e açúcar, *dois torrões*.

Robinson olhou furioso para ele.

— Esta é a Capital do Amor Fraternal, seu palhaço — resmungou. Então, deitou a cabeça na mesa.

— Meu, não sei por que estou tanto cansado.

Eu queria gritar: *Porque você tem câncer?*

Em vez disso, estiquei o braço e corri os dedos entre seus cabelos grossos e escuros. Quase não me lembrava de como ele ficava sem eles. Demorou um pouco para crescer de novo depois da quimioterapia, mas, quando cresceu, ele deixou ficar mais comprido.

— Isso é uma delícia — ele disse, sua voz abafada.

Respirei fundo, me preparando para falar.

— Robinson, precisamos ir para um hospital. Na verdade, o *nosso* hospital. Vou usar meu cartão de crédito e vamos de avião para casa. Estaremos lá em dez horas.

— Não gosto de aviões — Robinson disse para a toalha da mesa.

— Você precisa ver a Dra. Suzuki. Agora. Ela vai saber o que fazer.

— Toda vez que ouço o nome dela, penso em aulas de violino. Você já ouvir falar do método Suzuki para ensinar música?

— *Não* mude de assunto.

Robinson levantou a cabeça. Seus olhos cansados encontraram os meus.

— Você diz que ela saberá o que fazer. E se nada puder ser feito?

— Há sempre alguma coisa a ser feita — eu disse, minha voz ficando mais alta. Não gostei nem um pouco desse novo tom pessimista dele.

— Você planejou tudo tão perfeitamente, Axi. Por favor, não fique estressada agora.

Busquei suas mãos e as segurei com força.

— Mas quando isso termina, Robinson? Não podemos fugir para sempre.

— Não vamos — ele me garantiu. — Temos apenas mais uma parada para fazer. É a última.

— Uma última parada? — perguntei. — Onde? Por favor não diga que quer ir para Nova Orleans comer jambalaia ou algo assim.

Ele riu e apertou meus dedos.

— Não. Meu estômago não está mais ditando nosso roteiro. Mas é... bem, fica a uns alguns estados daqui.

— Alguns *estados*? — repeti. Era duvidoso que Bete, a Caminhonete, chegasse tão longe.

Do nosso lado, o vendedor começou a gritar.

— Não, Ed, o objetivo é *diminuir* o tempo que leva para o *provável comprador* se tornar *dono do produto*!

Tanto Robinson quanto eu olhávamos para ele com raiva, agora. Ele pegou uma mesa que poderia ter recebido seis pessoas para usar como se fosse seu escritório. Esparramados sobre ela estavam seu iPad, um BlackBerry, uma pasta de couro, um exemplar do *Philadelphia Inquirer*, chaves do carro...

*As chaves do carro dele.*

Foi então que tive uma ideia que chocaria a velha Axi Moore profundamente. Que bom que ela não existia mais.

— Axi? — Robinson disse, acenando a mão na frente de meu rosto. — Você não vai insistir para eu dizer aonde quero ir?

— Sim — respondi distraidamente. — Depois. — Eu estava olhando fixamente para o vendedor.

*Levante-se, pensei. Levante-se.*

— Os números não batem, Ed — ele berrou.

Daí, como se isso estivesse destinado a acontecer, o vendedor se levantou. Ainda se queixando para o Bluetooth, ele seguiu em direção aos banheiros.

Me levantei e joguei uma nota de cinco sobre a mesa.

— Me encontre na esquina sudeste do quarteirão — eu disse, e estava fora do café antes que Robinson pudesse abrir a boca para me perguntar por quê.

Do lado de fora, eu meio que corri pela rua, apertando a trava automática do chaveiro e procurando pelas luzes que responderiam, piscando, ao comando. Será que era o Acura azul? O

Toyota prateado? Tinha tanto propósito que mal senti meu coração acelerar. Estava cuidando de Robinson. Se ele precisava estar em algum lugar, eu iria me certificar de que sua viagem acontecesse em um veículo seguro.

Já havia atravessado para o próximo quarteirão e estava perto do terceiro sem nem mesmo um zunido do carro. Meu pulso estava mais rápido, e minha cabeça começou a doer.

Eu estava roubando um carro.

Em plena luz do dia.

O medo começou a esmagar minha sensação de propósito. Comecei a correr mais rápido. *Onde você está? Pisque os faróis* — resmunguei, como se tivesse poderes mágicos ou algo assim. Ou uma sorte fenomenal. Não importava qual.

Finalmente, quando eu estava prestes a desistir, ouvi o bip de uma buzina respondendo ao comando remoto. Me virei em direção ao som e perdi o fôlego. Era um Mustang GT azul-marinho.

Um conversível.

Comecei a gargalhar como louca. Robinson iria ficar maluco.

Facinho, facinho, abri a porta do motorista e entrei. Os assentos eram de couro cor de bronze e o interior brilhava como se aquele vendedor o lustrasse toda manhã com a própria saliva. Ele, seriamente, sentiria muita falta de seu carro. Uma onda de remorso me atingiu, mas ignorei.

O Mustang praticamente saltou para a rua. Estacionei ao lado de nossa caminhonete e peguei nossas mochilas ao mesmo tempo em que chamei Robinson, que estava encostado em um telefone público como se ficar de pé sem apoio fosse muito esforço.

— Anda logo. O ônibus está saindo.

Ele caminhou em minha direção e seus olhos se arregalaram.

— O qu...

— Entra logo.

Ele demorou mais um segundo para entender meu comando. Mas aí ele entrou, sentou-se a meu lado, e eu liguei o motor.

E então partimos.

— Como... O que... Eu não... — Robinson gaguejou. — Estou...

— Chaves, Clyde — eu disse, fingindo completa indiferença. — Elas são *tão* mais simples que uma furadeira sem fio.

— Eu só não... — ele nem mesmo conseguia terminar uma frase.

— Peguei emprestado do cara mal-educado no café.

Os olhos de Robinson se arregalavam ainda mais conforme ele inspecionava o carro. Ele passou as mãos sobre o painel.

— Quatro ponto seis, motor V-8, trezentos e quinze cavalos de potência e trezentos e vinte e cinco de torque. Puro músculo de fabricação americana. Essa coisa é uma fera selvagem, Axi. — Ele se virou sorrindo para mim. — Logo quando pensei que não era possível te amar ainda mais.

Ele começou a rir. Uma risada forte que eu não ouvia há dias.

— Sério, *graças a Deus* — ele finalmente disse, quase sem fôlego. — Por um minuto, pensei que tivesse morrido e ido para o céu.



## Capítulo 45

Robinson me disse para dirigir para o sul, então dirigi. Pela primeira vez sem fazer perguntas. Eu faria qualquer coisa que ele me pedisse, e, tinha que admitir, o Mustang era um grande avanço em relação à caminhonete. Tinha direção hidráulica, ar-condicionado e, de acordo com Robinson, “um sistema de som Bose que custava mais que um Kia novinho”. O carro devorava a estrada.

Ele estava olhando sonolentemente pela janela agora, observando o mundo passar como eu costumava fazer.

— Você notou — ele disse em certo momento — como esse país inteiro tem, tipo, padrões de formas? Tem a cidade, depois um amontoado suburbano e, então, fazendas. Depois, cidade, amontado suburbano e fazenda de novo...

— E você nunca vai estar a mais de oitenta quilômetros de distância de um McDonald’s — brinquei.

— Isso é um alívio — ele respondeu.

Mais tarde naquela noite, depois de atravessar Delaware, Maryland e metade da Virgínia a toda a velocidade, encostei em uma área de descanso nas montanhas Blue Ridge. Sob um crepúsculo úmido, coloquei nossos sacos de dormir próximo à borda das árvores. Não quis montar a barraca, porque não queria chamar a atenção. De acordo com a lógica esquisita do sistema de descanso em rodovias interestaduais, você pode *dormir* na beira da estrada, mas acampar é proibido. Ainda que acampar em uma área de descanso fosse um dos menores itens da minha lista de crimes e mau comportamento, não vi motivo para ser despertada por um policial batendo com a lanterna na trave da nossa barraca.

Ofereci a Robinson um Slim Jim que havia comprado no último posto, mas ele recusou com a cabeça.

— Aquele McFish que comemos no jantar está pesando no meu estômago como se fosse uma bola de chumbo — ele gemeu. — Acho que vou dormir.

— Eu te disse para pedir a salada. Estava boa.

Ele riu com desdém.

— Pedir salada no McDonald’s é como entrar numa loja de som e sair com um apontador. — Ele entrou em seu saco de dormir, não se incomodando em tirar nada além do cinto.

— Bem, eu estou ótima — retruquei, um pouco ofensivamente.

— Bem,  *você não tem câncer. — Ele foi ríspido.*

Respirei fundo e segurei o fôlego. No silêncio que seguiu, ouvi os grilos cantando e o som dos carros passando pela estrada. Se fechasse os olhos, eu podia imaginar que era o som do oceano.

Senti Robinson procurando minha mão.

— Desculpe — ele sussurrou. — Eu não devia ter dito aquilo.

Me virei para ele. As lágrimas corriam pelo meu rosto.

— Mas e aí? Vamos fingir que tudo está bem? Devemos acreditar só naquilo que queremos? É isso o que devemos fazer, Robinson?

Ele permaneceu em silêncio por mais um momento, o semblante franzido com a concentração.

— Não sei o que devemos fazer — ele disse suavemente. — Acordar e viajar um pouco mais amanhã. Tentar rir. Amar um ao outro. Do que mais precisamos?

— Estou com medo — sussurrei.

— Não há nada a temer, Axi. — Ele levou minha mão até seus lábios e a beijou, bem no centro da minha palma.

— Robinson, desculpe... É nisso que  *queremos acreditar? Me sinto como se estivéssemos indo aos tropeços, esperando o melhor. Quer dizer, aonde estamos indo? Onde está o mapa? O mapa metafórico... o manual de instruções. Os joguinhos de Lego vêm com manual. As tatuagens temporárias vêm com manual. Uma vez eu vi uma página da Internet que ensinava a pedir um café no Starbucks!*

— Sério?

— Sério! O primeiro passo era “Decida o que você quer pedir antes de chegar a sua vez de ser atendido”. Tipo: uau, sério? Uau! Muito obrigada. Eu nunca teria pensado nisso.

Robinson estava rindo agora. Fiquei feliz por tê-lo alegrado um pouco, mas eu não estava me sentindo melhor.

— Onde está o manual de instruções para as coisas importantes? Eu quero! — gritei. — Quais são as instruções para, não sei, para  *a vida?*

A risada de Robinson desapareceu lentamente.

— Axi, se nós tivéssemos um manual, isto não seria a vida. Seria uma tarefa de casa. Não saber o que acontece faz parte do negócio.

Eu sabia que ele estava certo, mas não gostei de ouvir aquilo. Suspirando, me aproximei o máximo

possível dele, mas os zíperes de nossos sacos de dormir nos mantinham separados.

— “Quando as leis da matemática se referem à realidade, não são certas; e, quando elas são certas, não se referem à realidade” — recitei.

— Como? — perguntou Robinson.

— Einstein. O Sr. Fox escreveu na lousa uma vez.

— Gostei — Robinson disse.

— Bem, eu quero certezas.

Parecia que Robinson e eu estávamos presos em dois mundos diferentes. Havia o mundo em que estávamos vivendo — um mundo de liberdade, beleza e, *ok*, irresponsabilidade inexpressivamente maravilhosa e terrível — e o mundo mais escuro e mais triste em que, eu sentia, estávamos prestes a entrar. Eu queria descobrir como navegar nele.

Robinson colocou a cabeça mais perto da minha.

— Ponha na sua lista de Natal.

Me virei para o outro lado.

— Pare de me proteger. Não sei para onde estamos indo.

Robinson se virou e olhou fixamente para o céu. Estava com um azul profundo, aveludado, e pequenos pontos brilhantes começavam a aparecer, mais e mais a cada minuto.

— Aqui está uma certeza — ele disse. — Eu te amo, Axi Moore. E nunca não vou te amar pelo resto da minha vida.

As lágrimas voltaram, e eu não quis enxugá-las.

— Também te amo — sussurrei. — Pelo resto da minha vida.

Nos beijamos, envolvendo nossos braços ao redor um do outro e segurando firme. Depois, exaustos, dissemos boa-noite e fechamos os olhos para dormir.

Deitados ali, naquela noite de verão, era quase como se eu pudesse sentir a Terra se movendo sob nós, girando em seu eixo. Enquanto eu ouvia os grilos cantando um para o outro, me perguntei se o resto de minha vida e o resto da vida de Robinson eram dois períodos completamente diferentes.

*Como você sabe alguma coisa com certeza?* — pensei. Mas eu já sabia a resposta. *Você não sabe.*

Finalmente adormeci. No meio da noite, Robinson e eu rolamos em direção um do outro, nossos braços se cruzando. A noite também parecia nos envolver em um grande abraço, suave e escuro.

A voz de Robinson falou, baixinha e grogue.

— Talvez a gente devesse se casar.

Não consegui responder; meu coração estava cheio. Cheio de felicidade e surpresa — e de futilidade também, porque ninguém vai te deixar casar com 16 anos. Coloquei minha cabeça sobre seu peito, desejando poder me juntar a ele inteiramente. O melhor que eu podia fazer era combinar o ritmo de minha respiração com a dele, longa e constante. Percebi que ele adormecera outra vez.

Talvez ele nem estivesse mesmo acordado, para começar.



## Capítulo 46

No início da tarde, em algum lugar na Carolina do Norte, pegamos uma saída da rodovia e acabamos em um parque, perto da margem de um lago.

— Vamos parar um pouco — Robinson disse. — Gosto deste lugar.

Cercado por árvores e colinas onduladas, o lago estava calmo, refletindo o céu. Abri a janela e respirei o cheiro de ar limpo e fresco.

— Bonito — concordei.

Saímos do Mustang e caminhamos até a margem da água cintilante. Robinson se agachou, pegou uma pedra achatada e a fez pular sobre a superfície. Uma, duas, três vezes.

Ele fez um som de desdém.

— Horrível. Antes eu conseguia fazer doze vezes.

Fui para perto dele e coloquei meu braço ao redor de sua cintura. Era uma sensação tão boa estar fora da estrada... Sentir meus músculos relaxando, a cãibra lentamente deixando meu pé direito.

— Talvez a gente devesse alugar um pedalinho ou algo assim. Dar um tempo. Viajar mais tarde.

Parece que ele não me ouviu.

— Eu adorava vir aqui — ele disse.

— Quê?

Seus olhos percorriam o lago como se ele estivesse vendo outra coisa. Ou outra época.

— Nós fazíamos jangadas, que trazíamos para cá em carretinhas. Depois apostávamos quantas crianças conseguiam subir nelas antes que afundassem. A gente arrumava encrenca, porque você precisa ter autorização para usar um barco. E nós sempre dizíamos que não estávamos em um barco.

Dizíamos que era uma jangada feita por crianças de nove anos com caixotes e pedaços de isopor.

— Espera um pouco — interrompi, soltando meu braço de sua cintura e dando um passo para trás.

— Você está falando *deste* lago?

— Claro — Robinson disse. — Eu nasci a menos de cinco quilômetros daqui.

Dei um safanão em Robinson, que cambaleou.

— Desculpe. — Agarrei sua mão. — Espere. Você me trouxe... para sua casa?

— Queria que você conhecesse meus pais — ele disse, como se fosse a coisa mais simples e menos surpreendente do mundo.

Eu estava passada. Nem sabia direito onde estávamos, e agora eu estava prestes a conhecer os pais de Robinson, que, até então, eram tão reais para mim como um casal de unicórnios.

— Bem-vinda a Asheville, Carolina do Norte — Robinson anunciou, gesticulando em direção às árvores, calçadas e atletas amadores a nosso redor. — Antes conhecida como a Capital da Tuberculose, agora chamada de Paris do Sul ou, para os escritores da *Rolling Stone*, a Nova Capital Maluca dos Estados Unidos.

Balancei a cabeça, sem acreditar no que estava ouvindo. Não sabia se o beijava ou o chutava.

— Você esperou até agora para me dizer?

Ele sorriu.

— Um cara precisa surpreender sua namorada de vez em quando — respondeu. — É romântico assim. Agora vamos ver os pontos turísticos.

Durante a hora seguinte, ele me mostrou a cidade onde nasceu. Eu vi a loja onde ele comprou sua primeira guitarra; a árvore de onde ele caiu e quebrou o braço; a escola primária onde inaugurou um clube de rock 'n' roll (— Era muito legal, embora alguns caras mais velhos tenham protestado, dizendo que o rock 'n' roll era a música do diabo — Robinson contou, com orgulho).

Nada era particularmente especial, mas tudo era extraordinário, porque era parte da infância até então confidencial de Robinson. Eu queria parar em cada esquina, espiar em cada janela. Queria parar estranhos e pedir para eles me contarem uma história sobre Robinson. Ele havia aberto uma porta para seu passado, e eu queria entrar por ela.

Robinson tocou meu braço, me chamando a atenção para uma farmácia que ficava entre um café e uma loja de cristais.

— Veja — ele disse. — Tem até um lugar como o Ernie's. Só que o café é ainda pior. Mais parecido com ácido de bateria. Juro que uma vez esse café fez um buraco no meu jeans. — Ele balançou a cabeça com a lembrança. — Claro, de repente foi ácido de bateria de verdade. Eu com certeza passava muito tempo na oficina do meu pai.

— Oficina? — perguntei.

— Ele é dono de uma oficina. Consertos do Robinson.

— Uau. Ele deu seu nome para a oficina?

Robinson chacoalhou os ombros, indiferente.

— Mais ou menos.

— Como assim mais ou menos? Quem mais poderia ser? A família Robinson da Suíça? Jackie Robinson? Robinson Crusoe? Smokey Rob...

— Ei, está vendo ali? — ele me interrompeu. — Aquele é o poste onde o meu irmão bateu o Cheemer personalizado dele.

— Cheemer? — perguntei. — Nem sei o que é um Cheemer. — Obviamente a conversa sobre o nome da oficina não iria a lugar algum.

— É um Chevrolet com motor BMW — Robinson explicou. — Sabe Chevy com Beemer? O Jay Leno tem um.

— Ah — fingi, desejando que esses nomes significassem alguma coisa para mim. — Tipo um purê automotivo.

Ele riu.

— Exatamente. É a versão automobilística daquela coisa com o Eazy-E e com o Johnny Cash,

“Folsom Prison Gangstaz”. *I got beat for the street, Ta pump in ya jeep...* [\[ 16 \]](#).

— Você deveria parar — aconselhei. — Aquele cara ali está te olhando de um jeito engraçado.

— Como se eu ligasse — Robinson respondeu, mas acabou parando. Ele parecia cansado outra vez. — Vamos naquela direção, ok? — Apontou vagamente para o leste, e foi assim que vi a Biltmore House, um chalé gigantesco dos anos dourados construído por um Vanderbilt de cujo primeiro nome Robinson não se lembrava. Parecia um castelo de conto de fadas. Um lugar onde a Cinderela poderia ter vivido feliz para sempre com seu príncipe.

Onde estava o meu feliz-para-sempre? Bem que eu queria saber. Por que aquela menina tola tinha um e as minhas chances eram tão pequenas?

Sem pensar, parei no acostamento. Olhei para Robinson como se estivesse prestes a lhe fazer essas perguntas.

— Ah, perfeito — ele disse. — Esse lugar é muito especial.

Olhei ao redor. Estávamos parados no meio de um monte de árvores.

— Por que é tão especial?

Robinson soltou meu cinto de segurança e me puxou em sua direção. Trouxe sua boca para perto da minha e sussurrou:

— Foi aqui que eu fiz *isto*.

Dáí ele me beijou. Um beijo longo, doce e afetuoso que quase me fez chorar — porque ali estávamos, juntos, e talvez esse finalmente fosse o fim da estrada.



## Capítulo 47

A casa, de estilo vitoriano e três andares, tinha uma pequena torre redonda, janelas com vitrais e uma varanda enorme. Os degraus da entrada arqueavam no centro, e a pintura estava começando a desbotar e a descascar. Mas ela era pitoresca desse jeito — um jeito chique descuidado.

Havia roseiras por todo lado, desabrochando em cores diferentes: branco como neve, amarelo com as pontas alaranjadas como o pôr do sol, o cor-de-rosa suave de uma sapatilha de balé. As rosas subiam por uma grade na varanda e se espalhavam pelo parapeito, enchendo o ar com seu perfume glorioso.

Subi as escadas atrás de Robinson, gelada de nervoso. Ele me deu uma piscada e um rápido aperto na mão e tocou a campainha.

Por um momento, nada aconteceu. Ouvi uma voz e latidos dentro da casa, e então uma mulher que presumi ser a mãe de Robinson apareceu na porta. Quando ela viu quem tinha tocado, abriu a boca como se fosse gritar, mas, em vez disso, caiu no chão — meio que desabando, como se fosse uma marionete e seus cordões tivessem sido cortados.

Robinson gritou:

— Mãe!

Tentou ajudá-la a se levantar, mas, antes que se aproximasse dela, um homem que só podia ser o pai dele apareceu no corredor. Ele viu Robinson e, por um segundo, ficou só olhando para ele.

Eles estavam agindo como se tivessem visto um fantasma.

*Desconfortável!* — pensei. E eles ainda não haviam me notado. A visitante não anunciada.

Claro, se eu aparecesse em casa depois de desaparecer como desapareci, meu pai pensaria que eu era uma alucinação induzida pelo álcool e fecharia a porta em minha cara.

O pai de Robinson lentamente se agachou para levantar sua esposa. Era como se eles estivessem em um tipo de câmera lenta. Quando ambos estavam de pé outra vez, o choque começou a dar lugar a um tipo de felicidade que não me lembro de ter visto no rosto de meu pai desde que eu era uma menina. A mãe de Robinson agarrou seu filho e o apertou *com força*.

— Meu Deus! — ela gritou. — Você está aqui! Senti tanta saudade!

O pai de Robinson enxugava os olhos, tentando se controlar. Ele estendeu um braço e agarrou o ombro

do filho.

— Oscar — ele disse, a voz cheia de surpresa e alívio. — Você voltou.

Robinson piscava rapidamente e talvez chorava um pouco. Eu também estava chorando diante desse reencontro, e, ao mesmo tempo, pensando: *Oscar? Quem é Oscar?*

Os latidos começaram outra vez, e uma cachorrinha marrom veio correndo, tão rápido quanto suas pernas curtas permitiam.

— Leafy! — Robinson gritou.

Ela era tão gorda quanto uma salsicha, e seu corpo todo balançava enquanto a cauda permanecia imóvel. Robinson se abaixou e ela prosseguiu para atacá-lo, em um frenesi de lambidas e latidas.

— Senta, menina — ele pediu, rindo, e ela obedeceu por cerca de cinco milésimos de segundos antes de se jogar sobre ele outra vez. — Também te amo — ele disse, esfregando suas orelhas marrons e compridas.

Um homem alto que parecia exatamente com um Robinson mais velho e mais corpulento apareceu:

— Que bagunça é essa?

Quando ele viu Robinson, correu em sua direção e parecia que ia derrubá-lo. Sem pensar, pulei em sua frente e estiquei o braço, como se eu — com meus 55 quilos e um metro e sessenta de altura

— pudesse bloquear seu ataque.

O homem parou abruptamente e disse:

— Uau, guarda-costas gostosa, cara.

Fiquei vermelha enquanto Robinson e seu irmão se abraçaram e bateram nas costas um do outro.

Depois Robinson se afastou e colocou um braço de forma protetora ao redor de meus ombros.

— Pessoal — ele anunciou —, esta é a Axi. — Ele olhou para mim e sorriu. — Minha parceira no crime. — Em seguida, na frente de todo mundo, ele me beijou. Um pouco menos inocentemente do que eu poderia esperar.

— Bem, bem. — A mãe dele começou, tentando sorrir para mim também. — Axi, estou contente em te conhecer. — Ao invés de apertar minha mão, ela me puxou para junto de seu pescoço, que cheirava a rosas, e percebi há quanto tempo uma mãe, qualquer mãe, não me abraçava. — Ah, desculpe, querida — ela completou, dando tapinhas na mancha de umidade que deixou em minha camiseta. Riu, envergonhada. — Estou um pouco emocionada.

Robinson completou as apresentações.

— Este é meu irmão, Jonathan. Ele tem vinte anos, mas provavelmente ainda mora aqui, porque é um

vagabundo. — A afeição era clara em sua voz.

Jonathan fingiu ficar ofendido.

— Tenho minha própria casa — ele disse. — Só vim pegar algumas ferramentas emprestadas.

— E esperar para ver o que a sua mãe vai fazer para o jantar — o pai acrescentou.

— Talvez — Jonathan admitiu.

Robinson continuou:

— E estes são meu pai, Joe, e minha mãe, Louise. Mas todo mundo a chama de Lou.

— E você? — sussurrei. — Oscar?

Ele balançou os ombros, levemente sem-graça.

— Dá pra entender por que eu prefiro Robinson — explicou. Então ele me puxou para junto dele outra vez. — Prometo — ele sussurrou — que esse é o último dos meus segredos.



## Capítulo 48

Depois de um jantar delicioso com lasanha, pão de alho e salada, durante o qual mais ocorreram mais lágrimas e mais crises de riso que eu pude contar, Robinson me pegou pela mão e me levou para os fundos da casa.

— Eu não tinha permissão para levar meninas para o meu quarto — disse. — Mas vou presumir que meus pais já superaram isso. — Empurrou uma porta um tanto quanto frouxa, mas, em vez de levar a um quarto, ela se abria para uma varanda com janelas em três lados. O chão de madeira estava gasto e empenado; havia um sofá de vime de dois lugares ao longo de uma das paredes e uma cama de casal encostada em outra. Guitarras e amplificadores estavam alinhados em um canto, ao lado de uma pilha organizada de CDs.

— Este é o seu quarto? — perguntei, pensando em meu quarto escuro, do tamanho de um guarda-roupas.

— É a velha varanda de dormir. Este lugar foi um hospital para pacientes de tuberculose —

Robinson contou. — Os doentes tinham que dormir ao ar livre, então existem quartos como este por toda a cidade.

— Adorei — eu disse, correndo um dedo pelo peitoril da janela.

Robinson afundou na cama.

— Dormi no chão, aqui, por duas semanas — ele explicou —, reivindicando a posse do lugar.

Finalmente disseram que podia ser meu.

Me sentei ao lado dele. Os lençóis estavam limpos, e os travesseiros haviam sido recentemente afofados; ou alguém havia dado uma escapulida para arrumar o quarto ou a mãe de Robinson o mantinha como se o filho tivesse apenas saído para dar uma volta.

— Seus pais são incríveis. Por que você não ficou com eles... Esse tempo todo?

Robinson franziu a testa.

— Fomos para Portland por causa do programa de imunoterapia experimental da Dra. Suzuki. Ela é a melhor de lá, não é? Mas meus pais estavam ficando num hotelzinho meia-boca e indo ao hospital todo dia. Era péssimo. Era difícil para eles. Então, eu pedi: “Por favor, vão para casa. Não é isso o que

eu quero. Não quero que vocês me vejam passar por isso”.

— E eles simplesmente foram *embora*? — Não sei por que fiquei tão chocada, considerando que minha própria mãe me abandonou.

— Eles não queriam, acredite. Mas eu os obriguei. Falei que, se as coisas ficassem muito ruins, claro que eles podiam voltar. Mas as coisas não ficaram ruins. Elas melhoraram. A imunoterapia estava ajudando, e eu tive alta.

— No mesmo dia que eu — completei, sorrindo com a lembrança daquela manhã perfeita.

— Certo. E eu planejava voltar para cá, mas havia o problema com você.

— O *problema*? — perguntei.

Ele sorriu.

— O problema de ter uma queda gigantesca por você e você nem saber — ele completou. — Mas, convenientemente, meu tio tinha acabado de se mudar para sua cidade. Você ia para Klamath Falls, e eu decidi ir atrás. Eu queria ficar com você.

Fiquei vermelha.

— Estou feliz que tenha me seguido. Mas, ainda assim... Não acredito que tenham deixado você ir embora.

— Eu falei que voltaria no outono. Cursar o último ano na minha velha escola. Eles entenderam.

Eu queria fingir que era normal, em uma escola onde ninguém sabia que eu tinha câncer. Eu era só um garoto que ia estudar fora por um tempo — ele sorriu. — Um semestre no exterior, na bucólica Klamath Falls.

Debochei:

— É melhor você procurar *bucólico* no dicionário.

— Não preciso, porque tenho você — Robinson disse, virando os olhos.

— Ah, certo. — Dei-lhe um cutucão com o pé. Mas sua história ainda não fazia sentido para mim.

— Por que você nunca falou de sua família? Por que eles eram um segredo tão grande?

Robinson suspirou.

— Eu não gostava de falar deles porque me sentia culpado. Sabia que era egoísmo meu ficar longe deles. E eu queria ver o mundo, Axi. Queria uma vida maior. — Ele pegou um cacho de meu cabelo e o enrolou entre seus dedos. — Queria me apaixonar.

Concordei com a cabeça. Era completamente maluco, acho.

— Mas você, tipo, escrevia para eles?

— Claro — ele respondeu. — Eles sabiam que eu estava bem.

— E esta viagem? Como você explicou para eles?

Ele sorriu.

— Eu disse que a escola estava em recesso...

— Mesmo você não estando mais na escola — interrompi.

— Bem, eles não sabiam. E não iriam conferir o calendário para ver que ainda havia mais três semanas de aulas. Falei que ia para o Motorsport. É um acampamento de verão para loucos por carros — ele disse, pensativo. — Parecia ser bem legal, na verdade.

Virei os olhos.

— Você é louco.

— Mas você me ama.

Me inclinei e o beijei no canto da boca.

— Amo.

Uma explosão de música veio da garagem, onde, segundo Robinson, Jonathan estava transformando um velho Buick em um carro de corrida personalizado.

— Você sabia que viríamos para cá, então? — perguntei.

Robinson balançou a cabeça.

— Pensei que voltaríamos para o Oregon primeiro. Mas depois...

Ele não terminou a frase, no entanto eu sabia o que viria depois. Ele começou a se sentir mal. E queria ir para casa.

Eu entendia. Eu também correria para minha mãe, se tivesse uma. Se soubesse em que *estado* ela estava morando.

Olhei pela janela e vi todas as luzes flutuantes. Eram verde-amarelado e estavam piscando.

— Que é aquilo? — perguntei.

Robinson me olhou, boquiaberto.

— Você nunca viu um vaga-lume antes? Um pirilampo?

— Um o quê? Não! Não temos isso no Oregon.

Robinson se sentou e olhou para o gramado.

— Não fazia ideia de que você era tão limitada. Eles são os melhores insetos do mundo, porque seu traseiro acende. É assim que encontram um parceiro para acasalar.

— São lindos — eu disse.

Robinson estendeu a mão e afastou o cabelo de meu rosto.

— Não tão lindos quanto você.

— Não seja cafona.

— Não sou. Isso é tão sério quanto a morte. — Ele fez uma pausa. — Melhor dizendo, tão sério quanto estar morrendo.

— Não, você *não* deveria dizer isso.

Robinson respirou fundo.

— Ah, Axi, estou cansado. Me conte uma história para dormir.

— Me cante uma canção de ninar — pedi, com um sorriso. — Como em Vegas. — Eu tinha a intenção de ceder dessa vez, mas não tão facilmente.

— História — ele insistiu.

— Canção.

— Cara ou coroa — ele falou.

— Não! Não precisa — gritei.

Ele me olhou de um jeito estranho.

— Por que não?

— Não precisa.

— Tudo bem. Mas então você tem que me contar uma história.

Deitamos na cama. Respirei fundo e comecei. Um começo de conto de fadas.

— Era uma vez uma menina e um menino.

— Por enquanto está bom — Robinson analisou. Ele se virou e colocou seu rosto em meu pescoço.

— A menina estava sempre dando ordens para o menino — ele disse, os lábios roçando minha pele.

— Ela vivia dizendo para ele comer melhor.

— A menina se preocupava com o que era melhor para ele — retruquei.

— Mmmm — disse Robinson. Sua voz já estava pesada de sono.

— Ela queria cuidar dele — sussurrei. — E ser cuidada por ele.

Parei, ouvindo a música que vinha da garagem. Era Bob Dylan, pensei, mas não sabia qual canção.

— Ela achava que eles tinham sorte — continuei. — Porque eles encontraram um ao outro. Ela sabia que, às vezes, as pessoas precisavam procurar durante anos até encontrar o que queriam. E

outras, as poucas pessoas abençoadas, simplesmente tropeçavam naquilo que buscavam. Como crianças na praia. Algumas voltavam para casa só com pedras e conchas quebradas; outras achavam uma bolacha-da-praia, frágil, mas bela.

Robinson suspirou. A essa altura ele estava dormindo.

— E a garota entendia outra coisa. E talvez o menino também entendesse. O amor era mágico e infinito. Mas a sorte, no final das contas, não era.

Lá fora, na garagem, Jonathan aumentou o volume da música e eu finalmente ouvi a voz nasal e áspera de Dylan. *The future for me is already a thing of the past / You were my first love and you will be my last* [ [17](#) ].

Cerrei os punhos a meu lado. Olhei pela janela, procurando uma estrela para fazer um pedido, mas as nuvens cobriam a noite. As únicas luzes eram os vaga-lumes, acendendo e apagando, acendendo e apagando.



## Capítulo 49

Os pais de Robinson me receberam como se eu fosse da família — e não disseram nada sobre eu ter passado a noite no quarto de seu filho. Joe, que era apaixonado por história, me contou logo na manhã seguinte sobre os hospitais para tuberculosos em Asheville. (Até mesmo F. Scott Fitzgerald, minha paixão literária durante o nono ano, ficou internado em um deles.) Jonathan me mostrou o carro em que estava trabalhando, explicando várias coisas que eu não entendia sobre o motor e prometendo me levar para dar uma volta assim que ele comprasse pneus novos. Lou comprou bacon de soja depois que Robinson mencionou que eu não comia carne e, em uma tarde, fez uma trança em meus cabelos.

— Eu sempre quis ter uma filha — ela disse, melancolicamente. — Esses meninos e seus carros.

Eu os amo mais que qualquer coisa, mas é cavalos de potência daqui, carburador de lá, e eu sempre me perguntei: *Quem vai me ajudar a podar as rosas?*

— Não tenho muita experiência com jardinagem — admiti. Meu pai e eu tínhamos uma folhagem no apartamento, mas a esta altura já estava seca.

— Você iria gostar — Lou disse. — É uma pessoa cuidadosa, dá pra ver.

*Pelo menos eu costumava ser* — pensei.

— É como o Pequeno Príncipe diz — ela continuou. — “Você é eternamente responsável pelas coisas que cativa. Você é responsável por sua rosa”. Você não pode cativar um carro de corrida, Axi. Não é a mesma coisa.

Sorri.

— Eu já citei esse livro para o seu filho.

— Ninguém nunca iria convencer Oscar, quero dizer Robinson, a ler esse livro.

Saímos da casa para mergulhar no suave ar de verão, e ela me ensinou a cortar as rosas para que elas continuassem a florescer até o final do outono. Quando voltamos para dentro, nossos braços estavam carregados de flores, o suficiente para decorar todos os cômodos.

Viver com a família de Robinson seria perfeito se ele não estivesse ficando mais doente a cada minuto. Era como se estar de volta a sua casa lhe desse permissão para parar de fingir que estava bem. E, se havia alguma dúvida acerca do diagnóstico — ou qualquer objeção sobre seu significado

—, uma visita ao especialista que cuidou dele na infância extinguiu qualquer esperança.

— Recomendo que vocês procurem assistência hospitalar — o médico disse. Ou seja: tudo o que vocês podem fazer agora é dar-lhe conforto. *Até que.*

A notícia se espalhou rapidamente pela cidade, e as visitas começaram a aparecer, trazendo ensopados, biscoitos e caixas de lenços de papel. Houve uma procissão de amigos, vizinhos, colegas de escola e técnicos de futebol que conheciam e amavam Robinson.

Robinson recebeu as visitas no velho sofá da sala, pálido embaixo dos cobertores, enquanto o resto de nós usava mangas curtas e secávamos o suor de nossos rostos. Seu espírito estava alegre, mas ele se cansava facilmente. Mesmo estando com dor, ele raramente acionava o botão de morfina de seu alimentador intravenoso. Ele dizia que fazia sua cabeça parecer um balão de ar quente.

Todos tinham histórias para contar, como a vez em que Robinson ganhou uma corrida de carrinhos de rolimã, mas continuou correndo por cerca de oitocentos metros porque havia esquecido de colocar freios no carro. E como ele “pegou emprestado” a fantasia de mascote da escola para executar uma dança obscena durante o intervalo de um jogo de volta às aulas. Uma vizinha me disse que Robinson aparava sua grama e limpava seu jardim, mas sempre recusava receber por seus serviços; e um garoto de 12 anos, cheio de espinhas, me disse que, quando ele tinha 8 anos, Robinson o salvou de se afogar no lago Beaver.

Era como estar vendo a vida de Robinson passar diante de meus olhos, nas palavras e histórias de pessoas que o amavam.

Quando estava bem, Robinson entretinha as pessoas com histórias da vida “lá no oeste”, que ele fazia soar muito melhor do que realmente era.

— Se Klamath Falls tiver um crescimento na indústria turística, vai ser por sua causa — eu brinquei uma noite. — E todos vão voltar para casa desapontados.

— Klamath Falls tem seu charme — ele disse.

— Ah, é? E qual seria?

— O nome dela é Axi Moore — ele respondeu. — Nossa, essa foi fácil. Ah, e a churrascaria Wubba’s Express tem um sanduíche de carne de porco desfiada excelente.

Tá vendo o que eu quis dizer? Espírito alegre.

Durante o dia, eu servia aperitivos ou aquecia tigelas de macarrão ou sopa no micro-ondas.

Mesmo que nós, na casa, não tivéssemos fome, todas as outras pessoas tinham. Era literalmente uma festa que nunca acabava.

Lou se movia pela casa como se estivesse em um sonho, ou em um pesadelo. Joe estava pálido e assustado. Jonathan, obedecendo a uma ordem de Robinson, pregou um aviso na parede que dizia PROIBIDO CHORAR. Não que alguém fosse capaz de seguir essa ordem em particular. Até mesmo a gordinha da Leafy chorava e latia, como se também tivesse histórias sobre Robinson para contar.

— Ela foi campeã de agility — Joe disse uma vez, balançando a cabeça. — Dá para acreditar?

— Agora ela é campeã de comilança — Jonathan acrescentou, jogando um biscoito para ela.

Me abaixei e esfreguei as orelhas peludas de Leafy, que respondeu com uma lambida em minha mão. Senti uma saudade repentina de meu velho cachorrinho. Ou talvez fosse uma saudade aguda da família sadia e amorosa que nunca realmente tive. Era difícil dizer.



## Capítulo 50

— Feche os olhos — Robinson disse, abrindo a gaveta ao lado de sua cama. Fingi fechar os olhos, mas os arregalei quando ele tirou de dentro dela um canivete com uma lâmina brilhante e prateada.

— Quando há uma faca por perto, gosto de prestar atenção — brinquei. — Meio que tenho isso como princípio.

Ele riu, e tossiu.

— Não vou apontá-la para você — ele implicou. — Era só pra isso. — Ele gesticulou em direção ao lambril da varanda.

— O que você vai fazer?

— É surpresa. Você vai ver. Só fecha os olhos.

Eu o vi enfiar a ponta do canivete na madeira e fiz o que ele pediu. Não sei quanto tempo se passou, mas acho que devo ter adormecido, porque a próxima coisa que notei foi Robinson me acordando.

— Veja — ele pediu.

Uma mensagem estava esculpida na parede da varanda: B&C PARASEMPRE.

— Bonnie e Clyde. — Ele sorriu para mim, seu sorriso torto e perfeito. — Somos nós.

— Para sempre — eu disse.

Nos deitamos outra vez, e Robinson colocou seus braços a meu redor. Corri os dedos pelas veias em seu pulso, linhas delicadas, visíveis através de sua pele como um mapa, e pensei no mapa que estava em minha mochila, aquele em que havíamos marcado cada parada: Los Angeles. As sequoias.

Detroit. Pensei também em minha sacola de suvenires. Objetos mágicos — um globo de neve, uma esfera de vidro — que, sob determinado ponto de vista, eram apenas porcarias.

— Já sinto saudades de você — Robinson disse baixinho.

— Eu estou aqui — sussurrei em resposta. — Sempre estarei aqui.

— Mas eu não vou estar — ele rebateu.

Uma dor incomensuravelmente profunda e sombria cresceu em meu peito. Não falei nada, porque sabia que ele estava certo. Beijeí seu rosto, seus lábios e, então, de algum modo, adormecemos.

No meio da noite, nós acordamos e, sem dizer uma palavra, buscamos um ao outro. As mãos de Robinson me procuravam, sua boca beijava meu pescoço. Eu trouxe seu rosto junto ao meu, faminta por seus lábios. Nos beijamos e ouvi um gemido suave — meu. Percebi que estava tremendo.

Robinson sorriu, suavemente delineando o contorno de minha sobrancelha, de meu nariz, de minha boca.

— Não fique nervosa — ele sussurrou.

Como eu poderia ficar nervosa? Eu sabia o que estava prestes a acontecer. O ar estava carregado com o momento. Íamos nos beijar até perdermos o fôlego e depois... e depois...

Me movi para mais perto dele, passando minha mão por seu quadril e sua coxa. Senti seu corpo estremecer quando corri meus dedos pela maciez de seu estômago.

Ele pegou minha mão e a segurou.

— Eu te amo.

— Também te amo — sussurrei. E então libertei meus dedos de sua mão para poder tocá-lo outra vez.

Nos beijamos pelo que pareceram horas — às vezes com ternura, outras quase com desespero. Às vezes parávamos e ficamos apenas nos olhando. Como se estivéssemos gravando na memória nossos corpos e aquele momento. Eu me sentia como se fosse feita unicamente de desejo.

Daí Robinson se afastou e eu o vi tirar a camiseta. Sua pele branca parecia brilhar à meia-luz. Ele olhou para mim com uma pergunta em sua expressão e, então, buscou os botões de minha blusa. Ele estava sussurrando meu nome.

— Você quer... — ele perguntou.

— *Sim* — respondi.

Nos contorcemos para remover o resto de nossas roupas, e coloquei meus braços ao redor de seu pescoço. Eu o guiei em minha direção. Queria colocá-lo dentro de meu corpo — como se pudéssemos nos tornar uma única pessoa: como se, finalmente, eu pudesse protegê-lo.

Robinson estava ofegante, e nos beijávamos. Eu o acariciei em todos os lugares, mesmo quando senti meu corpo se dissolver. Ele sussurrava palavras em minha boca, mas eu não conseguia me concentrar nelas, porque algo dentro de mim estava desabrochando. Eu não era mais Axi Moore. Eu era eu mesma e eu era ele; eu era a noite e as estrelas. Nós dois, ali naquela cama, estremecendo de desejo.

Depois, ele dormiu bem junto de mim, e eu olhei para nossas iniciais na luz bruxuleante.

B&CPARASEMPRE.

De certo modo, eu sabia que era verdade. Estaríamos juntos para sempre.



## Capítulo 51

Acordei com o som de pássaros fazendo um barulho alto e desarmonioso nos grandes carvalhos do quintal. Me encolhi junto a Robinson, contente que o barulho não o tivesse acordado.

Leafy, que criara o hábito de ficar de guarda na porta do quarto toda noite, entrou quando ouviu o som das cobertas e sentou-se ao pé da cama. Ela imediatamente começou a choramingar, porque sabia que eu não conseguia resistir a seus grandes olhos marrons. Nos quatro dias em que estávamos ali, eu tinha lhe dado quase uma caixa inteira de petiscos.

— Quieta, Leafy — eu disse. — Seja paciente.

Ela balançou a cauda e choramingou mais alto. Como não fui buscar Milk-Bones imediatamente, ela começou a latir.

— Quieta — sussurrei. — Robinson está dormindo.

Porém, atrás de mim não havia movimento algum, apesar do barulho, e uma sensação de pânico terrível se apossou de mim. Me virei para olhar o peito de Robinson e vi que ele não estava subindo e descendo. *Ele não estava respirando.* De repente eu estava pulando da cama, levando as mãos ao rosto.

Leafy começou a latir ainda mais alto — um biscoito estava prestes a aparecer a qualquer instante, ela tinha certeza —, e eu não me incomodei em silenciá-la, porque não importava. *Nada* importava.

Finquei minhas unhas em meu rosto, e as lágrimas quentes caíram rapidamente. Estava sem ar e mal podia dizer seu nome, mesmo quando queria gritar.

*Robinson, volta! Não estou pronta! Estou completamente, totalmente despreparada!*

Os latidos de Leafy ganharam um tom de confusão. Eu a peguei, coloquei meu rosto em seu pescoço quente e pensei: *Meu Deus, como vou contar para Lou? Como vou fazer qualquer coisa outra vez?*

Minha boca estava cheia de pelo da Leafy e ela ainda estava latindo, embora mais suavemente agora, como se estivesse se desfazendo em um gemido patético.

Estava acabado. Estava terminado.

E eu estava dormindo.



## Capítulo 52

Uma mão tocou meu ombro e eu pulei como se tivesse sido queimada. Levantei os olhos embaçados pelas lágrimas.

O rosto de Robinson parecia flutuar sobre a cama como o de um fantasma. E, depois, sua voz familiar e baixinha.

— Axi? Você está bem? — ele disse.

Quase caí. Era ele. Estava vivo.

— Pareço bem? — gritei. Engatinhei de volta para a cama e agarrei suas mãos como se ele estivesse me salvando de um afogamento. Nunca me senti tão aliviada na minha vida. — Me diga: *pareço estar bem?*

— Seus olhos estão meio vermelhos — ele respondeu, com a voz grogue, mas bem-humorada. —

Você tem alergia à Leafy ou algo assim?

— Vou te matar — ofeguei. Soltei suas mãos e me deitei a seu lado na cama, pressionando meu corpo contra o dele e tentando acalmar minha respiração. Estive tão perto de perdê-lo.

— Ah, provavelmente você não vai precisar se incomodar — Robinson disse. — Já tem algo cuidando disso. Mas não se preocupe. Ainda estou aqui pra te torturar.

— Nunca pare — pedi.

— Vou fazer o melhor possível. — Robinson deu uma batidinha na beirada da cama e Leafy subiu também, mas obviamente não era fácil para ela. Observei Robinson fazer carinho atrás de sua cabeça e orelhas. Ele bocejou e se mexeu na cama, inquieto e desconfortável enquanto despertava para sua doença e a dor que ela causava.

Corri um dedo ao longo de seu pescoço.

— Você quer alguma coisa? — perguntei.

Ele não me respondeu. Seus olhos estavam fechados, e eu pensei que ele estava caindo no sono outra vez. Ele estava dormindo tanto ultimamente. Conforme sua respiração ficava mais regular, lentamente saí da cama e fui em direção à porta, pronta para dar uma olhada nos pais dele. Daí ele disse baixinho:

— Sim.

— O quê?

— Eu quero mais tempo — respondeu. Seus cílios estavam escuros em contraste com sua pele pálida.

Mordi o lábio e senti a pontada de mais lágrimas.

— Tudo bem — sussurrei. — Mais tempo saindo.

Quando eu estava no corredor, ele me chamou de volta.

— Axi — ele começou, meio sentado outra vez. — Me ouça. Primeiro, Leafy não precisa de outro biscoito, não importa o quanto ela pense que precisa. Então, deixe o pacote de Milk-Bones na dispensa. Segundo: tem um buraco na sua camisa, você deveria pedir para minha mãe remendar.

Terceiro: como aquela música idiota do Mason Jennings diz, há muitos jeitos de morrer.

Levantei uma mão.

— Uau, Robinson...

Ele me ignorou.

— Não importa como é o fim, o que importa é que ele chega. *Bum*, e acabou. Mas a vida, Axi...

Existem níveis de vida. Você pode vivê-la bem ou ser um sonâmbulo. Você pode descer a encosta de trenó ou pode passar o resto da vida em frente à TV. Não quero parecer um idiota num programa da tarde, mas você precisa continuar vivendo do jeito que vivemos essas últimas semanas. Arriscar, Axi. Esse é o segredo. Arrisque tudo.

Consenti com a cabeça, tentando não chorar.

— Ok. Mas não vou continuar roubando carros.

— Tudo bem — ele disse.

— O que vou fazer... — comecei. Eu não era capaz de dizer as duas últimas palavras daquela frase: *sem você*.

Robinson sorriu.

— Provavelmente você vai tentar não reprovar em física. E você deveria continuar escrevendo.

Pensei em meu diário, nas anotações malfeitas e aleatórias e todas as páginas a serem preenchidas.

Pelo menos eu tinha tirado algumas fotos durante nossa viagem.

— Vou escrever as partes boas.

— Não, você tem que escrever as boas e a ruins. — Robinson beliscou a ponta do cobertor. Seus olhos estavam arregalados e sérios. — Você pode escrever sobre mim, e assim eu vou viver para sempre.

O que eu poderia dizer? Afundei em uma cadeira e coloquei a cabeça em minhas mãos.

— Sabe, o seu era o único livro que eu queria ler. Então escreve, Axi. Você consegue. Você consegue fazer qualquer coisa. Quer dizer, olha para você. Você não é mais a MC. Você é muito mais que isso.

Ri forçosamente.

— Não sinto falta dela.

— Eu a amava — Robinson disse. — E amava a menina doente que você era quando te conheci, e amava a boa aluna e a péssima motorista. Eu amava a ladra de carros, a mochileira, aquela que citava livros que nunca li e aquela que odiava Slim Jims... Axi Moore, eu amei cada uma de você que existiu.

Caminhei até a cama e coloquei minha cabeça em seu peito.

— Vou sempre ser sua — sussurrei.

— Eu sei — ele respondeu.

Observei o modo como nossos dedos se entrelaçaram e pensei: *Para quê as mãos são feitas se não para isso? Para segurar. Para segurar firme.*



## Capítulo 53

Os dias se tornaram todos iguais à medida que Robinson começou a sonhar mais e a falar menos. O tempo perdeu o significado para ele, mas eu estava dominada por uma sensação de espera.

Algo estava prestes a acontecer, algo que seria tanto uma escuridão devastadora como um alívio.

Ficávamos com ele em turnos: Lou pela manhã, Joe à tarde, Jonathan à noite e eu durante a madrugada. Eu lia para ele os livros de Lou: Steinbeck, Whitman, Fitzgerald, Hemingway. Ela leu *O Pequeno Príncipe*.

Uma noite, durante meu turno, me esgueirei para a escuridão quente lá fora. Os grilos estavam indo à loucura, e os vaga-lumes eram como pequenas lanternas emitindo um tipo de código Morse de insetos.

Através da janela, Robinson parecia pequeno e frágil sob as cobertas, como uma criança em sua cama infantil. Como se devesse estar abraçado a um ursinho de pelúcia.

Escolhi uma estrela e pedi tão arduamente quanto pude que, de algum jeito, eu pudesse protegê-lo contra o que estava no horizonte.

*Estamos nisso juntos*, Robinson costumava dizer. Me lembrei da primeira vez que ele me disse isso, na hora do jantar na ala de oncologia, quando recebemos uma porção de gororoba marrom com ervilhas.

— Estamos nisso juntos — Robinson havia declarado. — Axi, nós conseguimos fazer isso. — Ele levantou o garfo bem alto, como uma espada. — Conseguimos comer essa... essa... seja lá o que for isso!

Era uma piada naquela época; agora era real. Nós estaríamos nisso juntos apenas mais um pouco, porque o que estava vindo era algo pelo qual Robinson teria que passar sozinho. Eu daria minha vida pela dele, mas não havia ninguém que pudesse me oferecer isso. Ninguém que pudesse fazer a troca.

Nenhuma estrela para realizar meu desejo.

Às três horas daquela manhã, eu estava quase dormindo, segurando a mão dele, quando, de repente, vi que ele estava acordado.

— A moto — ele disse, sua voz assombrada e urgente. — Tem gasolina?

Despertei imediatamente.

— Sim — eu disse.

— Acho que a junta do cabeçote já era. Está vazando óleo.

— Seu irmão está verificando — tranquilizei-o. Seja qual fosse o mundo em que Robinson estivesse, eu estaria junto com ele. — Ele disse que você não precisa se preocupar, que ele vai resolver. Vai ficar pronto logo.

— E o cabo da embreagem? Está gasto.

— Ele também vai consertar.

Então Robinson me olhou por um longo tempo. Em algum momento, pareceu voltar a si.

— Axi — ele sussurrou.

— Oi — sussurrei de volta.

Ele olhou ao redor do quarto, para um pôster do Bob Dylan, para as guitarras encostadas, todas as coisas que deixou para trás quando foi para o hospital. Seus dedos tremeram, e eu os segurei com força.

Eu sabia o que estava acontecendo. O que eu deveria dizer.

Havia uma pedra em minha garganta, mas eu a engoli com força.

— Está tudo bem — consegui falar. — Tudo bem se você precisa ir. — A última parada.

Ele levou minha mão a seus lábios e a beijou, bem no centro da minha palma. Daí ele fechou meus dedos ao redor daquele lugar, como se aquele beijo fosse algo a que eu devesse me agarrar para sempre.

Me deitei na cama com ele. Ele se moveu, suspirando.

— Axi.

— Estou bem aqui.

Segurei sua cabeça em meus braços. Pressionei minha boca contra seu rosto. *Estamos nisso juntos.*

— Axi — ele chamou outra vez.

Eu lhe disse que o amava. Ele me amava também, ele disse. Sempre. Eu o ouvi dizer meu nome repetidamente. Ele o sussurrou uma vez atrás da outra, até que não soava mais como meu nome. Era apenas um som, um ritmo. Quase como uma canção.

— Axi — ele suspirou. — Axi.

E, então, finalmente, ficou em silêncio.

Do lado de fora, a música dos grilos pareceu chegar ao ápice. Coloquei a mão no bolso e peguei a moeda com a qual joguei cara ou coroa tanto tempo atrás, na ala de oncologia, esperando que, de algum modo, ela me dissesse que Robinson sobreviveria. Carreguei aquela moeda comigo todos os dias desde que ela me mostrara cara, me disse que ele ficaria comigo.

Agora, segurei-a firme e, então, joguei-a para o ar e a vi cair. E o resultado não importava. Não havia mais uma pergunta, não havia mais um pedido. Apenas a resposta e o vazio que ela trouxe.



## Epílogo

Na bucólica Klamath Falls, o início do outono é claro e seco. As folhas já estão ficando marrons, permitindo-se ser arrancadas de seus galhos pelo vento e amontoadas em gramados não aparados.

Meu pai está lá em baixo, no jardim, procurando um relógio que deixou cair no caminho do bar para casa na noite passada. Ele já está procurando faz meia hora (se você quer saber, acho que Critter encontrou e o levou direto para a loja de penhores do Jack). Meu pai olha constantemente para mim, sentada aqui na pequena sacada do apartamento, como se pensasse que eu pudesse desaparecer a qualquer momento.

Não vou a lugar algum, a menos que você conte com minhas aulas obrigatórias de física. Você não pode passar em uma matéria quando mata as três últimas semanas de aula e deixa de entender o que supostamente era tão importante sobre as leis da física.

Essas leis não explicam por que Robinson teve que morrer. Elas não explicam como eu posso continuar sem ele. Então, estou bem certa, não me importo em compreender como a “entropia de qualquer sistema isolado sem equilíbrio térmico quase sempre aumenta”.

Mas, então, como uma voz vinda do céu, algo da aula aparece repentinamente em minha mente: *um corpo em movimento tende a ficar em movimento; um corpo em repouso tende a ficar em repouso.*

Essa é a definição de *inércia*, uma palavra que teria feito Robinson virar os olhos.

*Estou em movimento. Vou continuar em movimento.* Talvez uma daquelas forças mágicas do universo físico contribuísse para me manter seguindo adiante, não importa a dor que sinto.

Ou não.

Coloco meus braços a meu redor, inspirando o cheiro de Robinson, que ainda permanece em sua camisa de flanela, que estou usando. Minhas lágrimas começam a brotar e a transbordar outra vez.

Estou muito, muito cansada.

— Ei, Axi, dá uma olhada nisso! — meu pai chama. Me debruço sobre o parapeito e ele aponta para uma roseira murcha onde uma flor solitária está milagrosamente desabrochando. Dou um sorriso fraco. Esperava que ele enfim tivesse encontrado o relógio.

— Você está bem? — ele pergunta.

Chacoalho os ombros. Quer dizer, como posso responder a essa pergunta? Vi a Dra. Suzuki na semana passada, e meu câncer ainda está em remissão. Minha taxa de sobrevivência para os próximos cinco anos? Quase noventa e três por cento.

*Tecnicamente, sim, estou bem. Tecnicamente.*

Mas, sentada aqui, com o sol aquecendo meu rosto, sei que uma parte de mim está faltando. É como se os médicos tivessem arrancado algo essencial de meu corpo. Uma parte vital de que, tenho certeza, eu precisava para continuar respirando. Não apenas existindo.

Mesmo agora, ainda ouço a risada de Robinson e, por um instante, meu coração dança. No entanto, quando procuro, nunca é ele. É o vento, ou o canto de um pássaro, ou uma alucinação de meus próprios delírios.

Acho que foi amor à primeira vista para nós dois; só demorou um pouco para percebermos. É

compreensível, considerando que estávamos sendo perfurados por agulhas, invadidos por partículas radioativas, possivelmente envenenados pelas substâncias horrorosas que o hospital tentava disfarçar de comida e, depois, quando recebemos alta, fugindo e roubando carros juntos.

Então, tínhamos outras coisas em que pensar.

Claro, às vezes eu pensava que *sim*, que reconhecemos nossos sentimentos imediatamente, mas não podíamos admiti-los para nós mesmos. Como se, secretamente, pensássemos: *Ok, o câncer é assustador, mas o amor é aterrorizante.*

E é. Mas também é empolgante, atordoante e milagroso.

Antes de Robinson e eu partirmos em nossa viagem, escrevi uma dissertação sobre o pensador francês Michel de Montaigne. (— Hummmm, *sofisticado* — Robinson debochou.) “A melhor coisa no mundo é saber pertencer a si mesmo”, Montaigne escreveu. E, se por um lado Montaigne foi um homem muito inteligente, tenho certeza de que, nessa instância em particular, ele falou besteira.

A melhor coisa no mundo é saber pertencer a outra pessoa. Do modo como Robinson e eu pertencemos um ao outro. Nos agarramos tão firmemente um ao outro quanto pudemos, por quanto tempo pudemos. Não foi o suficiente.

Mas tem que ser.

À noite, quando as estrelas surgem, olho para o céu e me lembro de Robinson na janela do hospital em La Junta, tão perto de mim que perdi o fôlego. Penso no que eu não disse naquela noite, que é o seguinte: as estrelas que vemos não são estrelas reais. Nós vemos a luz que elas emitiram há milhões de anos, mas que só agora alcançam nossos olhos. Nós não vemos uma estrela, mas sim sua memória.

— Lembre-se de mim antes disso — um Robinson pálido e doente me disse. — Lembre-se de mim com o violão.

Já que as lembranças são tudo o que tenho agora — a menos que você conte uma esfera de vidro, um

chaveiro, uma camisa e uma moeda que um dia deu sorte —, tento fazer o que ele pediu.

— Escreva sobre nós — Robinson insistiu. — Conte nossa história.

E eu escrevi; contei nossa história. Você a tem em suas mãos.

Queria apenas ter feito isso melhor. Como você poderia, através das minhas palavras simples e mundanas, possivelmente experimentar a alegria que senti quando Robinson mergulhou naquela piscina em Los Angeles, ou deslizou na areia dourada das Grandes Dunas, ou me beijou em um templo antigo? Como você poderia entender o que Robinson significava para mim? Sua risada era como o dobrar dos sinos. Ele realmente considerava que Slim Jims estava em uma classe alimentar toda sua. Quando ele tocava e cantava, fosse na ala de oncologia ou no Tompkins Square Park, todo mundo parava para ouvir. Ele era mágico.

— Axi! — meu pai grita lá de baixo. — Encontrei! — Ele está segurando seu Timex e rindo como se tivesse ganhado na loteria.

— Bom para você! — respondo. Como se ele fosse o filho e eu, a mãe.

Sinto que estou em débito com meu pai, fugindo como fugi. Ele quase morreu de tanto beber, de preocupação e de saudade. Estou tentando compensar pelo fato de que quase não voltei a tempo para salvá-lo.

Desejava apenas ter podido salvar Robinson, também.

Mas sei que Robinson não queria que eu ficasse triste depois de sua morte. Ele me queria inteira, bem e escrevendo. Sobre nós.

— Faça questão de usar um monte de palavras que eu não entenderia — ele disse, usando o resto de sua energia para me atormentar. — Um monte de metáforas sofisticadas e tal.

Apenas concordei com a cabeça. Eu faria qualquer coisa que ele quisesse.

Amar Robinson tornou tudo mais iluminado e mais bonito. E, se a vida desbotou um pouco desde que ele partiu, ela ainda é mais vívida do que costumava ser. Agora o sol ofusca. A rosa vermelha joga seu perfume no ar. E a brisa me acalenta, quando deixo.

Na maioria dos dias eu penso nele e sorrio, mesmo se preciso chorar desesperadamente primeiro.

Ele nunca deixou de acreditar que teve sorte. Talvez não o bastante para sobreviver, mas sorte por simplesmente ter vivido.

Ele foi minha luz, meu coração, meu lindo patife. E eu fui — *sou* — sua MC.

**FIM**

*Oscar James Robinson*

*21 de junho de 1996 – 6 de julho de 2013*

*Não me encontrando em um lugar, procure em outro.*

*Estarei parado nalgum lugar esperando por você.*

*Walt Whitman*

# Notas

- [1] Marca de produtos para higiene pessoal de origem orgânica. (N.T.)
- [2] Eu não quero me divertir / porque prefiro pilotar minha moto. (N.T.)
- [3] E eu não quero morrer / só quero pilotar minha moto. (N.T.)
- [4] *Barrel of monkeys*. Jogo em que peças de plástico, em formato de macacos, devem ser penduradas umas sobre as outras. O jogador perde quando seu macaco cai. (N.T.)
- [5] Acrônimo utilizado rotineiramente na Internet. *Be right back* — em português, volto logo. (N.T.)
- [6] Se você conseguir deixar essa rodovia de Los Angeles / Sem se matar ou ser pego. (N.T.).
- [7] Las Vegas não é lugar para um pobretão como eu. (N.T.)
- [8] Refere-se à Constituição dos Estados Unidos, segundo a qual “nenhum cidadão americano é obrigado a testemunhar contra si mesmo”. (N.T.)
- [9] Mesmo castelos feitos de areia... (N.T.)
- [10] Ame-me ternamente, ame-me de verdade. (N.T.)
- [11] Termo usado para descrever a situação em que um par romântico, do cinema ou da televisão, se encontra pela primeira vez. Geralmente essa situação é descrita como adorável ou engraçada. (N.T.)
- [12] Wladziu Valentino Liberace foi um pianista e showman norte-americano. Ele sempre vestia roupas no mínimo inusitadas. (N.T.)
- [13] Bebida alcoólica à base de frutas, geralmente de produção caseira, também conhecida por *palinca*. (N.T.)
- [14] Seguindo em frente, com todo o meu fôlego. (N.T.)
- [15] Vou parar o mundo e derreter com você. (N.T.)
- [16] Tenho que pegar as ruas / Te pegar em um jipe. (N.T.)
- [17] O futuro, para mim, já é coisa do passado / Você foi meu primeiro amor e será o último. (N.T.).

# JAMES PATTERSON

N.º 1 em todo o mundo  
Mais de 295 milhões de livros vendidos

## *Primeiro Amor*



e EMILY RAYMOND



TOPSELLER